

Exercícios com Gabarito de Português

Sintaxe - Período Simples

- 1) (Cesgranrio-1995) Assinale a opção que traz corretas classificações do sujeito e da predicação verbal.
- "Houve uma considerável quantidade" - sujeito inexistente; verbo transitivo direto.
 - "que jamais hão-de ver país como este" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
 - "mas reflete a pulsação da inenarrável história de cada um" - sujeito simples; verbo transitivo direto e indireto.
 - "que se recebe em herança" - sujeito indeterminado; verbo transitivo indireto.
 - "a quem tutela" - sujeito simples; verbo intransitivo.

- 2) (UFC-2002) No trecho: "Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade ou na virtude de homem algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e indignos; há porém alguns que sem dúvida com o fim de ser mais nocivos aos outros, e para produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a verdade nua e crua, (...)" (p.65):
- algum* e *alguns* são pronomes indefinidos.
 - alguns* é sujeito do verbo haver.
 - algum* equivale a nenhum.

Assinale a alternativa correta sobre as assertivas acima:

- apenas I é verdadeira.
- apenas II é verdadeira.
- apenas I e II são verdadeiras.
- apenas I e III são verdadeiras.
- I, II e III são verdadeiras.

- 3) (PUCCamp-1995) A questão da descriminalização das drogas se presta a freqüentes simplificações de caráter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que está mais em evidência.

Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantém acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que "no fim da linha" usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo "neoliberal" busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comércio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.

(Adaptado de Marcos P.T. Ferraz, Folha de São Paulo)

Como solução, apontam, com freqüência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos.

Sobre a frase anterior é INCORRETO afirmar-se que:

- o sujeito é inexistente.
- "com freqüência" é um adjunto adverbial.
- "os reconhecidamente muito dependentes" é o objeto indireto.
- "programas extensos" é o objeto direto.
- "extensos" é adjunto adnominal.

- 4) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta

os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muíto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querem que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris.

Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e

não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la?

Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil.

Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95.

Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Todas as alternativas contêm trechos que, no texto, apresentam imprecisão do agente da ação verbal, exceto:

- a) Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece?
- b) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro?
- c) Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
- d) Já não basta os prefeitos, como imperadores, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais (...)?

5) (Mack-1996) "Há uma gota de sangue em cada poema." Assinale a alternativa que contém uma observação correta sobre a sintaxe dessa frase.

- a) sujeito: uma gota de sangue.
- b) verbo intransitivo.
- c) adjuntos adverbiais: uma e de sangue.
- d) complemento nominal: em cada poema.
- e) predicado verbal: toda a oração.

6) (UFV-1996) "Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil." As gramáticas diriam que esta flexão verbal está correta porque o sujeito é composto:

- a) de diferentes pessoas gramaticais.
- b) constituído de palavras mais ou menos sinônimas.
- c) posposto ao verbo.
- d) ligado por preposição.
- e) oracional.

7) (Mack-2001) ... E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa; face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordoado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos.

É desconhecida a sua existência durante tão longo período. Um velho caboclo, preso em Canudos nos últimos dias da campanha, disse-me algo a respeito, mas vagamente, sem precisar datas, sem pormenores característicos. Conheceram-nos nos sertões de Pernambuco, um ou dois anos depois da partida do Crato.

Considere as afirmações.

I - *a anacoreta sombrio e a sua existência* desempenham função sintática de sujeito.

II - Os pronomes oblíquos assinalados desempenham funções sintáticas diferentes.

III - Depois da conjunção *mas* há elipse de um verbo. Assinale:

- a) se apenas I e II estiverem corretas.
- b) se apenas II e III estiverem corretas.
- c) se apenas II estiver correta.
- d) se todas estiverem corretas.
- e) se apenas I e III estiverem corretas.

8) (UECE-2006) “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite.

..... Rumor suspeito quebra a harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se. Diante dela, e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo. Foi rápido como o olhar o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara. A mão, que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?
 - Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas que nunca viram outro guerreiro como tu?
 - Venho de longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
 - Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”
- (José de Alencar, do romance Iracema)

“ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra”. (linhas 17 a 18). O agente de deslumbra é

- a) a virgem
- b) os olhos
- c) a palavra que
- d) o sol

9) (UFSC-2007)

TEXTO 4

- 1 “Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até as últimas pontas, que lhe desciam à cintura. Em pé não dava jeito: não esqueceste que ela era um nadinha mais alta que eu, mas ainda que fosse da mesma altura. Pedi-lhe que se sentasse”.

[...]

- 10 “Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração?”

[...]

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve!”

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: FTD, 1991, p. 65, 208 e 209.

A respeito do TEXTO 4 e da obra *Dom Casmurro*, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

- 01. Em “Peguei-lhe dos cabelos...” (linhas 1-3), “...que lhe desciam” (linha 3) e “Pedi-lhe que se sentasse” (linhas 4-5), a palavra destacada, embora sendo um pronome pessoal oblíquo, tem valor possessivo.
- 02. Os pronomes destacados em “Capitu deu-me as costas” (linha 1), “voltando-se para o es-pelhinho” (linha 1) e “... que se sentasse” (linhas 4-5) são todos reflexivos,

pois o mesmo indivíduo ao mesmo tempo que exerce a ação expressa pelo verbo, recebe os efeitos dessa ação.
04. Em “Em pé não dava jeito” (linha 3), a elipse do sujeito nos remete a Capitu, que não conseguia pentear seus cabelos sem o auxílio do narrador.

08. *Dom Casmurro* é um romance com fortes tendências realistas, em que Machado exercita com maestria os longos textos descritivos e explicativos, prolongando a história e protelando o desfecho.

16. A narrativa gira em torno do triângulo Bentinho, Capitu e Escobar. Bentinho é o narrador que está vivo e relatando o triste desfecho da história de sua vida, cujos pilares foram Capitu e Escobar, que já estão mortos.

32. Bentinho tem certeza de que foi traído, e o romance oferece pistas para sua comprovação, como, por exemplo, a semelhança de Ezequiel com Escobar e uma carta reveladora deixada por Capitu.

64. Com a frase “A terra lhes seja leve!” (linha 13), Bentinho revela acreditar que os dois possíveis amantes não merecem punição.

10) (PUC-SP-2006) A animalização do país

Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".

Prossigue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.

Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes.

"Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.

O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.

Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante.

O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No primeiro parágrafo do texto, lê-se o seguinte trecho: "No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado...". Em relação a esse trecho, a ação de ler expressa em "lia-se" tem como agente:

a) Um grupo generalizado de leitores.

b) Apenas Elvira Lobato, uma vez que ela é a autora do artigo referido pelo autor.

c) Apenas o relato de Elvira Lobato, pois é ele que exerce a ação expressa pelo verbo.

d) Exclusivamente o próprio autor deste artigo (Clóvis Rossi), porque só ele pôde ter acesso ao texto.

e) Somente os jovens negros referidos no artigo, pois o que aconteceu com eles é o centro deste artigo.

11) (Vunesp-2003) A questão abaixo toma por base um fragmento da *Poética*, do filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), um fragmento de *Corte na Aldeia*, do poeta clássico português Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622), e um fragmento de uma crônica do escritor realista brasileiro Machado de Assis (1839-1908).

Poética

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postas em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa), - diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes aos seus personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibiades ou o que lhe aconteceu.

(Aristóteles, *Poética*)

Corte na Aldeia

- A minha inclinação em matéria de livros (disse ele), de todos os que estão presentes é bem conhecida; somente poderei dar agora de novo a razão dela. Sou particularmente afeiçoado a livros de história verdadeira,

e, mais que às outras, às do Reino em que vivo e da terra onde nasci; dos Reis e Príncipes que teve; das mudanças que nele fez o tempo e a fortuna; das guerras, batalhas e ocasiões que nele houve; dos homens insignes, que, pelo discurso dos anos, floresceram; das nobrezas e brasões que por armas, letras, ou privança se adquiriram. [...] [...]

- Vós, senhor Doutor (disse Solino) achareis isso nos vossos cartapácios; mas eu ainda estou contumaz. Primeiramente, nas histórias a que chamam verdadeiras, cada um mente segundo lhe convém, ou a quem o informou, ou favoreceu para mentir; porque se não forem estas tintas, é tudo tão misturado que não há pano sem nódoa, nem légua sem mau caminho. No livro fingido contam-se as cousas como era bem que fossem e não como sucederam, e assim são mais aperfeiçoadas. Descreve o cavaleiro como era bem que os houvesse, as damas quão castas, os Reis quão justos, os amores quão verdadeiros, os extremos quão grandes, as leis, as cortesias, o trato tão conforme com a razão. E assim não lereis livro em o qual se não destruam soberbos, favoreçam humildes, amparem fracos, sirvam donzelas, se cumpram palavras, guardem juramentos e satisfaçam boas obras. [...]

Muito festejaram todos o conto, e logo prosseguiu o Doutor:

- Tão bem fingidas podem ser as histórias que merecem mais louvor que as verdadeiras; mas há poucas que o sejam; que a fábula bem escrita (como diz Santo Ambrósio), ainda que não tenha força de verdade, tem uma ordem de razão, em que se podem manifestar as cousas verdadeiras.

(Francisco Rodrigues Lobo, Corte na Aldeia)

Crônica

(15.03.1877)

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinze dias, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.

E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar. O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi.

[...]

(Joaquim Maria Machado de Assis, História de Quinze Dias. In: Crônicas)

A leitura do último período do fragmento de Rodrigues Lobo revela que o escritor valeu-se com elegância do

recurso à elipse para evitar a repetição desnecessária de elementos. Com base nesta observação, a) aponte, na série enumerativa que começa com a oração “se não destruam soberbos”, os vocábulos que são omitidos, por elipse, nas outras orações da série; b) considerando que as sete orações da série enumerativa se encontram na chamada “voz passiva sintética”, indique o sujeito da primeira oração e as características de flexão e concordância que permitem identificá-lo.

12) (FGV-2006) Amor de Salvação

Escutava o filho de Eulália o discurso de D. José, lardeado de facécias, e, por vezes, atendível por umas razões que se lhe cravavam fundas no espírito. As réplicas saíam-lhe frouxas e mesmo timoratas. Já ele se temia de responder coisa de fazer rir o amigo. Violentava sua condição para o igualar na licença da idéia, e, por vezes, no desbragado da frase. Sentia-se por dentro reabrir em nova primavera de alegrias para muitos amores, que se haviam de destruir uns aos outros, a bem do coração desprendido salutarmente de todos. A sua casa de Buenos Aires aborreceu-a por afastada do mundo, boa tão somente para tolos infelizes que fiam do anjo da soledade o despenarem-se, chorando. Mudou residência para o centro de Lisboa, entre os salões e os teatros, entre o rebuliço dos botequins e concurso dos passeios. Entrou em tudo. As primeiras impressões enjoaram-no; mas, à beira dele, estava D. José de Noronha, rodeado dos próceres da bizarriz (*sic*), todos porfiados em tosquiarem um dromedário provinciano, que se escondera em Buenos Aires a delir em prantos uma paixão calosa, trazida lá das serranias minhotas. Ora, Afonso de Teive antes queria renegar da virtude, que já muito a medo lhe segredava os seus antigos ditames, que expor-se à irrisão de pessoas daquele quilate. É verdade que às vezes duas imagens lagrimosas se lhe antepunham: a mãe, e Mafalda. Afonso desconstrangia-se das visões importunas, e a si se acusava de pueril visionário, não emancipado ainda das credences do poeta inesperto da prosa necessária à vida. Escrever, porém, a Teodora, não vingaram as sugestões de D. José. Porventura, outras mulheres superiormente belas, e agradecidas às suas contemplações, o traziam preocupado e algum tanto esquecido da morgada da Fervença.

Mas, um dia, Afonso, numa roda de mancebos a quem dava de almoçar, recebeu esta carta de Teodora:

“Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui. Aqui estou em pé diante do mundo. Sinto o peso do coração morto no seio; mas vivo eu, Afonso. Meus lábios já não amaldiçoam, minhas mãos estão postas, meus olhos não choram. O meu cadáver ergueu-se na imobilidade da estátua do sepulcro. Agora não me temas, não me fujas. Pára aí onde estás, que as tuas alegrias devem ser muito falsas, se a voz duma pobre mulher pode perturbá-las. Olha... se eu hoje te visse, qual foste, ao pé de mim, anjo da minha infância, abraçava-te. Se me dissesses que a tua

inocência se baqueara à voragem das paixões, repelia-te. Eu amo a criança de há cinco anos, e detesto o homem de hoje.

Serena-te, pois. Esta carta que mal pode fazer-te, Afonso? Não me respondas; mas lê. À mulher perdida relanceou o Cristo um olhar de comiseração e ouviu-a. E eu, se visse passar o Cristo, rodeado de infelizes, havia de ajoelhar e dizer-lhe: Senhor! Senhor! É uma desgraçada que vos ajoelha e não uma perdida. Infâmias, uma só não tenho que a justiça da terra me condene. Estou acorrentada a um dever imoral, tenho querido espadaçá-lo, mas estou pura. Dever imoral... por que, não, Senhor! Vós vistes que eu era inocente; minha mãe e meu pai estavam convosco.”

A propósito do trecho “Compadeceu-se o Senhor. Passou o furacão. Tenho a cabeça fria da beira da sepultura, de onde me ergui.” (L. 22-23), pode-se dizer que:

- A) Teodora diz que Deus havia tido dó de seus sofrimentos. Assim, o termo Senhor é sujeito de compadeceu-se.
- B) A autora da carta dirige-se a Deus; assim, a função sintática de Senhor é vocativo.
- C) Teodora havia falecido. O autor recorre a um artifício para dar-lhe voz.
- D) Teodora declara já ter conseguido retomar completamente o controle de sua vida porque tinha sofrido demais.
- E) Em passou o furacão, identifica-se a figura chamada silepse.

13) (Unicamp-1995) Ao ler o texto a seguir, alguns leitores podem ter a impressão de que o verbo "achar" está flexionado equivocadamente:

ERA DO TERROR

Assessores de Itamar filosofam que o governo justo é aquele que entra do lado do mais fraco. Como consideram a inflação resultado de conflito na distribuição de renda, apregoam cadeia para quem acham que "abusa" nos preços.

(Painel, Folha de S. Paulo, 11.03.94)

- a) a quem o jornal atribui a opinião de que quem abusa nos preços deve ir para a cadeia?
- b) do ponto de vista sintático, o que produz a sensação de que há um erro de concordância?
- c) explique por que não há erro algum.

14) (FGV-2004) Assinale a alternativa em que a oração sublinhada funciona como sujeito do verbo da oração principal.

- a) Não queria que José fizesse nenhum mal ao garoto.
- b) Não interessa se o trem solta fumaça ou não.
- c) As principais ações dependiam de que os componentes do grupo tomassem a iniciativa.
- d) Era uma vez um sapo que não comia moscas.

e) Nossas esperanças eram que a viatura pudesse voltar a tempo de sair atrás do bandido.

15) (FGV-2002) Assinale a alternativa em que estrelas tem a mesma função sintática que em:

“Brilham no alto as estrelas.”

- a) Querem erguer-se às estrelas.
- b) Gostavam de contemplar as estrelas.
- c) Seus olhos tinham o brilho das estrelas.
- d) Fui passear com as estrelas do tênis.
- e) As estrelas começavam a surgir.

16) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que o pronome ocê exerça a função de sujeito do verbo sublinhado.

- a) Cabe a você alcançar aquela peça do maleiro.
- b) Não enchas o balão de ar, pois ele pode ser levado pelo vento.
- c) Ao chegar, vi você perambulando pelo *shopping center* da Mooca.
- d) Ei, você, posso entrar por esta rua?
- e) Na Estação Trianon-Masp desceu a Angelina; na Consolação, desceu você.

17) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa em que o termo sublinhado **não** é sujeito da oração.

- a) “João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.” (Carlos Drummond de Andrade)
- b) “E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isso que vejo é meu!” (Gonçalves Dias)
- c) “São aqueles que empurram as águas e as fazem servir de alimento” (Mário de Andrade)
- d) “Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado...” (Gonçalves Dias)
- e) “Mas precisamos agora
deter o sabotador
que instala a bomba da fome
dentro do trabalhador.” (Ferreira Gullar)

18) (FGV-2002) Assinale a alternativa que completa corretamente as lacunas da frase:

“Eu _____ encontrei ontem, mas não _____ reconheci porque _____ anos que não _____ via.”

- a) lhe, lhe, há, lhe.
- b) o, o, haviam, o.
- c) lhe, o, havia, lhe.
- d) o, lhe, haviam, o.

e) o, o, havia, o.

19) (UFMG-2005) Considere este conceito:

“O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração.”

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 119.

REDIJA um texto, **explicitando** por que esse conceito **não** se aplica a cada uma das seguintes frases:

1. Eu vos declaro marido e mulher.
2. Dessa água, nós não bebemos de jeito nenhum.

20) (ITA-2005) Considere o uso do participio nas frases abaixo:

I. Considerado um dos principais pensadores da educação no país, o economista Cláudio de Moura Castro sintetiza a relação atual do diploma com o mercado de trabalho em uma frase (...).

II. Equilibrados demais acessórios, igualado o preço, o motor pode desempatar a escolha do consumidor.

III. Brasileiro nascido na China, Wong observa que é em países como esses (...).

Considere ainda a seguinte regra gramatical:

“[...] a oração de participio tem sujeito diferente do sujeito da oração principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.”

(Cunha, C.; Cintra, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985:484)

Esta regra se aplica

- a) apenas a I.
- b) a I e II.
- c) a I e III.
- d) apenas a II.
- e) a II e III.

21) (Fuvest-2004) Conversa no ônibus

Sentaram-se lado a lado um jovem publicitário e um velhinho muito religioso. O rapaz falava animadamente sobre sua profissão, mas notou que o assunto não despertava o mesmo entusiasmo no parceiro. Justificou-se, quase desafiando, com o velho chavão:

- A propaganda é a alma do negócio.

- Sem dúvida, respondeu o velhinho. Mas sou daqueles que acham que o sujeito dessa frase devia ser o negócio.

- a) A palavra alma tem o mesmo sentido para ambas as personagens? Justifique.
- b) Seguindo a indicação do velhinho, redija a frase na versão que a ele pareceu mais coerente.

22) (FGV-2003) Diga, da perspectiva da norma culta, se a frase abaixo está correta ou incorreta. Justifique sua resposta.

Este livro trata-se da melhor forma de você se divertir sem gastar muito.

23) (UFV-1996) Dizem algumas gramáticas que o sujeito não pode ser regido de preposição. Assinale a alternativa em que aparece exemplo ilustrativo de obediência a essa proscição:

- a) "A proteção dele não precisa ser parruda..."
- b) "... quem não se chateia com o fato de o seu bem ser paquerado."
- c) "... quando se chega ao lado dele a gente treme..."
- d) "... quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado..."
- e) "... quem não fala sozinho, não ri de si mesmo..."

24) (Mack-2002) Embalo da canção

- 01 Que a voz adormeça
- 02 que canta a canção!
- 03 Nem o céu floresça
- 04 nem floresça o chão.

05 (Só - minha cabeça,
06 Só - meu coração.
07 Solidão.)

- 08 Que não alvoreça
- 09 nova ocasião!
- 10 Que o tempo se esqueça
- 11 de recordação!

12 (Nem minha cabeça
13 nem meu coração.
14 Solidão!)

Cecília Meireles

Assinale a afirmação correta sobre o texto.

- a) Na primeira estrofe, o eu cita experiências do passado.
- b) alvorecer e florescer expressam o desejo de um mundo melhor.
- c) Em nem floresça o chão tem-se oração sem sujeito.
- d) A quarta estrofe retoma a segunda para aprofundar a idéia de solidão.
- e) A forma verbal adormeça expressa o apelo a um tu, a quem o eu se dirige.

25) (Cesgranrio-1994) Entre as frases a seguir somente UMA apresenta sujeito indeterminado. Assinale-a.

- a) Há a marca da vida nas pessoas.
- b) Não se necessita de lavadeira.
- c) Vai um sujeito pela rua.
- d) Não se engomou seu paletó.

e) Pedem-se um pouco de paciência.

26) (UFPE-1996) ERRO DE PORTUGUÊS

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
o português.
(Oswald de Andrade)

Em:

"Vestiu 'o índio' ..."

" 'O índio' tinha despido ...", os termos entre aspas simples exercem, respectivamente, as funções de objeto direto e sujeito agente.

Assinale o par de frases em que, para os destaques, a classificação sintática é, respectivamente, a mesma.

a) "... e perdeu a 'calma'."

"A 'calma' voltou a estabelecer-se."

b) "Do mundo, 'nada' se leva."

" 'Nada' se cria; tudo se recria."

c) "O diretor exibiu 'cenas' do filme."

"As 'cenas' foram exibidas na noite de estréia ..."

d) "Encontraram-se 'vestígios' da ação."

"Dos 'vestígios', nada fora encontrado."

e) "Fundiam-se no 'personagem' sentimentos contraditórios."

"O 'personagem' exibia sentimentos contraditórios."

27) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem

Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.

O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...

Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.

Então? Foi bem de viagem?

O carreiro dá uma risadinha.

“Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...”

“E o quê?”

“... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.

E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.

(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

A sintaxe de concordância é determinada por regras presentes na Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Uma delas refere-se ao sujeito constituído por palavras que têm forma plural precedidos ou não de artigo. Identifique o caso em que o sujeito é um plural aparente:

a) “Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.”

b) “A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora.”

c) “Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.”

d) “As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza.”

e) “E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro.”

28) (Mack-2001) Ficávamos sonhando horas inteiras,

Com os olhos cheios de visões piedosas:

Éramos duas virginais palmeiras,
Abrindo ao céu as palmas silenciosas.

As nossas almas, brancas, forasteiras,
No éter sublime alavam-se radiosas.
Ao redor de nós dois, quantas roseiras...
O áureo poente coroava-nos de rosas.

Era um arpejo de harpa todo o espaço:
Mirava-a longamente, traço a traço,
No seu fulgor de arcanjo proibido.

Surgia a lua, além, toda de cera...
Ai como suave então me parecera
A voz do amor que eu nunca tinha ouvido!
Alphonsus de Guimaraens

Assinale a alternativa correta.

a) Os versos 3 e 4 expressam, por meio de metáforas, a desistência da busca de alturas.

- b) No último verso, uma vírgula depois de amor mantém o sentido inalterado.
- c) Na segunda estrofe, nomes e verbos representam um mundo carnal.
- d) No verso 8, há a sugestão do tempo da cena por meio do sujeito sintático.
- e) Os versos 9 e 12 apresentam sujeito anteposto ao verbo.

29) (UFMG-1998) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro? Nos juros, no crédito, nas alíquotas de importação, no câmbio, na Ufir e nas regras do imposto de renda?

Já não basta mudarem as formas da Lua, as marés, a direção dos ventos e o mapa da Europa? E as regras das campanhas eleitorais, o ministério, o comprimento das saias, a largura das gravatas? Não basta os deputados mudarem de partido, homens virarem mulher, mulheres virarem homem e os economistas virarem lobisomen, quando saem do Banco Central e ingressam na banca privada?

Já não basta os prefeitos, como imperadores romanos, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais como a Vieira Souto, no Rio de Janeiro, ou se lançarem à aventura maluca de destruir largos pedaços da cidade para rasgar avenidas, como em São Paulo? Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece? Não basta mudarem a capital federal, o número de estados, o número de municípios e até o nome do país, que já foi Estados Unidos do Brasil e depois virou República Federativa do Brasil?

Não, não basta. Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.

"Minha pátria é a língua portuguesa", escreveu Fernando Pessoa pela pena de um de seus heterônimos, Bernardo Soares, autor do Livro do Desassossego. Desassossegados estamos. Querem mexer na pátria. Quando mexem no modo de escrever o idioma, põem a mão num espaço íntimo e sagrado como a terra de onde se vem, o clima a que se acostumou, o pão que se come.

Aprovou-se recentemente no Senado mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa. É a terceira nos últimos 52 anos, depois das de 1943 e 1971 - muita reforma, para pouco tempo. Uma pessoa hoje com 60 anos aprendeu a escrever "idéa", depois, em 1943, mudou para "idéia", ficou feliz em 1971 porque "idéia" passou incólume, mas agora vai escrever "ideia", sem acento.

Reformas ortográficas são quase sempre um exercício vão, por dois motivos. Primeiro, porque tentam banhar de lógica o que, por natureza, possui extensas zonas infensas à lógica, como é o caso de um idioma. Escreve-se "Egito", e não "Egipto", mas "egípcio", e não "egício", e daí? Escreve-se "muito", mas em geral se fala "muinto". Segundo, porque, quando as reformas se regem pela obsessão de fazer coincidir a fala com a escrita, como é o caso das reformas da Língua Portuguesa, estão correndo atrás do

inalcançável. A pronúncia muda no tempo e no espaço. A flor que já foi "azálea" está virando "azaléa" e não se pode dizer que esteja errado o que todo o povo vem consagrando. "Poder" se pronuncia "poder" no Sul do Brasil e "puder" no Brasil do Nordeste. Querer que a grafia coincida sempre com a pronúncia é como correr atrás do arco-íris, e a comparação não é fortuita, pois uma língua é uma coisa bela, mutável e misteriosa como um arco-íris. Acresce que a atual reforma, além de vã, é frívola. Sua justificativa é unificar as grafias do Português do Brasil e de Portugal. Ora, no meio do caminho percebeu-se que seria uma violência fazer um português escrever "fato" quando fala "facto", brasileiro escrever "facto" ou "receção" (que ele só conhece, e bem, com dois ss, no sentido inferno astral da economia). Deixou-se, então, que cada um continuasse a escrever como está acostumado, no que se fez bem, mas, se a reforma era para unificar e não unifica, para que então fazê-la? Unifica um pouco, responderão os defensores da reforma. Mas, se é só um pouco, o que adianta? Aliás, para que unificar? O último argumento dos propugnadores da reforma é que, afinal, ela é pequena - mexe com a grafia de 600, entre as cerca de 110.000 palavras da Língua Portuguesa, ou apenas 0,54% do total. Se é tão pequena, volta a pergunta: para que fazê-la? Fala-se que a reforma simplifica o idioma e, assim, torna mais fácil seu ensino. Engano. A representação escrita da língua é um bem que percorre as gerações, passando de uma à outra, e será tão mais bem transmitida quanto mais estável for, ou, pelo menos, quanto menos interferências arbitrárias sofrer. Não se mexa assim na língua. O preço disso é banalizá-la como já fizeram com a moeda, no Brasil. Roberto Pompeu de Toledo - Veja, 24.05.95. Texto adaptado pela equipe de Língua Portuguesa da COPEVE/UFMG

Todas as alternativas contêm trechos que, no texto, apresentam imprecisão do agente da ação verbal, EXCETO

- a) Já não basta os prefeitos, como imperadores, tentarem mudar o nome de avenidas cruciais (...)?
- b) Já não basta mudarem toda hora as teorias sobre o que engorda e o que emagrece?
- c) Lá vêm eles de novo, querendo mudar as regras de escrever o idioma.
- d) Já não basta ficarem mexendo toda hora no valor e no nome do dinheiro?

30) (FGV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

O Mundo das Não-palavras

Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer e do compreender centralizam-se em torno da relação entre a linguagem e a realidade, entre o símbolo e o fato. Estas marcas de tinta sobre as quais correm nossos olhos, essas marcas de tinta

que concordamos em chamar palavras, e estas palavras que concordamos em aceitar como “moeda legal” para a troca de informações, por que mágica, por que regras prosaicas, exercem elas suas estranhas funções? Se olharmos demoradamente para uma palavra, ela se converterá, de fato, para nós em meras marcas de tinta dentro de um padrão peculiar de linhas. A princípio, parece escrita corretamente, depois já não podemos ter certeza disso, e finalmente somos dominados pela impressão de que o simples cogitar de sua grafia é penetrar nos mais intrincados labirintos da Humanidade.

Está claro que, se olharmos reflexivamente para qualquer coisa por um espaço de tempo suficientemente longo, como um bezerro olha para uma porteira nova, ela tende a aparecer afinal como se fosse totalmente inexplicável. Um grande filósofo observou, de uma feita, que a mais estranha invenção em toda a História era essa cobertura peculiar para o pé humano que nós denominamos meia. Ele estivera olhando para uma delas durante vários minutos. Há momentos, contudo, em que parece impossível que qualquer outra invenção humana pudesse ser mais surpreendente e estranha do que uma palavra - a palavra *meia*, por exemplo.

Wendell Johnson, tradução de Octavio Mendes Cajado.

No texto, encontra-se o fragmento *Já o disseram muitos, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer (...)*. Esse fragmento poderia ter sido apresentado sob a forma *Já disseram, e de várias maneiras, que os problemas do conhecer (...)*. Nesse caso, seria correto concluir que:

- O sujeito da oração passaria a ser obrigatoriamente eles.
- A forma verbal disseram, no plural, continuaria a indicar que o seu sujeito seria plural.
- Não estaria determinado o agente da ação verbal: o sujeito estaria indeterminado.
- A forma verbal disseram estaria no plural porque problemas está no plural.
- Ocorreria um erro de concordância, pois o sujeito desse verbo, sendo uma oração, deveria tê-lo levado ao singular.

31) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas.- Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus

problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagem da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.

Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas.

Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação.

Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970. Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Assinale a alternativa correta referente ao período “Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genotípicas”.

- A primeira palavra da primeira oração indica uma conclusão do que foi dito anteriormente.
- A segunda oração expressa uma concessão em relação à primeira.
- O verbo haver (primeira oração) tem sujeito claro.
- O verbo existir (segunda oração) não tem sujeito.
- Nesse período, há um erro de pontuação, pois não pode ocorrer vírgula após a conjunção e.

32) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

Qual é o sujeito de ser amada, no texto. Explique.

33) (FGV-2003) Leia o texto abaixo, fragmento de um conto chamado “A nova Califórnia”, de Lima Barreto. Depois, responda à pergunta correspondente.

Ninguém sabia donde viera aquele homem. O agente do correio pudera apenas informar que acudia ao nome de Raimundo Flamel (.....). Quase diariamente, o carteiro lá ia a um dos extremos da cidade, onde morava o desconhecido, sopesando um maço alentado de cartas vindas do mundo inteiro, grossas revistas em línguas arrevesadas, livros, pacotes...

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço em casa do novo habitante, todos na venda perguntaram-lhe que trabalho lhe tinha sido determinado.

- Vou fazer um forno, disse o preto, na sala de jantar. Imaginem o espanto da pequena cidade de Tubiacanga, ao saber de tão extravagante construção: um forno na sala de jantar! E, pelos dias seguintes, Fabrício pôde contar que vira balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia - um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha em que o próprio diabo cozinhasse.

Observe as frases abaixo. Entre elas há diferença na função sintática das palavras **Fabrício** e **pedreiro**. Explique essa diferença.

Quando Fabrício, o pedreiro, voltou de um serviço...

Quando o pedreiro Fabrício voltou de um serviço...

34) (FGV-2004) Leia o texto abaixo; depois, responda à pergunta.

TEXTO A

1. É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores
2. quando, ao som dos tambores e das trombetas
3. da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada
4. de uns quantos milhares de palavras novas
5. nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a
6. língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em
7. cada dia que passou, simultaneamente mais rica
8. e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora
9. de uso, resistiram mal à agitação frenética das
10. palavras recém-chegadas, e acabaram por cair
11. numa espécie de limbo onde ficam à espera da

12. morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque
 13. da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de
 14. um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda
 15. um lampejo breve de vida, um suplemento de
 16. precária existência, uma derradeira esperança. O
 17. dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói-se
 18. e desenvolve-se sobre palavras que viveram
 19. uma vida plena, que depois envelheceram e definharam,
 20. primeiro geradas, depois geradoras,
 21. como o foram os homens e as mulheres que as
 22. fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao
 23. mesmo tempo, senhores e servos.
- SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Qual o sujeito e qual o objeto direto de “..aparecem anunciar...” (L. 3)?

35) (IBMEC-2006) Me devolva o Neruda (que você nem leu)

Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o “que você nem leu”. A palavra Neruda - prêmio Nobel, chileno, de esquerda - era proibida no Brasil. Na sala da Censura Federal o nosso poeta negociou a proibição. E a música foi liberada quando ele acrescentou o “que você nem leu”, pois ficava parecendo que ninguém dava bola para o Neruda no Brasil. Como eram burros os censores da ditadura militar! E coloca burro nisso!!! Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela. Imagine a cena. No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta: me devolva o Neruda que você nem leu! Pense nisso. Pois eu pensei exatamente nisso quando comecei a escrever esta crônica, que não tem nada a ver com o Chico, nem com o Neruda e, muito menos, com os militares.

É que eu estou aqui para dizer um tchau. Um tchau breve porque, se me aceitarem - você e o diretor da revista -, eu volto daqui a dois anos. Vou até ali escrever uma novela na Globo (o patrão vai continuar o mesmo) e depois eu volto. Esperando que você já tenha lido o Neruda.

Mas aí você vai dizer assim: pó, escrever duas crônicas por mês, fora a novela, o cara não consegue? O que é uma crônica? Uma página e meia. Portanto, três páginas por mês e o cara me vem com esse papo de Neruda? Preguiçoso, no mínimo.

Quando faço umas palestras por aí, sempre me perguntam o que é necessário para se tornar um escritor. E eu sempre respondo: talento e sorte. Entre os 10 e 20 anos, recebia na minha casa O Cruzeiro, Manchete e o jornal Última Hora. E lá dentro eu lia (me invejem): Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Stanislaw Ponte Preta,

Carlos Heitor Cony. E pensava, adolescentemente: quando eu crescer, vou ser cronista.

Bem ou mal, consegui meu espaço. E agora, ao pedir de volta o livro chileno, fico pensando em como eu me sentiria se, um dia, um desses aí acima escrevesse que iria dar um tempo. Eu matava o cara! Isso não se faz com o leitor (desculpe, minha amiga, não estou me colocando no mesmo nível deles, não!)

E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):

Escuchas otras voces en mi voz dolorida

Llanto de viejas bocas, sangre de viejas súplicas,

Amame, compañera. No me abandones. Sigüeme,

Sigüeme, compañera, en esa ola de angústia.

Pero se van tiñendo con tu amor mis palabras

Todo lo ocupas tú, todo lo ocupas

Voy haciendo de todas un collar infinito

Para tus blancas manos, suaves como las uvas.

Desculpe o mau jeito: tchau!

(Prata, Mario. Revista Época. São Paulo. Editora Globo, Nº-324, 02 de agosto de 2004, p. 99)

É exemplo de frase em que o sujeito é representado por um substantivo sobrecomum:

a) “E deixo aqui uns versinhos do Neruda para as minhas leitoras de 30 e 40 anos (e para todas):”

b) “Eu matava o cara!”

c) “Mas a frase me veio à cabeça agora, porque eu gosto demais dela.”

d) “Quando o Chico Buarque escreveu o verso acima, ainda não tinha o ‘que você nem leu’.”

e) “No meio de uma separação, um dos cônjuges (me desculpe a palavra) me solta esta...”

36) (PUCCamp-1995) MEU CARO DEPUTADO

O senhor nem pode imaginar o quanto eu e a minha família ficamos agradecidos. A gente imaginava que o senhor nem ia se lembrar de nós, quando saiu a nomeação do Otavinho meu filho. Ele agora está se sentindo outro. Só fala no senhor, diz que na próxima campanha vai trabalhar ainda mais para o senhor. No primeiro dia de serviço ele queria ir na repartição com a camiseta da campanha mas eu não deixei, não ia ficar bem, apesar que eu acho que o Otavinho tem muita capacidade e merecia o emprego. Pode mandar puxar por ele que ele da conta, é trabalhador, responsável, dedicado, a educação que ele recebeu de mim e da mãe foi sempre no caminho do bem. Faço questão que na próxima eleição o senhor mande mais material que eu procuro todos os amigos e os conhecidos. O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar. Meu vizinho Otacílio, a mulher, os parentes todos também votaram no senhor. Ele tem vergonha, mas eu peço por ele, que ele merece: ele tem uma sobrinha, Maria Lúcia Capistrano do Amara, que é professora em Capão da Serra

e é muito adoentada, mas o serviço de saúde não quer dar aposentadoria. Posso lhe garantir que a moça está mesmo sem condições, passa a maior parte do tempo com dores no peito e na coluna que nenhum médico sabe o que é. Eu disse que ia falar com o senhor, meu caro deputado, não prometi nada, mas o Otavinho e a mulher tem esperanças que o senhor vai dar um jeitinho. É gente muito boa e amiga, o senhor não vai se arrepender.

Mais uma vez obrigado por tudo, Deus lhe pague. O Otavinho manda um abraço para o senhor. Aqui vai o nosso abraço também. O senhor pode contar sempre com a gente.

Miroel Ferreira

(Miré)

Em relação à frase "O Brasil precisa de gente como o senhor, homens de reputação despojada, com quem a gente pode contar", a única afirmação correta é:

a) A expressão "homens de reputação despojada" funciona como aposto de um sujeito.

b) As duas ocorrências de GENTE referem-se ao mesmo segmento humano.

c) O termo BRASIL é equivalente a TERRITÓRIO NACIONAL.

d) A regência do verbo CONTAR não foi respeitada.

e) O adjetivo DESPOJADA está empregado inadequadamente.

37) (UFSCar-2007) Monsenhor Caldas interrompeu a narração do desconhecido:

— Dá licença? é só um instante.

Levantou-se, foi ao interior da casa, chamou o preto velho que o servia, e disse-lhe em voz baixa:

— João, vai ali à estação de urbanos, fala da minha parte ao comandante, e pede-lhe que venha cá com um ou dois homens, para livrar-me de um sujeito doido. Anda, vai depressa.

E, voltando à sala:

— Pronto, disse ele; podemos continuar.

— Como ia dizendo a Vossa Reverendíssima, morri no dia vinte de março de 1860, às cinco horas e quarenta e três minutos da manhã. Tinha então sessenta e oito anos de idade. Minha alma voou pelo espaço, até perder a terra de vista, deixando muito abaixo a lua, as estrelas e o Sol; penetrou finalmente num espaço em que não havia mais nada, e era clareado tão-somente por uma luz difusa. Continuei a subir, e comecei a ver um pontinho mais luminoso ao longe, muito longe. O ponto cresceu, fez-se sol. Fui por ali dentro, sem arder, porque as almas são incombustíveis.

A sua pegou fogo alguma vez?

— Não, senhor.

— São incombustíveis. Fui subindo, subindo; na distância de quarenta mil léguas, ouvi uma deliciosa música, e logo que cheguei a cinco mil léguas, desceu um enxame de

almas, que me levaram num palanquim feito de éter e plumas.
(Machado de Assis, A segunda vida. Obras Completas, vol. II, p. 440-441.)

A frase desceu um enxame de almas, no último parágrafo, tem o sujeito posposto. Assinale a alternativa em que o sujeito também aparece posposto.

- a) De um atentado, um soldado consegue salvar seu companheiro.
- b) Segunda-feira faltou, de novo, um pouco de tinta de impressão.
- c) No salão de Paris, há um Audi com motor de 4,2 litros.
- d) Ler biografia de homens célebres é bastante útil.
- e) O mercado financeiro recebeu bem a inclusão das ações do Bradesco.

38) (Fuvest-2000) O caso triste, e digno da memória
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

Para o correto entendimento destes versos de Camões, é necessário saber que o sujeito do verbo desenterra é

- a) os homens (por licença poética).
- b) ele (oculto).
- c) o primeiro que.
- d) o caso triste.
- e) sepulcro.

39) (Faap-1996) O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.
(Fernando Pessoa)

"O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia".
Rigorosamente o sujeito do verbo correr é:

- a) Tejo
- b) rio
- c) que (no lugar de rio)
- d) aldeia
- e) indeterminado

40) (FGV-2004) Observe a frase:
"Esta pequena ilha abundava de belas aves..." Transcreva essa frase, mas use **belas aves** como sujeito.
Mantenha o tempo do verbo **abundar** e faça as adaptações necessárias.

41) (FEI-1997) CONSIDERAÇÃO DO POEMA
(Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

Observe as palavras indicadas no texto: "todas" (verso 4); "me" (verso 4); "elas" (verso 6) e "puras" (verso 8).
Assinale a alternativa em que a função sintática destes termos esteja corretamente analisada:

- a) sujeito - predicativo do sujeito - objeto - sujeito.
- b) predicativo do sujeito - objeto - sujeito - objeto.
- c) objeto - sujeito - objeto - predicativo do sujeito.
- d) objeto - predicativo do sujeito - sujeito - objeto.
- e) sujeito - objeto - sujeito - predicativo do sujeito.

42) (FGV-2003) Observe os termos sublinhados nas seguintes frases:

Chegou a hora do público se manifestar contra a publicação desse impostor.
As palmas do público ecoavam pelo teatro, em apoio à proposta de Nabuco.
Vista do público, a cantora parecia bonita; da coxia, percebia-se que era feia.

Sobre eles, é correto afirmar:

- a) Para o segundo exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
- b) Para o terceiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque a preposição está regendo o sujeito.
- c) Nos três exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adverbial.
- d) No primeiro e no segundo exemplos, os termos sublinhados exercem a mesma função sintática de adjunto adnominal.
- e) Para o primeiro exemplo, vários gramáticos recomendam a forma de o em lugar de do, porque o público é sujeito, que não deve ser iniciado por preposição.

43) (PUC-SP-2003) Os cinco sentidos

Os sentidos são dispositivos para a interação com o mundo externo que têm por função receber informação necessária à sobrevivência. É necessário ver o que há em volta para poder evitar perigos. O tato ajuda a obter conhecimentos sobre como são os objetos. O olfato e o paladar ajudam a catalogar elementos que podem servir ou não como alimento. O movimento dos objetos gera ondas na atmosfera que são sentidas como sons.

As informações, baseadas em diferentes fenômenos físicos e químicos, apresentam-se na natureza de formas muito diversas. Os sentidos são sensores cujo desígnio é perceber, de modo preciso, cada tipo distinto de informação. A luz é parte da radiação magnética de que estamos rodeados. Essa radiação é percebida através dos olhos. O tato e o ouvido baseiam-se em fenômenos que dependem de deformações mecânicas. O ouvido registra ondas sonoras que se formam por variações na densidade do ar, variações que podem ser captadas pelas deformações que produzem em certas membranas. Ouvido e tato são sentidos mecânicos. Outro tipo de informação nos chega por meio de moléculas químicas distintas que se desprendem das substâncias. Elas são captadas por meio dos sentidos químicos, o paladar e o olfato. Esses se constituem nos tradicionais cinco sentidos que foram estabelecidos já por Aristóteles.

SANTAELLA, Lucia. Matrizes da Linguagem e Pensamento. São Paulo: Iluminuras, 2001.

A palavra relacional que aparece quatro vezes no 1º parágrafo exercendo, pela ordem, as seguintes funções:

- a) sujeito, objeto direto, sujeito, sujeito.
b) sujeito, sujeito, sujeito, sujeito.
c) sujeito, sujeito, sujeito, objeto direto.
d) objeto direto, objeto direto, sujeito, sujeito.
e) objeto direto, sujeito, objeto direto, sujeito.

44) (ITA-2003) Para uma pessoa mais exigente no que se refere à redação, especificamente a construções em que está em jogo a omissão do sujeito, só seria aceitável a alternativa

- a) As mulheres devem evitar o uso de produtos de higiene feminina perfumados, pois podem causar irritações (...) (Infecção urinária. In A Cidade. Lorena, março/2002, ano IV, n. 42)
- b) É recomendável também não usar roupas justas, pois assim permite uma boa ventilação (...), o que reduz as chances de infecção. (Infecção urinária. In A Cidade. Lorena, março/2002, ano IV, n. 42)
- c) Alguns medicamentos devem ser ingeridos ao levantar-se (manhã), e outros antes de dormir (noite), aproveitando assim seu efeito quando ele é mais necessário. (Boletim informativo sobre o uso de medicamentos, produzido por M & R Comunicações)
- d) Já a rouquidão persistente é sinal de abuso excessivo da voz, o que pode levar à formação de nódulos (calos) ou pólipos, e merecem atenção especial. (Rouquidão: o que é e como ela afeta sua saúde vocal. Panfleto de divulgação do curso de Fonoaudiologia. Lorena, abril de 2001)
- e) As seqüelas [causadas pelo herpes] variam de paciente para paciente e podem ou não ser permanentes. (Folha Equilíbrio. Folha de S. Paulo, 27/06/2002, p. 3)

45) (Cesgranrio-1997) Quando estou, quando estou apaixonado
tão fora de mim eu vivo
que nem sei se vivo ou morto
quando estou estou apaixonado.

Não pode a fera comigo
quando estou, quando estou apaixonado,
mas me derrota a formiga
se é que estou apaixonado.

Estarei, quem, e entende, apaixonado
neste arco de danação?
Ou é a morta paixão
que me deixa, que me deixa neste estado?

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a opção em que se encontra exemplo de elipse.

- a) "tão fora de mim eu vivo" (v.2)
b) "que nem sei se vivo ou morto" (v.3)
c) "Não pode a fera comigo" (v.5)
d) "mas me derrota a formiga" (v.7)
e) "Ou é a morta paixão" (v.11)

46) (UFBA-1996) RESTOS DO CARNAVAL

1 NÃO, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia, à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa ia se

aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas.

Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

2 No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com xavareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tomava uma menina feliz.

3 E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. À porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava no contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

4 Não me fantasiavam: no meio das preocupações com minha mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedia a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles meus cabelos lisos que me causavam tanto desgosto e tinha então a vaidade de possuir cabelos frisados pelo menos durante três dias por ano. Nesses três dias, ainda, minha irmã acedia ao meu sonho intenso de ser uma moça eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável - e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

5 Mas houve um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir pouco. É que a mãe de uma amiga minha resolvera fantasiar a filha e o nome da fantasia era no figurino Rosa. Para isso comprara folhas e folhas de papel crepom cor-de-rosa, com as quais, suponho, pretendia imitar as pétalas de uma flor. Boquiaberta, eu assistia pouco a pouco à fantasia tomando forma e se criando. Embora de pétalas o papel crepom nem de longe lembrasse, eu pensava seriamente que era uma das fantasias mais belas que jamais vira.

6 Foi quando aconteceu, por simples acaso, o inesperado: sobrou papel crepom, e muito. E a mãe de minha amiga - talvez atendendo a meu apelo mudo, ao meu mudo desespero de inveja, ou talvez por pura bondade, já que sobrara papel - resolveu fazer para mim também uma fantasia de rosa com o que restara de material. Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida

eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.

7 Até os preparativos já me deixavam tonta de felicidade. Nunca me sentira tão ocupada: minuciosamente, minha amiga e eu calculávamos tudo, embaixo da fantasia usaríamos combinação, pois se chovesse e a fantasia se derretesse pelo menos estaríamos de algum modo vestidas - à idéia de uma chuva que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos previamente de vergonha - mas ah! Deus nos ajudaria! não choveria! Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

8 Mas por que exatamente aquele carnaval, o único de fantasia, teve que ser tão melancólico? De manhã cedo no domingo eu já estava de cabelos enrolados para que até de tarde o frisado pegasse bem. Mas os minutos não passavam, e tanta ansiedade. Enfim, enfim! chegaram três horas da tarde: com cuidado para não rasgar o papel, eu me vesti de rosa.

9 Muitas coisas que me aconteceram tão piores que estas, eu já perdoei. No entanto essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional? É impiedoso. Quando eu estava vestida de papel crepom todo armado, ainda com os cabelos enrolados e ainda sem batom e ruge - minha mãe de súbito piorou muito de saúde, um alvoroço repentino se criou em casa e mandaram-me comprar depressa um remédio na farmácia. Fui correndo vestida de rosa - mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil - , fui correndo, correndo, perplexa, atônita, entre serpentinas, confetes e gritos de carnaval. A alegria dos outros me espantava.

10 Quando horas depois a atmosfera em casa acalmou-se, minha irmã me penteou e pintou-me. Mas alguma coisa tinha morrido em mim. E, como nas histórias que eu havia lido sobre fadas que encantavam e desencantavam pessoas, eu fora desencantada; não era mais uma rosa, era de novo uma simples menina. Desci até a rua e ali de pé eu não era uma flor, era um palhaço pensativo de lábios encarnados. Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria.

11 Só horas depois é que veio a salvação. E se depressa agarrei-me a ela é porque tanto precisava me salvar. Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos, já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

LISPECTOR, Clarice. FELICIDADE CLANDESTINA: CONTOS. 7 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. p. 31-5.

Na(s) questão(ões) a seguir escreva nos parênteses a soma dos itens corretos.

O núcleo do sujeito está corretamente destacado em:

- (01) "... ruas mortas onde esvoaçavam despojos de SERPENTINA E CONFETE." (parágrafo 1)
(02) "Até que viesse o outro ANO." (parágrafo 1)
(04) "Mas houve um CARNAVAL diferente dos outros." (parágrafo 5)
(08) "... a mãe de uma AMIGA minha resolvera fantasiar a filha..." (parágrafo 5)
(16) "Embora de pétalas o PAPEL crepom nem de longe lembrasse..." (parágrafo 5)
(32) "Quando horas depois a atmosfera em CASA acalmouse..." (parágrafo 10)
(64) "Só horas depois é QUE veio a salvação." (parágrafo 11)

A resposta é a soma dos pontos das alternativas corretas.

47) (Mack-2007) Texto II

Estou estudando gramática e fico pasmo com os milagres de raciocínio empregados para enquadrar em linguagem "objetiva" os fatos da língua. Alguns convencem, outros não. Estes podem constituir esforços meritórios, mas se trata de explicações que a gente sente serem meras aproximações de algo no fundo inexprimível, irrotulável, inclassificável, impossível de compreender integralmente. Meu consolo é que muitas das coisas que me afligem devem afligir vocês também. Ou pelo menos coisas parecidas.

João Ubaldo Ribeiro

Afirma-se com correção que:

- a) o pronome Estes (linha 03) se refere às idéias expressas em Alguns convencem, outros não.
b) o emprego do verbo "estudar" (linha 01) constitui "gerundismo", infração à norma culta da língua.
c) a oração introduzida por para (linha 02) expressa finalidade dos estudos gramaticais empreendidos por João Ubaldo Ribeiro.
d) integralmente (linha 06) apresenta prefixo de sentido equivalente ao que comparece em inclassificável e impossível (linha 06).
e) em muitas das coisas que me afligem (linha 07), o pronome que constitui sujeito do verbo "afligir".

48) (VUNESP-2007) Um velho

– Por que empalideces, Solfieri? – A vida é assim. Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? É a escuma que ferve hoje na torrente e amanhã desmaia, alguma coisa de louco e movediço como a vaga, de fatal como o sepulcro! O que é a existência? Na mocidade é o caleidoscópio das ilusões, vive-se então da seiva do futuro. Depois

envelhecemos: quando chegamos aos trinta anos e o suor das agonias nos grisalhou os cabelos antes do tempo e murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças, oscilamos entre o passado visionário e este amanhã do velho, gelado e ermo – despido como um cadáver que se banha antes de dar à sepultura! Miséria! Loucura!
– Muito bem! Miséria e loucura! – interrompeu uma voz. O homem que falara era um velho. A fronte se lhe descalvara, e longas e fundas rugas a sulcavam: eram as ondas que o vento da velhice lhe cavara no mar da vida... Sob espessas sobranceiras grisalhas lampejavam-lhe olhos pardos e um espesso bigode lhe cobria parte dos lábios. Trazia um gibão negro e roto e um manto desbotado, da mesma cor, lhe caía dos ombros.

– Quem és, velho? – perguntou o narrador.
– Passava lá fora, a chuva caía a cântaros, a tempestade era medonha, entrei. Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.
– Quem és?
– Quem sou? Na verdade fora difícil dizê-lo: corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. (...) – Quem eu sou? Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta – sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta.

A linguagem do fragmento, a qual reflete o estilo romântico, caracteriza-se por um léxico típico, às vezes por um tratamento em segunda pessoa e por uma sintaxe peculiar. Com base nessa reflexão, aponte um segmento de Um velho em que há inversão na ordem sujeito-verbo. Reescreva o seguinte trecho, passando o verbo que está no imperativo para a terceira pessoa do plural e fazendo as adequações de concordância necessárias: Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

49) (Unifesp-2002) Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajudá-lo. Mandou o passarinho uirapuru. Quando sinão quando o herói escutou um tataral inquieto e o passarinho uirapuru pousou no joelho dele. Macunaíma fez um gesto de caceteação e enxotou o passarinho uirapuru. Nem bem minuto passado escutou de novo a bulha e o passarinho pousou na barriga dele. Macunaíma nem se amolou mais. Então o passarinho uirapuru agarrou cantando com doçura e o herói entendeu tudo o que ele cantava. E era que Macunaíma estava desinfeliz porque perdera a muiraquitã na praia do rio quando subia no bacupari. Porém agora, cantava o lamento do uirapuru, nunca mais que Macunaíma havia de ser marupiara não, porque uma tracajá engolira a muiraquitã e o mariscador que apanhara a tartaruga tinha vendido a pedra verde pra um regatão peruano se chamando Venceslau Pietro Pietra. O dono do

talismã enriquecera e parava fazendeiro e baludo lá em São Paulo, a cidade macota lambida pelo igarapé Tietê. (Mário de Andrade, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter.*)

O sujeito da oração *Mandou o passarinho uirapuru* pode ser identificado por meio da análise do contexto lingüístico interno. Trata-se de:

- a) sujeito indeterminado.
- b) "uirapuru" = sujeito expresso.
- c) "passarinho" = sujeito expresso.
- d) Ele ("o herói") = sujeito oculto.
- e) Ele ("o Negrinho do Pastoreio") = sujeito oculto.

50) (IBMEC-2006) Assinale a alternativa correta considerando o período abaixo.

Sáímos apressados daquela reunião.

- a) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo do predicado é saímos — verbo intransitivo.
- b) Tem-se predicação nominal, já que o núcleo do predicado é apressados — predicativo do sujeito.
- c) Tem-se predicação verbal, já que o núcleo é saímos e apressados é um complemento nominal.
- d) Tem-se predicação verbo-nominal, já que saímos e apressados constituem núcleos do predicado.
- e) Tem-se predicação verbo-nominal, já que apresenta dois núcleos: saímos e reunião.

51) (FEI-1997) CONSIDERAÇÃO DO POEMA (Fragmento)

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que TODAS ME convêm.
As palavras não nascem amarradas,
ELAS saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são PURAS, largas, autênticas, indevassáveis.

Observe o verso:

"As palavras não nascem amarradas"

Assinale a alternativa em que o sujeito e o predicado da oração estejam corretamente analisados:

- a) sujeito composto e predicado nominal.
- b) sujeito simples e predicado verbo-nominal.
- c) sujeito composto e predicado verbal.
- d) sujeito simples e predicado nominal.
- e) sujeito simples e predicado verbal.

52) (UFV-1996) Dependendo da frase, um verbo normalmente empregado como transitivo direto pode tornar-se verbo de ligação. Assinale a alternativa em que aparece um exemplo:

- a) "Não tem namorado..."
- b) "... quem transa sem carinho..."
- c) "... quem acaricia sem vontade..."
- d) "... de virar sorvete ou lagartixa..."
- e) "... e quem ama sem alegria."

53) (UFV-1996) Dependendo do contexto, um verbo normalmente intransitivo pode tornar-se transitivo.

Assinale a alternativa em que ocorre um exemplo:

- a) "Ponha intenções de quermesse em seus olhos..."
- b) "...sorria lírios para quem passe debaixo da janela."
- c) " beba licor de contos de fadas..."
- d) "Ande como se o chão estivesse repleto de sons..."
- e) "... e do céu descesse uma névoa de borboletas..."

54) (Mack-1997) I - Na oração

Eu considerava aquele homem meu amigo,
o predicado é verbo-nominal com predicativo do objeto.

II - No período

O jovem anseia que os mais velhos confiem nele, a oração subordinada é substantiva objetiva indireta, mas está faltando a preposição regida pelo verbo ansiar.

III - No período

A ser muito sincero, não sei como isto aconteceu, a oração subordinada é adverbial final reduzida de infinitivo.

Quanto às afirmações anteriores, assinale:

- a) se apenas I está correta.
- b) se apenas II está correta.
- c) se apenas III está correta.
- d) se todas estão corretas.
- e) se todas estão incorretas.

55) (UEL-1995) Na frase "Nomeá-los nossos REPRESENTANTES é revesti-los do direito AO MANDATO por três anos", as palavras em maiúsculo são, respectivamente:

- a) predicativo do sujeito - adjunto adnominal.
- b) objeto direto - objeto indireto.
- c) predicativo do objeto - complemento nominal.
- d) objeto direto - adjunto adnominal.
- e) predicativo do objeto - objeto indireto.

56) (GV-2003) Observe a seguinte frase:

Recorrendo a elas, arrisco-me a usar expressões técnicas, desconhecidas do público, e a ser tido por pedante.

Das alternativas abaixo, assinale aquela em que a palavra sublinhada exerça a mesma função sintática de pedante, dessa frase.

- a) As estações tinham passado rápido, sem que tivesse sido possível vê-las direito.

- b) Fui julgado **culpado**, embora não houvesse provas decisivas a respeito do crime.
- c) Ele era difícil de convencer, mas concordou quando a quantia foi **oferecida**.
- d) Caminhou **depressa** por entre os coqueiros.
- e) Ele passeou **demasiado** ontem; hoje, doem-lhe as pernas. Vai ser obrigado a deitar-se mais cedo.

57) (Unirio-1995) POESIA AINDA VIAJA PELAS ÁGUAS DO MUNDO

- 1 Acordei pensando em rios - que dão sempre um toque feminino a qualquer cidade - e me dizendo que o único possível defeito do Rio de Janeiro é não ter um rio. Pior ainda, é de ter sufocado o seu rio, exatamente o rio chamado Carioca, do vale das Laranjeiras.
- 2 Esse rio, hoje secreto, que corre como um malfeitor debaixo de ruas, ninguém, nenhum poeta o cantou melhor e mais ternamente do que Alceu Amoroso Lima.
- 3 Nascido à beira do Carioca quando o Carioca ainda se fazia ver e ouvir na maior parte do seu breve curso, Alceu parece ter guardado a vida inteira o rumor do rio no ouvido. Ele nasceu ali, na Chácara da Casa Azul.
- 4 Quando o Rio completou 400 anos, em 1965, Alceu escreveu para "Aparência do Rio de Janeiro", de Gastão Cruis, então reeditado pela José Olympio, um artigo que é um verdadeiro poema em prosa, chamado "O Nosso Carioca".
- 5 Começa assim: "Muito antes de existir o Rio de Janeiro, hoje quatrocentão, existia o rio Carioca. Aquele ficou sendo rio por engano. O Carioca, esse já o era, havia séculos. Talvez por isso a contradição das coisas humanas fez do que não era rio um Rio para sempre, e do que o era de fato, ao nascer o outro, uma reles galeria de águas pluviais, quando o falso rio completa o seu quarto centenário. 'Das Caboclas' era também seu nome".
- 6 " 'Carioca', que nos dizem significar casa de branco, e outros, com mais probabilidade, casa de pedra, foi o nome dado em virtude do depósito de pipas de água fresca (...) para a aguada das caravelas e dos bergantins. 'Das Caboclas' por outros motivos, menos aquáticos que afrodíticos. O rio acompanhava, descoberto, o vale das Laranjeiras, desde a encosta do Corcovado até o Flamengo".
- 7 No meio de sua deliciosa evocação, em que diz que cada casa do vale, como a sua, tinha sua ponte sobre o rio, e que cada ponte parecia estar sempre sendo atravessada por meninas em flor, Alceu, numa breve e certa observação do grande crítico literário que era, põe o humilde Carioca a fluir entre os grandes rios clássicos e eternos.
- 8 Pessoalmente, só vi o Carioca à luz do sol uma vez, por ocasião das terríveis chuvaradas do ano de 1967.
- 9 A tromba d'água que descia do Corcovado foi tão persistente e se infiltrou pelo solo tão caudalosa que começou de repente a fraturar o próprio leito da rua das

Laranjeiras, que afinal se rachou em duas partes. Acho que foi esta a única vez que o rejeitado Carioca teve fúria de grande rio.

10 Eu não conheço o assunto mas arriscaria o palpite de que nenhum país do mundo contém mais água doce do que o Brasil. Temos rios descomunais. Só que em geral vadios, desocupados.

11 Ao contrário do que fizeram a Europa, os Estados Unidos, a antiga União Soviética, que comunicaram e intercomunicaram seus rios, montando um tapete rolante de gente e de riquezas, aqui deixamos os rios na vagabundagem.

12 Em termos de literatura, quem quiser sentir o que a operosidade dos europeus tem feito para pôr os rios a trabalhar para os homens, basta ler Simenon. Os canais, diques e eclusas estão tão presentes em seus livros quanto os desesperados e os criminosos. São romances em que a humanidade sofre e envereda pelos caminhos errados, mas as barcaças e navios não se enganam nunca.

13 Os rios têm leito, rumo, juízo. Os homens que continuam cometendo seus desvarios que eles, ainda que subindo e descendo de nível quando necessário, deslizam no maior sossego pelas águas ensinadas.

14 Enquanto isso nós, no Brasil, olhamos com tédio as correias de transmissão de poderosos rios a rolar vazias entre estradas esburacadas e arquejantes de caminhões.

15 Só no Brasil o transporte mais caro, o de caminhões, é muito maior que o de vias férreas e fluviais. Com exceção do rio Tietê, que é praticamente do tamanho do Reno e que pelo jeito acaba ficando tão navegável e próspero quanto o Reno. Obcecado com o interior de São Paulo, o Tietê corre de costas para o mar, para percorrer todo o Estado e acabar no Paraná, na bacia do rio da Prata.

16 O Paraná e o Tietê já estão quase prontos para entrar num romance de Simenon, com seus canais artificiais e suas eclusas, e os navios abarrotados de calcário, de soja, de milho, álcool de cana.

17 De qualquer forma ainda estamos, no Brasil, longe dos meus sonhos, que são de um país ativíssimo mas silencioso. Desde que li, já faz muito tempo, uma monografia sobre hidrovias e a interligação de nossas bacias hidrográficas, fiquei escravo da miragem.

18 A idéia da monografia, escrita por gente do ramo, do Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, era nada mais nada menos que a ligação pelas águas de Belém do Pará a Buenos Aires. Um mapa todo aquoso mostrava uma grande hidrovia artificial na altura de Cáceres, em Mato Grosso, no rio Paraguai, e mais umas barragens e eclusas nas bacias do Prata e do Amazonas.

19 Pronto! Estava completa a ligação de Belém com Buenos Aires, à bagatela de uns nove mil quilômetros de imponderável mas indestrutível estrada. Se o Brasil, do tempo em que eu li a monografia para cá, tivesse gasto menos dinheiro em quarteladas, Transamazônicas e Angras, teríamos atado para sempre esse nó de águas amazônicas e platinas.

20 Para um romance nesse cenário, Simenon não dava mais. Seria preciso convocar o Rosa.
Antonio Callado - in Folha de São Paulo.
09/04/1994.

"CARIOCA (...) FOI O NOME DADO EM VIRTUDE DO DEPÓSITO DE PIPAS DE ÁGUA FRESCA." (parágrafo6)
A opção correta, quanto à sintaxe da oração acima, é:
a) o predicado é nominal.
b) o predicado é verbal.
c) o verbo, na oração, é transitivo direto.
d) EM VIRTUDE DO DEPÓSITO ... FRESCA é adjunto adverbial de consequência.
e) DE ÁGUA FRESCA é complemento nominal.

58) (IBMEC-2006) Sapos, desculpas e proxenetas
Do "vão ter que me engolir" à cafetina Jane:
fecundos capítulos da novela do mensalão
(fragmento)
Em Zagallo já era feio. O então técnico da seleção tinha o rosto transtornado de fúria, a voz cheia de rancor, e encarava a câmera de TV com ganas de pit bull ferido, quando despejou sua famosa frase: "VOCÊS VÃO TER QUE ME ENGOLIR!". No presidente da República fica muito pior. O "eles vão ter que engolir" destinado pelo presidente Lula aos adversários na semana passada inscreve-se na galeria das grandes grosserias já disparadas pelos presidentes do Brasil. Lembra o "Me esqueçam" do general João Figueiredo quando, em sua última entrevista como presidente, o jornalista Alexandre Garcia lhe perguntou que palavras gostaria de endereçar naquele momento ao povo brasileiro. Com a ameaça de adentrar goela abaixo de uma parcela de brasileiros, o "Lulinha paz e amor" dava abrupta marcha a ré em direção aos tempos espinhudos do sapo barbudo.
O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos. Um dia diz que "ninguém tem mais moral e ética" do que ele, no outro que a "elite brasileira" não vai fazê-lo baixar a cabeça. Por duas vezes, bateu na tecla de que, se se deve investigar até o fim as denúncias que sacodem o país e punir os culpados, deve-se, também, absolver os inocentes e pedir-lhes desculpas. "Que pelo menos a imprensa brasileira divulgue e peça desculpas àqueles que foram acusados injustamente", disse, no mesmo discurso do "vão ter que me engolir". É nessa hora que eleva o tom de voz e embica num fraseado compassado, sinal para a claque dos comícios de que é hora de aplaudir. Fica a impressão de que a pregação que veio antes, de punição aos culpados, foi, além de obrigatório tributo à obviedade, mero contraponto ao apelo à absolvição, o ponto que realmente interessa ao presidente. "Vamos inocentar!", isso, na verdade, é o que ele mais está querendo dizer.

(TOLEDO, Roberto Pompeu de. Revista Veja. Ensaio. São Paulo. Editora Abril. Ano 38, Nº- 32, 10 de agosto de 2005. p.142)

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de verbo usado no sentido figurado caracterizando predicado nominal.
a) "Vamos inocentar!"
b) "eles vão ter que engolir"
c) "O presidente Lula tem andado exaltado em seus pronunciamentos."
d) "... quando despejou sua famosa frase..."
e) "... 'ninguém tem mais moral e ética' do que ele..."

59) (Faap-1996) SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fez-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bocas unidas fez-se a espuma
E das mãos espalmadas fez-se o espanto.

De repente da calma fez-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fez-se o pressentimento
E do momento imóvel fez-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

(Vinícius de Moraes)

"E das bocas unidas fez-se a espuma". Sujeito do verbo fazer:

- a) bocas
- b) alimentação
- c) eco
- d) espuma
- e) indeterminado

60) (Unirio-1998) TERRA

Tudo tão pobre. Tudo tão longe do conforto e da civilização, da boa cidade com as suas pompas e as suas obras. Aqui, a gente tem apenas o mínimo e até esse mínimo é chorado.

Nem paisagem tem, no sentido tradicional de paisagem. Agora, por exemplo, fins d'águas e começos de agosto, o mato já está todo zarolho. E o que não é zarolho é porque já secou. Folha que resta é vermelha, caíram as últimas flores das catingueiras e dos paus-d'arco, e não

haveria mais flor nenhuma não fossem as campânulas das salsas, roxas e rasteiras.

No horizonte largo tudo vai ficando entre sépia e cinza, salvo as manchas verdes, aqui e além, dos velhos juazeiros ou das novatas algarobas. E os serrotes de pedra quando o sol bate neles de chapa, tira faíscas de arco-íris. E a água, a própria água, não dá impressão de fresca: nos pratos-d'água espelhantes ela tem reflexos de aço, que dói nos olhos.

A casa fica num alto lavado de ventos. Casa tão rústica, austera como um convento pobre, as paredes caiadas, os ladrilhos vermelhos, o soalho areado. As instalações rudimentares, a lenha a queimar o fogão, a água de beber a refrescar nos potes. O encanamento novo é um anacronismo, a geladeira entre os móveis primitivos de camaru parece sentir-se mal.

Não tem jardim: as zínias e os manjeriões que levantavam um muro colorido ao pé dos estacotes, estão ressequidos como ramos bentos guardados num baú. Também não tem pomar, fora os coqueiros e as bananeiras do baixo.

Não tem nada dos encantos tradicionais do campo, como os conhecimentos pelo mundo além. Nem sebes floridas, nem regatos arrulhantes, nem sombrios frescos do bosque - só se a gente der para chamar a caatinga de bosque.

Não, aqui não há por onde tentar a velha comparação, a clássica comparação dos encantos do campo aos encantos da cidade. Aqui não há encantos. Pode-se afirmar com segurança que isto por aqui não chega sequer a ser campo. É apenas sertão e caatinga. As delgadas, escuras cercas de pau-a-pique cavalgando as lombadas, o horizonte redondo e desnudo, o vento nordeste varrendo os ariscos.

Comparo este mistério do Nordeste ao mistério de Israel. Aquela terra árida, aquelas águas mornas, aqueles pedregulhos, aqueles cardos, aquelas oliveiras de parca folhagem empoeirada - por que tanta luta por ela, milênios de amor, de guerra e saudade?

Por que tanto suor e carinho no cultivo daquele chão que aparentemente só dá pedra, espinho e garrancho?

Não sei. Mistério é assim: está aí e ninguém sabe. Talvez a gente se sinta mais puros, mais nus, mais lavados. E depois a gente sonha. Naquele cabeço limpo vou plantar uma árvore enorme. Naquelas duas ombreiras a cavaleiro da grotá dá para fazer um açudinho. No pé da parede caberão uns coqueiros e no choro da revênciá, quem sabe, há de dar umas leiras de melancia em novembro.

Aqui tudo é diferente. Você vê falar em ovelhas - e evoca prados relvosos, os brancos carneirinhos redondos de lã. Mas as nossas ovelhas se confundem com as cabras e têm o pêlo vermelho e curto de cachorro-do-mato; verdade que os cordeirinhos são lindos.

Sim, só comparo o Nordeste à Terra Santa. Homens magros, tostados, ascéticos. A carne de bode, o queijo duro, a fruta de lavra seca, o grão cozido n'água e

sal. Um poço, uma lagoa é como um sol líquido, em torno do qual gravitam as plantas, os homens e os bichos. Pequenas ilhas d'água cercadas de terra por todos os lados e em redor dessas ilhas a vida se concentra.

O mais é paz, o sol, o mormaço.

Raquel de Queirós

Assinale a opção correta quanto à predicação atribuída ao verbo sublinhado na passagem do texto:

- a) "A casa **fica** num alto lavado de ventos." (parágrafo 5) - ligação
- b) "Aqui não **há** encantos." (parágrafo 8) - intransitivo
- c) "... que **levantavam** um muro colorido ao pé dos estacotes," (parágrafo 6) - transitivo direto e indireto
- d) "Sim, só **comparo** o Nordeste à Terra Santa." (parágrafo 7) - intransitivo
- e) "...em torno do qual **gravitam** as plantas, os homens e os bichos." (parágrafo 13) - intransitivo

61) (Cesgranrio-1997) Tomava café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa.

- Vou já, respondeu este. E acrescentou para

Botelho: - São eles!

- Deve ser, confirmou o velho.

E desceram logo.

- Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém.

Um homem alto, com ar de estróina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel.

João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele: os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia.

- Está aqui com efeito... disse afinal o negociante.

Pensei que fosse livre...

- É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?...

- Mas imediatamente.

- Onde está ela?

- Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar...

O sujeito fez sinal aos dois urbanos que o acompanharam logo, e encaminharam-se todos para o interior da casa. Botelho, à frente deles, ensinava-lhes o caminho. João Romão ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas.

Atravessaram o armazém, depois um pequeno corredor que dava para um pátio calçado, chegaram finalmente à cozinha. Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras, no chão escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Num

relance de grande perigo compreendeu a situação; adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre: adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

Seu primeiro impulso foi o de fugir. Mal, porém circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

- É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. - Prendam-na! É escrava minha!

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgava o ventre de lado a lado.

E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

Aluísio de Azevedo" O Cortiço"

Em relação à predicação verbal, marque a opção em que a classificação apresentada corresponde ao verbo do respectivo exemplo.

- Verbo transitivo direto - "entrava a polícia" (15)
- Verbo transitivo direto - "Quer entregar-ma?... " (18)
- Verbo de ligação - "Onde está ela?" (20)
- Verbo intransitivo - "ia atrás, pálido, com as mãos cruzadas nas costas" (25)
- Verbo transitivo direto e indireto - "parava à porta da rua uma carruagem" (58)

62) (UERJ-2001) UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm e correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves, até sinistros. Coitados, dir-se-ia que não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno, como também parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes

e no rasto da tristeza chegam à crueldade.

Toda a expressão deles mora nos olhos - e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra.

Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há pouca montanha,

e que segura e que reentrâncias e que

impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias. Têm, talvez,

certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agitação incômoda e o translúcido

vazio interior que os torna tão pobres e carecidos

de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme (que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam

no campo

como pedras aflitas e queimam a erva e a água,

e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.)

É comum encontrar nos livros escolares a definição de predicado como aquilo que se declara sobre o sujeito de uma oração. Essa definição de predicado, entretanto, não é suficiente para identificá-lo em todas as suas ocorrências.

O exemplo em que **não** se poderia identificar o predicado pela definição dada é:

- "falta-lhes / não sei que atributo essencial," (v. 3 - 4)
- "Toda a expressão deles mora nos olhos" (v. 11)
- "neles há pouca montanha," (v. 14)
- "sons que se despedaçam" (v. 22)

63) (PUCCamp-1998) UMA FOTOGRAFIA DO ACIDENTE

Paparazzo é um tipo de mosquito que prolifera na costa italiana durante o verão. Seria o correspondente no Brasil ao borrachudo, pium ou maruim. Mas paparazzo se tornou palavra com sentido comum em todas as línguas do mundo depois que o cineasta Federico Fellini colocou um fotógrafo com este sobrenome no filme *La dolce vita*, de 1960. Sua missão era flagrar ricos e famosos. Desde então, invadindo praticamente todos os lugares do mundo, especialmente Hollywood e as praias mais nobres do verão europeu.

Há poucos meses, alguns paparazzi se tornaram objeto das lentes dos colegas, quando o foco das investigações sobre a causa do acidente que matou a princesa de Gales virou contra eles. É uma acusação que pode servir para os monarquistas ingleses compensarem a ira que têm dos tablóides sensacionalistas, para os republicanos franceses reafirmarem os dogmas da inviolabilidade da vida privada ou para os americanos criarem mais um espetáculo de mídia, o confronto entre artistas e jornalistas. Mas não serve para fazer justiça quando se sabe que ao volante havia um motorista embriagado (consumira o equivalente a uma garrafa e meia de vinho) e irresponsável (estava mais de 160

quilômetros por hora num lugar em que a velocidade máxima era de 50 quilômetros.

"Talvez o dinheiro pago hoje aos fotógrafos leve-os a cometerem excessos", sugeriu o fotógrafo que inspirou o personagem do filme de Fellini. "Mas não existem justificativas para culpá-los." Fotos de Diana valiam muito porque ela era sucesso de público, e suas aparições eram virtuosas performances para que se tirassem fotos e se tivesse uma história.

Se o motorista tivesse respeitado o limite de velocidade, a tragédia teria sido evitada. Em relação aos paparazzi, talvez seja prudente ficar com o escritor colombiano Gabriel García Márquez, que definiu o jornalismo como "uma profissão incompreensível e voraz, cuja obra termina depois de cada notícia, mas que não concede um instante de paz enquanto não torna a começar com mais ardor do que nunca no minuto seguinte." Os paparazzi certamente levam isso às últimas conseqüências.

(Adaptado da Isto É, nº 1458, 10/9/97)

Mas não existem justificativas para culpá-los. A justificativa correta para a concordância verbal da frase acima grifada é:

- a) Nas orações impessoais, o verbo de ligação concorda com o predicativo.
- b) Os verbos unipessoais só admitem um sujeito, seja da 3ª pessoa do singular ou do plural.
- c) O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido.
- d) O verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural, para a 3ª pessoa, se os sujeitos forem da 3ª pessoa.
- e) Nas orações de sujeito indeterminado, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

64) (FATEC-2006) [...] Acordei aos gritos do coronel, e levantei-me estremunhado. Ele, que parecia delirar, continuou nos mesmos gritos, e acabou por laçar mão da moringa e arremessá-la contra mim. Não tive tempos de desviar-me: a moringa bateu-me na face esquerda, e tal foi a dor que não vi mais nada: atirei-me ao doente, pus-lhe as mãos ao pescoço, lutamos, e esganei-o.

Quando percebi que o doente espirava, recuei aterrado, e dei um grito: mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde: arrebentara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto.

[...]

Antes do alvorecer curei a confusão da face. Só então ousei voltar ao quarto. Recuei duas vezes, mas era preciso e entrei: ainda assim, não cheguei logo à cama. Tremiam-me as pernas, o coração batia-me: cheguei a pensar na

fuga: mas era confessar o crime, e, ao contrário, urgia fazer desaparecer os vestígios dele. Fui até a cama: vi o cadáver, com os olhos arregalados e a boca aberta, como deixando passar a eterna palavra dos séculos: "Caim, que fizeste de teu irmão?" Vi no pescoço o sinal das minhas unhas: abotoei alto a camisa e cheguei ao queixo a ponta do lençol. Em seguida, chamei um escravo, disse-lhe que o coronel amanhecera morto; mandei recado ao vigário e ao médico.

A primeira idéia foi retirar-me logo cedo, a pretexto de ter meu irmão doente, e, na verdade, recebera carta dele, alguns dias antes, dizendo-me que se sentia mal. Mas adverti que a retirada imediata poderia fazer despertar suspeitas, e fiquei. Eu mesmo amortalhei o cadáver, com o auxílio de um preto velho e míope.

(Machado de Assis, "O enfermeiro")

Em - a moringa bateu-me na face esquerda – o pronome oblíquo *me* esta sendo utilizado com a mesma função sintática que ocorre em

- a)....e levantei-me estremunhado.
- b) Não tive tempo de desviar-me.
- c) ...atirei-me ao doente.
- d) ... mas ninguém me ouviu.
- e) Tremiam-me as pernas.

65) (Faap-1996)

OLHOS DE RESSACA

Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retina também. Momentos houve que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (Machado de Assis)

Só um destes verbos é transitivo direto, ao lado do qual aparece o objeto direto:

- a) chegou a hora da encomendação.
- b) a confusão era geral.
- c) lhe saltassem algumas lágrimas.
- d) Capitu enxugou-as.
- e) as minhas cessaram logo.

66) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beiços sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"Eu não tinha o ar angélico de Ribas". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

- a) Eu o ar angélico de Ribas não tinha
- b) Eu, só eu, não tinha o ar angélico de Ribas
- c) O ar angélico de Ribas não o tinha eu
- d) Eu não tinha, não tinha o ar angélico de Ribas
- e) O ar angélico de Ribas não era tido por mim

67) (Faap-1996) "O professor usava paletó curto demais". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

- a) Ao paletó curto demais usava o professor
- b) Paletó curto demais usava o professor
- c) Paletó curto demais usava-o o professor
- d) Paletó curto demais era usado pelo professor
- e) O professor - ele mesmo - usava paletó curto demais

68) (Mack-1996) (...) "Do Pantanal, corra até Bonito, onde um mundo de águas cristalinas faz tudo parecer um imenso aquário."

(O Estado de São Paulo)

Assinale a alternativa que apresenta a correta classificação dos verbos do período acima, quanto à sua predicação.

- a) intransitivo - transitivo direto - de ligação
- b) transitivo indireto - transitivo direto - de ligação
- c) intransitivo - transitivo direto - transitivo direto
- d) transitivo indireto - transitivo direto - transitivo direto
- e) intransitivo - intransitivo - intransitivo

69) (Faap-1996) '... homem QUE de certo modo eu amava'. A palavra QUE exerce no texto a função sintática de:

- a) sujeito
- b) objeto direto
- c) objeto indireto
- d) complemento nominal
- e) agente da passiva

70) (Mack-2005) ⁰¹ Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se

⁰² diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.

⁰³ Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era

⁰⁴ a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-

⁰⁵ se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).

⁰⁶ As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de ⁰⁷ sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é

justamente aí que o

⁰⁸ está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher

⁰⁹ palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,

¹⁰ mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro

¹¹ de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

José de Alencar

Assinale a alternativa correta.

- a) No primeiro parágrafo, entregou é forma verbal que expressa ação realizada no passado antes de outra ocorrida também no passado.
- b) O advérbio já (linha 03) está empregado com o mesmo sentido de "ainda".
- c) As expressões de Seixas (linha 04), de Aurélia (linha 04) e da valsa (linha 06) exercem a mesma função sintática: objeto indireto.
- d) Substituindo senão (linha 06) por "unicamente", o sentido original não é prejudicado.
- e) O emprego de justamente (linha 07) revela o desejo de precisão na indicação feita.

71) (Mack-2005) ⁰¹ Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se

⁰² diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.

⁰³ Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era

⁰⁴ a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-

⁰⁵ se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).

⁰⁶ As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de ⁰⁷ sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é

justamente aí que o

⁰⁸ está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
⁰⁹ palpitante, inebriada, às tentações do cavaleiro, delicado embora,
¹⁰ mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
¹¹ de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.

José de Alencar

Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher às tentações do cavaleiro.
 Assinale a alternativa em que os complementos verbais são do mesmo tipo dos encontrados na frase acima.
 a) Considerou irre recuperável aquele velho piso de madeira.
 b) Essa moça sempre responde indelicadamente a qualquer pergunta.
 c) Ditou a carta ao filho recém-alfabetizado.
 d) O navio zarpuu às primeiras horas de calmaria.
 e) Bem no alto cintilam as estrelas mais atraentes.

72) (UFSC-2007)

TEXTO 3

1 “Quando a noite está escura, e cai o vento noroeste, vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar, vindos da *Ilha do Mel à Ponta Grossa*, e irem costeando até a *Ponta da Pedreira*. Dali se
 5 transformam em duas pombas brancas, e voam pelo mesmo caminho que vieram; porém então são perseguidas por três corvos que procuram agarrá-las com seus bicos hediondos, grasnando horrivelmente: chegando bem no meio do mar, os corvos se transformam em Meninos queimados, e lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços, iluminando todo o mar com o clarão de suas caudas inflamadas.”

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 126.

Considerando ainda o TEXTO 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. De acordo com a norma culta, na frase “vê-se dois vultos brancos como a neve atravessarem o mar [...]” (linhas 1-2) há problema de concordância verbal, uma vez que o verbo “vê” deveria estar no plural, por ter como sujeito “dois vultos brancos como a neve”.
 02. Em “... três corvos que procuram agarrá-las...” (linhas 4-5), o pronome oblíquo faz referência à palavra “crianças” (linha 7).

04. Em “Dali se transformam em duas pombas brancas” (linha 3), houve elipse do sujeito que pode ser resgatado no período anterior.

08. De acordo com as informações do Texto 3, é possível avistar os “vultos brancos como a neve atravessarem o mar” (linhas 1-2) sob duas condições: que a noite esteja escura e sem vento noroeste.

16. Em “... lançam gritos tão agudos que fazem acordar as crianças em seus berços” (linhas 6-7) temos, na segunda oração, uma relação de consequência.

32. Os vocábulos está, vê-(se), porém, três, agarrá-(las), sublinhados no Texto 3, recebem acento gráfico pela mesma regra, ou seja, por serem todos oxítonos, condição suficiente para que os vocábulos sejam acentuados.

73) (PUC-SP-2006) A animalização do país
 Clóvis Rossi, Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

SÃO PAULO - No sóbrio relato de Elvira Lobato, lia-se ontem, nesta Folha, a história de um Honda Fit abandonado em uma rua do Rio de Janeiro "com uma cabeça sobre o capô e os corpos de dois jovens negros, retalhados a machadadas, no interior do veículo".

Prossegue o relato: "A reação dos moradores foi tão chocante como as brutais mutilações. Vários moradores buscaram seus celulares para fotografar os corpos, e os mais jovens riram e fizeram troça dos corpos.

Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem. "Eu gritei: Está nervoso e perdeu a cabeça?", relatou um motoboy que pediu para não ser identificado, enquanto um estudante admitiu ter rido e feito piada ao ver que o coração e os intestinos de uma das vítimas tinham sido retirados e expostos por seus algozes. "Ri porque é engraçado ver um corpo todo picado", respondeu o estudante ao ser questionado sobre a causa de sua reação.

O crime em si já seria uma clara evidência de que bestas-feras estão à solta e à vontade no país. Mas ainda daria, num esforço de auto-engano, para dizer que crimes bestiais ocorrem em todas as partes do mundo.

Mas a reação dos moradores prova que não se trata de uma perversidade circunstancial e circunscrita. Não. O país perde, crescentemente, o respeito à vida, a valores básicos, ao convívio civilizado. O anormal, o patológico, o bestial, vira normal. "É engraçado", como diz o estudante. O processo de animalização contamina a sociedade, a partir do topo, quando o presidente da República diz que seu partido está desmoralizado, mas vai à festa dos desmoralizados e confraterniza com trambiqueiros confessos. Também deve achar "engraçado".

Alguma surpresa quando é declarado inocente o comandante do massacre de 111 pessoas, sob aplausos de parcela da sociedade para quem presos não têm direito à

vida? São bestas-feras, e deve ser "engraçado" matá-los. É a lei da selva, no asfalto.

No trecho "Os próprios moradores descreveram a algazarra à reportagem, pode-se dizer que os dois termos grifados são, respectivamente,

- a) o sujeito e o predicado do verbo "descreveram".
- b) o adjunto adnominal e o adjunto adverbial do verbo "descreveram".
- c) o objeto direto e o objeto indireto do verbo "descreveram".
- d) o aposto e o vocativo do verbo "descreveram".
- e) o complemento nominal e o agente da passiva do verbo "descreveram".

74) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo. A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombrada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Em três das quatro frases que se seguem, o pronome LHE apresenta a mesma função. Assinale a alternativa na qual o pronome LHE apresenta função DIFERENTE da que foi empregada nas demais frases.

- a) "...imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso..." (linhas 22 e 23)
- b) "...deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito." (linhas 24 e 25)
- c) "...cheia de cordas que, mesquinamente lhe escorriam pela ciclópica nudez..." (linhas 33 a 35)
- d) "Em certos lugares muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro..." (linhas 35 a 37)

75) (FGV-2003) Assinale a alternativa em que, pelo menos, um verbo esteja sendo usado como transitivo direto.

- a) Dependeu o coveiro de alguém que rezasse.
- b) Oremos, irmãos!
- c) Chega o primeiro raio da manhã.
- d) Loureiro escolheu-nos como padrinhos.
- e) Contava com o auxílio de Marina para cuidar do evento.

76) (Faap-1997) BAILADO RUSSO Guilherme de Almeida

A mão firme e ligeira
puxou com força a fieira:
e o pião
fez uma elipse tonta
no ar e fincou a ponta
no chão.

É o pião com sete listas
de cores imprevisas.
Porém,
nas suas voltas doudas,
não mostra as cores todas
que tem:

- fica todo cinzento,
no ardente movimento...
E até
parece estar parado,
teso, paralisado,
de pé.

Mas gira. Até que, aos poucos,
em torvelins tão loucos
assim,
já tonto, bamboleia,
e bambo, cambaleia...

Enfim,

tomba. E, como uma cobra,
corre mole e desdobra
então,
em hipérboles lentas,
sete cores violentas
no chão.

"O pião fez uma elipse tonta". A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

- a) O pião - ele mesmo - fez uma elipse tonta.
- b) Uma elipse tonta foi feita pelo pião.
- c) Uma elipse tonta fez o pião.
- d) Uma elipse tonta fê-la o pião.
- e) Fez o pião uma elipse tonta.

77) (Faap-1997) Barcos de Papel

Quando a chuva cessava e um vento fino
franzia a tarde tímida e lavada,
eu saía a brincar pela calçada,
nos meus tempos felizes de menino.

Fazia de papel toda uma armada
e, estendendo meu braço pequenino,
eu soltava os barquinhos, sem destino,
ao longo das sarjetas, na enxurrada...

Fiquei moço. E hoje sei, pensando neles,
que não são barcos de ouro os meus ideais:
são feitos de papel, tal como aqueles,

perfeitamente, exatamente iguais...
- que os meus barquinhos, lá se foram eles! foram-se
embora e não voltaram mais!

Guilherme de Almeida

"Fazia de papel toda uma armada / e estendendo meu
braço pequenino, / eu soltava os barquinhos, sem destino,
/ ao longo das sarjetas, na enxurrada..."

A Língua conhece o objeto direto pleonástico:

- a) os barquinhos eu os soltava, sem destino.
- b) eu, eu mesmo soltava os barquinhos, sem destino.
- c) eu soltava e soltava os barquinhos, sem destino.
- d) sem destino, eu soltava os barquinhos.
- e) soltavam-se os barquinhos, sem destino.

78) (Vunesp-1998) CONVITE A MARÍLIA

Já se afastou de nós o Inverno agreste
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores
O prado ameno de boninas veste:

Varrendo os ares o sutil nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste:

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Deixa louvar da corte a vã grandeza:
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da Natureza!
BOCAGE. Obras de Bocage. Porto: Lello & Irmão, 1968, p.
142.

O estilo neoclássico, do qual Bocage foi um dos grandes expoentes em Língua Portuguesa, se caracteriza, entre outros aspectos, pelo uso de hipérbatos, isto é, de inversões da ordem normal das palavras na oração ou da ordem das orações no período. Levando em conta esta informação, releia o soneto Convite a Marília e, a seguir:

- a) Apresente dois versos em que ocorrem hipérbatos e os reescreva na ordem sintática normal.
- b) Identifique a função sintática exercida pelos termos cujos núcleos são, respectivamente, os substantivos beleza e abrigo, na terceira estrofe.

79) (Mack-2002) Cuido haver dito, no capítulo XIV, que
Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia.
Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam
todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na
gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não
fossem os vossos dices* e fiados? Um terço ou um quinto
do universal comércio dos corações. (...) O que eu quero
dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos
bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos
bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era
bem bonita, Marcela amou-me (...) durante quinze meses e
onze contos de réis; nada menos.

* Dices: jóias, enfeites

Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- a) Em *morria de amores pelo Xavier*, de amores tem a função de adjunto adverbial de intensidade.
- b) Em *assim o afirmam todos os joalheiros*, o pronome oblíquo **o** retoma o período *Não morria, vivia*.
- c) Em *assim o afirmam todos os joalheiros*, joalheiros é complemento do verbo afirmar.
- d) O narrador surpreende o leitor ao utilizar o aposto *gente muito vista na gramática* para caracterizar joalheiros.
- e) Ao dizer *Não morria, vivia*, o narrador, através de uma antítese, confirma que Marcela padecia de amores por Xavier.

80) (FGV-2003) Em cada uma das alternativas abaixo, está sublinhado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

- a) O rapaz aludiu às histórias passadas, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
- b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia à novela da Globo, todos os dias.
- c) Quem disse a Joaquina que as batatas deveriam cozer-se devagar?
- d) Com a aterrissagem, o avião logo transmitiu ao público a melhor das impressões.
- e) Foi fiel à lei durante todos os anos que passou nos Açores.

81) (PUC - MG-2007) ESCOLA DA PONTE 6¹

Rubem Alves

Imagino que você, que procura minhas crônicas aos domingos, deve estar cansado. Pois esse é o quinto domingo em que falo sobre a mesma coisa. Pessoas que falam sempre sobre as mesmas coisas são chatas. Além do que, essa insistência em uma coisa só é contrária ao estilo de crônicas. Crônicas, para serem gostosas, devem refletir a imensa variedade da vida. Um cronista é um fotógrafo. Ele fotografa com palavras. Crônicas são dádivas aos olhos. Ele deseja que os leitores vejam a mesma coisa que ele viu. Se normalmente não sou chato, deve haver alguma razão para essa insistência em fotografar uma mesma coisa. Quem fotografa um mesmo objeto repetidas vezes deve estar apaixonado.

Comporta-se como os fotógrafos de modelos, clic, clic, clic, clic, clic...: dezenas, centenas de fotos, cada uma numa pose diferente! Um dos meus pintores favoritos é Monet. Pois ele fez essa coisa insólita: pintou um monte de feno muitas vezes. [...]

Pois estou fazendo com as minhas crônicas o que Monet fez: ele, diante do monte de feno; eu, diante de uma pequena escola por que me apaixonei – pois ela é a escola com que sempre sonhei sem ter sido capaz de desenhar. Nunca fui professor primário. Fui professor universitário. O Vinícius, descrevendo a bicharada saindo da Arca de Noé, disse: ‘Os fortes vão na frente tendo a cabeça erguida e os fracos, humildemente, vão atrás, como na vida...’ Pois é exatamente assim que acontece na ‘Arca de Noé’ dos professores: os professores universitários vão na frente tendo a cabeça erguida, e os primários, humildemente, vão atrás, como na vida... Professor universitário é doutor, cientista, pesquisador, publica em revistas internacionais artigos em inglês sobre coisas complicadas que ninguém mais sabe e são procurados como assessores de governo e de empresas. Professor primário é professor de 3ª classe, não precisa nem ter mestrado e nem falar inglês, dá aulas para crianças sobre coisas corriqueiras que todo mundo sabe. Crianças – essas coisinhas insignificantes, que ainda não são... Haverá atividade mais obscura?

Professores universitários gostam das luzes do palco. Professores primários vivem na sombra...[...] A velhice me abriu os olhos. Quando se chega no topo, quando não há mais degraus para subir, a gente começa a ver com uma clareza que não se tinha antes. ‘Tenho a lucidez de quem está para morrer’, dizia Fernando Pessoa na Tabacaria. Fiquei lúcido! E o que eu vi com clareza foi o mesmo que viu Joseph Knecht, o personagem central do livro de Hesse O Jogo das Contas de Vidro: depois de chegar no topo percebeu o equívoco. E surgiu, então, o seu grande desejo: ensinar uma criança, uma única criança que ainda não tivesse sido deformada (essa é a palavra usada por Hesse) pela escola. Também eu: quero voltar para as crianças. A razão? Por elas mesmas. É bom estar com elas. Crianças têm um olhar encantado. Visitando uma reserva florestal no estado do Espírito Santo, a bióloga encarregada do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. Os olhos delas se encantam com tudo: as formas das sementes, as plantas, as flores, os bichos. Tudo, para elas, é motivo de assombro. E acrescentou: ‘Com os adolescentes é diferente. Eles não têm olhos para as coisas. Eles só têm olhos para eles mesmos...’ Eu já tinha percebido isso. Os adolescentes já aprenderam a triste lição que se ensina diariamente nas escolas: aprender é chato. O mundo é chato. Os professores são chatos. Aprender, só sob ameaça de não passar no vestibular.

Por isso quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados. Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento: a capacidade de se assombrar diante do banal. Tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, um ninho de guacho, uma concha de caramujo, o vôo dos urubus, o zinar das cigarras, o coaxar dos sapos, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra. Dessas coisas, invisíveis aos eruditos olhos dos professores universitários (eles não podem ver, coitados. A especialização os tornou cegos como toupeiras. Só vêem dentro do espaço escuro de suas tocas. E como vêem bem!), nasce o espanto diante da vida; desse espanto, a curiosidade; da curiosidade, a fuçação (essa palavra não está no Aurélio!) chamada pesquisa; dessa fuçação, o conhecimento; e do conhecimento, a alegria!

Pensamos que as coisas a serem aprendidas são aquelas que constam dos programas. Essa é a razão por que os professores devem preparar seus planos de aula. Mas as coisas mais importantes não são ensinadas por meio de aulas bem preparadas. Elas são ensinadas inconscientemente. Bom seria que os educadores lessem ruminativamente (também não se encontra no Aurélio) o Roland Barthes.

Ele descreveu o seu ideal de aula como sendo a criação de um espaço – isso mesmo! um espaço!

– parecido com aquele que existe quando uma criança brinca ao redor da mãe. Explico. A criança pega um botão, leva para a mãe. A mãe ri, e faz um corrupio. (Você sabe o que é um corrupio?). Pega um pedaço de barbante. Leva

para a mãe. A mãe ri e lhe ensina a fazer nós. Ele conclui que o importante não é nem o botão e nem o barbante, mas esse espaço lúdico que se ensina sem que se fale sobre ele.

Na Escola da Ponte o mais importante que se ensina é esse espaço. Nas nossas escolas: salas separadas; o que se ensina é que a vida é cheia de espaços estanques. Turmas separadas e hierarquizadas: o que se ensina é que a vida é feita de grupos sociais separados, uns em cima dos outros. Conseqüência prática: a competição entre as turmas, competição que chega à violência (os trotes!).

Saberes ministrados em tempo definidos, um após o outro: o que se ensina é que os saberes são compartimentos estanques (e depois reclamam que os alunos não conseguem integrar o conhecimento).

Apelam então para a 'transdisciplinaridade', para corrigir o estrago feito. [...]). Ah! Uma vez cometido o erro arquitetônico, o espírito da escola já está determinado! Mas nem arquitetos e nem técnicos da educação sabem disto...

Escola da Ponte: um único espaço, partilhado por todos, sem separação por turmas, sem campanhas anunciadas o fim de uma disciplina e o início de outra. A lição social: todos partilhamos de um mesmo mundo. Pequenos e grandes são companheiros numa mesma aventura. Todos se ajudam.

Não há competição. Há cooperação. Ao ritmo da vida: os saberes da vida não seguem programas. É preciso ouvir os 'miúdos', para saber o que eles sentem e pensam. É preciso ouvir os 'graúdos', para saber o que eles sentem e pensam. São as crianças que estabelecem as regras da convivialidade: a necessidade do silêncio, do trabalho não perturbado, de se ouvir música enquanto trabalham. São as crianças que estabelecem os mecanismos para lidar com aqueles que se recusam a obedecer as regras.

Pois o espaço da escola tem de ser como o espaço do jogo: o jogo, para ser divertido e fazer sentido, tem de ter regras. Já imaginaram um jogo de vôlei em que cada jogador pode fazer o que quiser?

A vida social depende de que cada um abra mão da sua vontade, naquilo em que ela se choca com a vontade coletiva. E assim vão as crianças aprendendo as regras da convivência democrática, sem que elas constem de um programa...

Minha cabeça está coçando com o sonho de fazer uma escola parecida... Você matricularia seu filho numa escola assim? Me mande uma mensagem com sua resposta com suas razões. Estou curioso.

Mas, para fazer essa escola tenho de resolver um problema: como é que o guaxo* coloca o primeiro graveto para construir o seu ninho?

**Guaxo é um pássaro que constrói ninhos do tamanho e forma de uma jaca. São feitos com pauzinhos trançados em torno de um ramo pendente de uma árvore. Já tentei desmontar um – não consegui, tão bom era o tecido dos pauzinhos. Minha pergunta, desde menino: Como é que o guaxo põe o primeiro pauzinho em torno do ramo? Quem o*

segurou enquanto ele ia buscar o outro? Como foi que o diretor da Escola da Ponte, o professor José Pacheco, 'guaxo-mor', colocou o primeiro pauzinho para fazer a Escola da Ponte?

¹Rubem Alves escreveu várias crônicas sobre a "Escola da Ponte", com o mesmo título, apenas alterada a numeração. Essa escola portuguesa, segundo informações do site da Embaixada de Portugal, acredita na autonomia dos estudantes e trabalha com três valores: liberdade, responsabilidade e solidariedade. Lá não há turmas, séries ou testes. Também não há salas de aulas ou professores específicos para as disciplinas; o aluno escolhe qual a área de seu interesse e, a partir disso, são desenvolvidos trabalhos de pesquisas tanto em grupo como individuais, através da orientação de professores. A escola emprega o modelo há 31 anos e trabalha com alunos de 5 a 17 anos.

(Retirado de <http://www.rubemalves.com.br/escoladaponte6.htm>. Publicado originalmente com o título: A Escola da Ponte 5. *Correio Popular*, Caderno C, 18/06/2000)

Leia os exemplos a seguir e responda, depois, ao que se pede.

- I. A velhice me abriu os olhos. (4º §)
 - II. [...] diante de uma pequena escola por que me apaixonei [...] (2º §)
 - III. [...] a bióloga encarregada do programa de educação ambiental me disse que é fácil lidar com as crianças. (5º §)
 - IV. Me mande uma mensagem com sua resposta com suas razões. (10º §)
- Em todos os exemplos, ocorre o pronome "me". Em termos dos papéis que esse pronome pode exercer, existe igualdade na função exercida por ele em:
- a) apenas I e II.
 - b) apenas II e III.
 - c) apenas III e IV.
 - d) apenas I e IV.

82) (Mack-2005) Eu também já fui brasileiro moreno como vocês.

Ponteei viola, guiei forde e aprendi na mesa dos bares que o nacionalismo é uma virtude.

Mas há uma hora em que os bares se fecham e todas as virtudes se negam.

Carlos Drummond de Andrade

Assinale a afirmativa correta.

- a) Do segundo ao quinto verso, detalha-se o sentido de fui brasileiro (primeiro verso).
- b) A palavra também (primeiro verso) é índice de um pressuposto: todos os leitores são brasileiros.

- c) O modo e o tempo de todos os verbos indicam ações inconclusas no passado.
 d) No trecho há uma hora em que os bares se fecham (sexto verso) ocorre ambigüidade: uma pode ser artigo indefinido ou numeral.
 e) Os termos bares (quarto verso), viola e forde (terceiro verso) são complementos verbais.

83) (Vunesp-2001) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um fragmento do poema **Em Defesa da Língua**, do poeta neoclássico português Filinto Elísio (1734-1819), uma passagem de um texto em prosa do poeta simbolista brasileiro Cruz e Sousa (1861-1898) e uma passagem de um texto em prosa do poeta modernista brasileiro Tasso da Silveira (1895-1968).

Em Defesa da Língua

Lede, que é tempo, os clássicos honrados;
 Herdai seus bens, herdai essas conquistas,
 Que em reinos dos romanos e dos gregos
 Com indefesso estudo conseguiram.
 Vereis então que garbo, que facúndia
 Orna o verso gentil, quanto sem eles
 É delambido e peço o pobre verso.

 Abra-se a antiga, veneranda fonte
 Dos genuínos clássicos e soltem-se
 As correntes da antiga, sã linguagem.
 Rompam-se as minas gregas e latinas
 (Não cesso de o dizer, porque é urgente);
 Cavemos a facúndia, que abasteça
 Nossa prosa eloqüente e culto verso.
 Sacudamos das falas, dos escritos
 Toda a frase estrangeira e frandulagem
 Dessa tinha, que comichona afeia
 O gesto airoso do idioma luso.
 Quero dar, que em francês hajam formosas
 Expressões, curtas frases elegantes;
 Mas índoles dif'rentes têm as línguas;
 Nem toda a frase em toda a língua ajusta.
 Ponde um belo nariz, alvo de neve,
 Numa formosa cara trigueirinha
 (Trigueiras há, que às louras se avantajam):
 O nariz alvo, no moreno rosto,
 Tanto não é beleza, que é defeito.
 Nunca nariz francês na lusa cara,
 Que é filha da latina, e só latinas
 Feições lhe quadram. São feições parentas.
 In: ELÍSIO, Filinto. Poesias. Lisboa: Livraria Sá da Costa-
 Editora, 1941, p. 44 e 51.

O Estilo

O estilo é o sol da escrita. Dá-lhe eterna palpitação, eterna vida. Cada palavra é como que um tecido do organismo do período. No estilo há todas as gradações da luz, toda a escala dos sons.

O escritor é psicólogo, é miniaturista, é pintor - gradua a luz, tonaliza, esbate e esfumina os longes da paisagem. O princípio fundamental da Arte vem da Natureza, porque um artista faz-se da Natureza. Toda a força e toda a profundidade do estilo está em saber apertar a frase no pulso, domá-la, não a deixar disparar pelos meandros da escrita.

O vocábulo pode ser música ou pode ser trovão, conforme o caso. A palavra tem a sua anatomia; e é preciso uma rara percepção estética, uma nitidez visual, olfativa, palatal e acústica, apuradíssima, para a exatidão da cor, da forma e para a sensação do som e do sabor da palavra.

In: CRUZ E SOUSA. Obra completa. Outras evocações. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961, p. 677-8.

Técnicas

A técnica artística, incluindo a literatura, se constitui, de começo, de um conjunto de normas objetivas, extraídas da longa experiência, do trato milenário com os materiais mais diversos. Depois que se integra na consciência e no instinto, na inteligência e nos nervos do artista, sofre profunda transfiguração. O artista "assimilou-a" totalmente, o que significa que a transformou, a essa técnica, em si mesmo. Quase se poderia dizer que substituiu essa técnica por outra que, tendo nascido embora da primeira, é a técnica personalíssima, seu instrumento de comunicação e de transfiguração da matéria. Só aí adquiriu seu gesto criador a autonomia necessária, a força imperativa com que ele se assenhoreia do mistério da beleza para transfundi-lo em formas no mármore, na linha, no colorido, na linguagem. A técnica de cada artista fica sendo, desta maneira, não um "processo", um elemento exterior, mas a substância mesma de sua originalidade. Inútil lembrar que tal personalíssima técnica se gera do encontro da luta do artista com o material que trabalha.

In: SILVEIRA, Tasso da. Diálogo com as raízes (jornal de fim de caminhada). Salvador: Edições GRD-INL, 1971, p. 23.

Os falantes e os escritores muitas vezes se servem do emprego de elementos que, mesmo desnecessários à estrutura da frase, porque redundantes, podem reforçar, dinamizar ou enfatizar a expressão. Considerando este comentário, observe atentamente o terceiro período do fragmento de Tasso da Silveira e, a seguir,
 a) demonstre, com base em elementos da estrutura da oração, que a locução "a essa técnica" é redundante;
 b) justifique a razão de o escritor haver empregado a preposição "a" antecedendo à mencionada locução.

84) (Vunesp-2002) INSTRUÇÃO: A questão abaixo toma por base as primeiras quatro estrofes da **Canção do Tamoio**, do poeta romântico Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), um trecho da **Oração aos Moços**, de Rui Barbosa de Oliveira (1849-1923), e o **Hino do Deputado**, do poeta modernista Murilo Monteiro Mendes (1901-1975).

Canção do Tamoio

I
Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II
Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuia,
Condor ou tapir.

III
O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frentes,
Escutam-lhe a voz!

IV
Domina, se vive;
Se morre, descansa
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte há de vir!
(GONÇALVES DIAS, Antônio. Obras Poéticas. Tomo II. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 42-43.)

Oração aos Moços

Magistrados ou advogados sereis. Suas duas carreiras quase sagradas, inseparáveis uma da outra, e, tanto uma como a outra, imensas nas dificuldades, responsabilidades e utilidades.

Se cada um de vós meter bem a mão na consciência, certo que tremerá da perspectiva. O tremer próprio é dos que se defrontam com as grandes vocações, e são talhados para as desempenhar. O tremer, mas não o descorçoar. O tremer, mas não o renunciar. O tremer, com o ousar. O tremer, com o empreender. O tremer, com o confiar. Confiai, senhores. Ousai. Reagi. E haveis de ser bem

sucedidos. Deus, pátria e trabalho. Metei no regaço essas três fés, esses três amores, esses três signos santos. E segui, com o coração puro. Não hajais medo a que a sorte vos ludibrie. [...]

Idealismo? Não: experiência da vida. Não há forças, que mais a senhoreiem, do que essas. Experimentai-o, como eu o tenho experimentado. Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado. Mas meramente para variar de posto, e, em vos sentindo incapazes de uns, buscar outros, onde vos venha ao encontro o dever, que a Providência vos haja reservado.

(BARBOSA, Rui. Oração aos moços [discurso de paraninfo dos formandos da Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1920]. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956, p. 58-59.)

Hino do Deputado

Chora, meu filho, chora.
Ai, quem não chora não mama,
Quem não mama fica fraco,
Fica sem força pra vida,
A vida é luta renhida,
Não é sopa, é um buraco.
Se eu não tivesse chorado
Nunca teria mamado,
Não estava agora cantando,
Não teria um automóvel,
Estaria caceteado,
Assinando promissória,
Quem sabe vendendo imóvel
A prestação ou sem ela,
Ou esperando algum tigre
Que talvez desse amanhã,
Ou dando um tiro no ouvido,
Ou sem olho, sem ouvido,
Sem perna, braço, nariz.
Chora, meu filho, chora,
Anteontem, ontem, hoje,
Depois de amanhã, amanhã.
Não dorme, filho, não dorme,
Se você toca a dormir
Outro passa na tua frente,
Carrega com a mamadeira.
Abre o olho bem aberto,
Abre a boca bem aberta,
Chore até não poder mais.
(MENDES, Murilo. História do Brasil, XLIII. In: Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 177-178.)

No verso do **Hino do Deputado** "A prestação ou sem ela", o pronome pessoal do caso reto "ela" faz referência ao antecedente "prestação". Fundamentado nesta informação e neste exemplo, a) aponte o antecedente a que se refere o pronome "as" no seguinte período de **Oração aos Moços**: "Poderá ser

que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado.";

b) ainda considerando o período "Poderá ser que resigneis certas situações, como eu as tenho resignado", identifique a função sintática exercida pelo pronome "as" e por seu antecedente nas respectivas orações de que fazem parte.

85) (FEI-1997) INVESTIMENTO SEM RISCO

"Em julho do ano passado, EXAME encomendou ao jornalista Stephen Hugh-Jones¹, editor da seção de assuntos internacionais da centenária revista inglesa The Economist, um artigo² para a edição especial sobre o primeiro ano do Plano Real. (...) Aqui, chocou-o profundamente a constatação de que quase um quinto da população brasileira com idade superior a 15 anos não sabia ler nem escrever. Em números absolutos, isso significa quase 20 milhões de pessoas materialmente incapacitadas, em função da ignorância, para fruir do desenvolvimento ou colaborar com ele. Essa cifra triplica caso sejam incluídos os chamados analfabetos funcionais, isto é, aquelas pessoas que não completaram a 4ª série do primário. (...) Não se trata, apenas, de uma questão elementar de justiça. O sistema educacional brasileiro simplesmente não faz sentido do ponto de vista econômico. As dezenas de milhões de brasileiros desprovidos de educação não têm (nem terão) chances reais de obter renda, não consomem mais do que produtos básicos, não pagam impostos, não produzem bens ou serviços com real valor econômico, não estão aptos a ser empregados num número crescente de atividades". (EXAME, 17/07/1996)

Observe os termos indicados no texto: "ao jornalista Stephen Hugh-Jones" (ref. 1) e "um artigo" (ref. 2). Em análise sintática, classificamos os termos destacados, respectivamente como:

- a) objeto direto e objeto indireto.
- b) complemento nominal e objeto direto.
- c) adjunto adverbial e aposto.
- d) objeto indireto e objeto direto.
- e) objeto indireto e adjunto adverbial.

86) (ESPM-2007) Leia:

Vou retratar Marília

Vou retratar a Marília,
a Marília, meus amores;
porém como? se eu não vejo
quem me empreste as finas cores:
dar-mas a terra não pode;
não, que a sua cor mimosa
vence o lírio, vence a rosa,
o jasmim e as outras flores.
Ah! socorre, Amor, socorre
ao mais grato empenho meu!

Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tintas do céu.
(Tomás Antonio Gonzaga)

A fusão de dois pronomes oblíquos em "mas" tem como referentes:

- a) Marília e "flores".
- b) Marília e "finas cores".
- c) "eu" poético e "flores".
- d) "eu" poético e "finas cores".
- e) "eu" poético e "as tintas do céu".

87) (Cesgranrio-1994) MEU POVO, MEU POEMA

Meu povo e meu poema crescem juntos
como cresce no fruto
a árvore nova

No povo meu poema vai nascendo
como no canavial
nasce verde o açúcar

No povo meu poema está maduro
como o sol
na garganta do futuro

Meu povo em meu poema
se reflete
como a espiga se funde em terra fértil

Ao povo seu poema aqui devolvo
menos como quem canta
do que planta

(Ferreira Gullar)

Os termos "No povo" (v.7) e "Ao povo" (v.13), exercem, respectivamente, as funções sintáticas de:

- a) objeto indireto - adjunto adverbial.
- b) objeto indireto - complemento nominal.
- c) complemento nominal - objeto indireto.
- d) adjunto adverbial - adjunto adverbial.
- e) adjunto adverbial - objeto indireto.

88) (UFF-2001) O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim. Os amigos que me restam são de data recente; todos

os antigos foram estudar a geologia dos campos santos. Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. A certos respeitos, aquela vida antiga aparece-me despida de muitos encantos que lhe achei; mas é também exato que perdeu muito espinho que a fez molesta, e, de memória, conservo alguma recordação doce e feiticeira. Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma *História dos Subúrbios* menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras ?...* ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Capítulo II, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1971, v. 1, p. 810-11.

“Duas ou três fariam crer **nela** aos outros, mas a língua que falam obriga muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.”

O termo sublinhado (contração da preposição **em** com o pronome reto **ela**) retoma um outro de mesma função sintática. Identifique-o:

- a) certidão
- b) mocidade
- c) mim
- d) lacuna
- e) pintura

89) (UFAC-1997) O PRIMO

Primeira noite ele conheceu que Santina não era moça. Casado por amor, Bento se desesperou. Matar a noiva, suicidar-se, e deixar o outro sem castigo? Ela revelou que, havia dois anos, o primo Euzébio lhe fizera mal, por mais que se defendesse. De vergonha, prometeu a Nossa Senhora ficar solteira. O próprio Bento não a deixava mentir, testemunha de sua aflição antes do casamento. Santina pediu perdão, ele respondeu que era tarde - noiva de grinalda sem ter direito. (Cemitério de elefantes. Apud CARNEIRO, Agostinho Dias)

"O próprio Bento não a deixava mentir..." Se o autor tivesse escrito "O próprio Bento não lhe deixava mentir...":

- a) estaria acertando, porque tanto "a" quanto "lhe" são pronomes que exercem sempre a mesma função sintática.
- b) estaria errando, porque "a" é pronome de 3ª pessoa e "lhe", de 2ª.
- c) estaria errando, porque "a" não pode exercer a mesma função sintática que "lhe", pelo menos como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em apreço.
- d) estaria acertando, porque "a" pode exercer a mesma função sintática que "lhe", em especial como pronome oblíquo em função objetiva, como é o caso do exemplo em estudo.
- e) estaria errando, porque "a" e "lhe", nesse tipo de construção, só exercem função sintática idêntica quando a forma verbal infinitiva é transitiva direta.

90) (PUC-SP-2002) O TIO AQUÁTICO

Os primeiros vertebrados, que no Carbonífero deixaram a vida aquática pela vida terrestre, derivavam dos peixes ósseos pulmonados, cujas nadadeiras podiam ser roladas sob o corpo e usadas como patas sobre a terra.

Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq, e aqueles que se decidiam a dar o grande passo eram sempre em número maior, não havendo família que não tivesse algum dos seus entes queridos lá no seco; todos contavam coisas extraordinárias sobre o que se podia fazer em terra firme, e chamavam os parentes. Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós: existia a família que vivia em terra havia várias gerações e cujos jovens ostentavam maneiras que já não eram de anfíbios mas quase de répteis; e existiam aqueles que ainda insistiam em bancar o peixe e assim se tornavam ainda mais peixes do que quando se usava ser peixe.

(..)

Daquela vez a visita à lagoa foi mais longa. Estendemo-nos os três sobre uma das margens em declive: o tio mais para o lado da água, mas nós também a meio banho, de tal maneira que se alguém nos visse de longe, estirados uns ao lado dos outros, não saberia dizer quem era terrestre e quem aquático.

O peixe atacou um de seus refrãos preferidos: a superioridade da respiração na água sobre a respiração aérea, com todo o repertório de suas difamações. Agora LII toma as dores e lhe dá o merecido troco!, pensava. Mas eis que se viu aquele dia que LII usava uma outra tática: discutia com ardor, defendendo nossos pontos de vista, mas ao mesmo tempo levando muito a sério os argumentos do velho N'ba N'ga.

As terras emersas, segundo o tio, eram um fenômeno limitado: iriam desaparecer assim como vieram à tona, ou,

de qualquer forma, ficariam sujeitas a mutações contínuas: vulcões, glaciações, terremotos, enrugamentos do terreno, mutações de clima e de vegetação. E nossa vida nesse meio devia enfrentar transformações contínuas, mediante as quais populações inteiras iriam desaparecer, e só haveria de sobreviver quem estivesse disposto a modificar de tal forma a base de sua existência, que as razões anteriormente passíveis de tornar a vida bela de viver seriam completamente transtornadas e esquecidas. *Calvino, I (1994). As Cosmômicas, São Paulo, Companhia das Letras, p. 71-83.*

Leia com atenção o seguinte trecho do texto:

“Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas **para** ver se funcionavam **como** patas, **como** haviam conseguido fazer os mais dotados.

Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós...”

Com relação ao pronome “los” em “segurá-los”, indique a alternativa correta.

- É objeto direto pleonástico e enfatiza a atitude dos peixes jovens em oposição aos que “insistiam em bancar o peixe”.
- É objeto direto referente ao aposto “peixes jovens” e enfatiza a atitude dos peixes mais velhos em oposição aos mais jovens.
- É objeto direto e determina as diferenças entre os mais e os menos dotados.
- É predicativo do sujeito e caracteriza o termo “peixes jovens”.
- É predicativo do objeto e enfatiza a atitude dos peixes jovens em oposição aos que “insistiam em bancar o peixe”.

91) (FGV-2005) Observe a frase **Comeu muito**, na linha 27. Agora observe a frase **Comeu pipocas**. Que diferenças de sentido e de regência há entre as duas ocorrências do verbo **comer**?

- HORA DA SESTA. Um grande silêncio no casarão.
- Faz sol, depois de uma semana de dias sombrios e úmidos.
- Clarissa abre um livro para ler. Mas o silêncio é tão grande que, inquieta, ela torna a pôr o
- volume na prateleira, ergue-se e vai até a janela, para ver um pouco de vida.
- Na frente da farmácia está um homem metido num grosso sobretudo cor de chumbo. Um
- cachorro magro atravessa a rua. A mulher do coletor aparece à janela. Um rapaz de pés
- descalços entra na Panificadora.
- Clarissa olha para o céu, que é dum azul tímido e desbotado, olha para as sombras fracas
- sobre a rua e depois se volta para dentro do quarto.
- Aqui faz frio. Lá no fundo do espelho está uma Clarissa indecisa, parada, braços caídos,
- esperando. Mas esperando quê?

- Clarissa recorda. Foi no verão. Todos no casarão dormiam. As moscas dançavam no ar,
- zumbindo. Fazia um solão terrível, amarelo e quente. No seu quarto, Clarissa não sabia que
- fazer. De repente pensou numa travessura. Mamãe guardava no sótão as suas latas de
- doce, os seus bolinhos e os seus pães que deviam durar toda a semana. Era proibido entrar
- lá. Quem entrava, dos pequenos, corria o risco de levar palmadas no lugar de
- costume.
- Mas o silêncio da sesta estava cheio de convites traiçoeiros. Clarissa ficou pensando.
- Lembrou-se de que a chave da porta da cozinha servia no quatinho do sótão.
- Foi buscá-la na ponta dos pés. Encontrou-a no lugar. Subiu as escadas devagarinho. Os
- degraus rangiam e a cada rangido ela levava um sustinho que a fazia estremecer.
- Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...
- Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A
- princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e
- se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces,
- bolinhos e pão.
- Comeu muito. Desceu cheia de medo. No outro dia D. Clemência descobriu a violação, e
- Clarissa levou meia dúzia de palmadas.
- Agora ela recorda... E de repente se faz uma grande claridade, ela tem a grande idéia. “A
- chave da cozinha serve na porta do quarto do sótão.” O quarto de Vasco fica no sótão...
- Vasco está no escritório... Todos dormem... Oh!
- E se ela fosse buscar a chave da cozinha e subisse, entrasse no quarto de Vasco e
- descobrisse o grande mistério?
- Não. Não sou mais criança. Não. Não fica direito uma moça entrar no quarto dum rapaz.
- Mas ele não está lá... que mal faz? Mesmo que estivesse, é teu primo. Sim, não sejas
- medrosa. Vamos. Não. Não vou. Podem ver. Que é que vão pensar? Subo a escada,
- alguém me vê, pergunta: “Aonde vais, Clarissa?” Ora, vou até o quatinho das malas.
- Pronto. Ninguém pode desconfiar. Vou. Não, não vou. Vou, sim!

(Porto Alegre: Globo, 1981. pp. 132-133)

- 92) (FGV-2001) Observe as duas frases abaixo. Que diferenças existem entre elas?
- Pega ladrão!

b) Pega, ladrão!

93) (Mack-2004) Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leiteo;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.
Tomás Antônio Gonzaga

No poema, roubar exigiu objeto direto e indireto. Assinale a alternativa que contém verbo empregado do mesmo modo.

- a) Ele insistiu comigo sobre a questão da assinatura da revista.
- b) Emendou as peças para formar o desenho de uma casa.
- c) Encontrou ao fim do dia o endereço desejado.
- d) Eles alinharam aos trancos a ferragem da bicicleta.
- e) Só ontem avisou-me de sua viagem.

94) (ITA-1996) OS CÃES

- Lutar. Podes escachá-los ou não; o essencial* é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta* é um mar morto no centro do organismo universal.

DAÍ A POUCO demos COM UMA BRIGA de cães; fato que AOS OLHOS DE UM HOMEM VULGAR não teria valor, Quincas Borba fez-me parar e observar os cães. Eram dois. Notou que ao pé deles* estava um osso, MOTIVO DA GUERRA, e não deixou de chamar a minha atenção para a circunstância de que o osso não tinha carne. Um simples osso nu. Os cães mordiam-se*, rosnavam, COM O FUROR NOS OLHOS... Quincas Borba meteu a bengala DEBAIXO DO BRAÇO, e parecia em êxtase.

- Que belo que isto é! dizia ele de quando em quando. Quis arrancá-lo dali, mas não pude; ele estava arraigado AO CHÃO, e só continuou A ANDAR, quando a briga cessou* INTEIRAMENTE, e um dos cães, MORDIDO e vencido, foi levar a sua fome A OUTRA PARTE. Notei que ficara sinceramente ALEGRE, posto* contivesse a ALEGRIA, segundo convinha a um grande filósofo. Fez-me observar a beleza do espetáculo, lembrou o objeto da luta, concluiu que os cães tinham fome; mas a privação do alimento era nada para os efeitos gerais da filosofia. Nem deixou de recordar que em algumas partes do globo o espetáculo é mais grandioso: as criaturas humanas é que disputam aos cães os ossos e outros manjares menos APETECÍVEIS; luta que se complica muito, porque entra em ação a inteligência do homem, com todo o acúmulo de sagacidade que lhe deram os séculos etc.

Quanto à predicação, os verbos "mordiam, cessou, disputam"

classificam-se, no texto, respectivamente como:
a) t. direto e indireto, transitivo, t. direto.

b) t. direto e indireto, intransitivo, t. direto.

c) transitivo, ligação, t. direto e indireto

d) t. direto, intransitivo, t. direto e indireto.

e) intransitivo, intransitivo, transitivo.

95) (Faap-1997) Os gatos

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, e fez o crítico à semelhança do gato. Ao crítico deu ele, como ao gato, a graça ondulosa e o assopro, o ronrom e a garra, a língua espinhosa. Fê-lo nervoso e ágil, refletido e preguiçoso; artista até ao requinte, sarcasta até a tortura, e para os amigos bom rapaz, desconfiado para os indiferentes, e terrível com agressores e adversários... .

Desde que o nosso tempo englobou os homens em três categorias de brutos, o burro, o cão e o gato - isto é, o animal de trabalho, o animal de ataque, e o animal de humor e fantasia - por que não escolheremos nós o travesti do último? É o que se quadra mais ao nosso tipo, e aquele que melhor nos livrará da escravidão do asno, e das dentadas famintas do cachorro.

Razão por que nos acharás aqui, leitor, miando um pouco, arranhando sempre e não temendo nunca.

Fialho de Almeida

"Deus fez o homem à sua imagem e semelhança".

A Língua conhece o objeto direto pleonástico e preposicionado:

- a) Ao homem fê-lo Deus à sua imagem e semelhança.
- b) O homem foi feito por Deus à sua imagem e semelhança.
- c) O homem fez Deus à sua imagem e semelhança.
- d) O homem Deus fez à sua imagem e semelhança.
- e) À sua imagem e semelhança fez Deus o homem.

96) (UFSCar-2003) Para responder à questão abaixo, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de "Cana de Ilhéus". Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d'água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade.

Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela ria contente, diria a gemer: “precisava não, moço bonito ...”
E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a

- a) Vasculhou-o os bolsos.
- b) Vasculhou-se o loiro sueco.
- c) Vasculhou-lhe os bolsos.
- d) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
- e) Vasculhou-os o loiro sueco.

97) (Unifesp-2002) Texto I:

Ao longo do sereno
Tejo, suave e brando,
Num vale de altas árvores sombrio,
Estava o triste Almeno
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lágrimas ao rio.
(Luís de Camões, *Ao longo do sereno*.)

Texto II:

Bailemos nós ia todas tres, ay irmanas,
so aqeste ramo destas auelanas
e quen for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
so aqeste ramo destas auelanas
uerrá baylar.
(Aires Nunes. In Nunes, J. J., *Crestomatia arcaica*.)

Texto III:

Tão cedo passa tudo quanto passa!
morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.
(Fernando Pessoa, *Obra poética*.)

Texto IV:

Os privilégios que os Reis
Não podem dar, pode Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leis.
mortes e guerras cruéis,
Ferro, frio, fogo e neve,
Tudo sofre quem o serve.
(Luís de Camões, *Obra completa*.)

Texto V:

As minhas grandes saudades
São do que nunca enlacei.
Ai, como eu tenho saudades
Dos sonhos que não sonhei!...)
(Mário de Sá Carneiro, *Poesias*.)

No texto IV, em “quem o serve”, o “o” exerce determinada função sintática. Esta função é a mesma que é exercida por

- a) “suspiros”, em I.
- b) “ramo”, em II.
- c) “rosas”, em III.
- d) “Amor”, em IV.
- e) “sonhos”, em V.

98) (UFSCar-2000) Tu amarás outras mulheres

E tu me esquecerás!
É tão cruel, mas é a vida. E no entretanto
Alguma coisa em ti pertence-me!
Em mim alguma coisa és tu.
O lado espiritual do nosso amor
Nos marcou para sempre.
Oh, vem em pensamento nos meus braços!
Que eu te afeiçoe e acaricie...
(Manuel Bandeira: *A Vigília de Hero*. In: **O Ritmo Dissoluto. Poesia Completa e Prosa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967, p. 224.)

Há dois pronomes que exercem no texto mais de uma função sintática; um dos dois, entretanto, admite uma análise diferente que elimina essa duplicidade funcional. Desse modo, a única forma pronominal que exerce mais de uma função sintática, sem ambigüidade, é:

- a) tu.
- b) eu.
- c) me.
- d) nos.
- e) te.

99) (PUC-SP-2002) POÇAS D'ÁGUA

As poças d'água são um mundo mágico
Um céu quebrado no chão
Onde em vez de tristes estrelas
Brilham os letreiros de gás Néon.
Mario Quintana, Preparativos de viagem, São Paulo, Globo, 1994

Refletindo-se sobre a relação entre os termos da oração, pode-se afirmar que

- a) o termo d'água complementa sintaticamente o termo poças.
- b) o termo mundo mágico complementa sintaticamente o termo as poças d'água.
- c) o termo em vez de tristes estrelas complementa o termo brilham.
- d) não há complementos verbais nem nominais.

e) há simplesmente complementos nominais.

100) (UEL-1994) Relativamente "a esse assunto", tenho muito que dizer.

A expressão entre aspas na frase anterior classifica-se, sintaticamente, como:

- a) objeto indireto.
- b) adjunto adverbial.
- c) adjunto adnominal.
- d) objeto direto preposicionado.
- e) complemento nominal.

101) (UFPE-1996) "Sobre a história do arquipélago, explicou que fora doado pelo Rei de Portugal, em 1504, a Fernão de Noronha. O primeiro nome fora ilha de São João. Naqueles tempos era comum batizar os lugares com o nome da festa religiosa do dia da descoberta. Pode-se dizer, então, que ela foi vista pela primeira vez por olhos de navegantes europeus num dia 24 de junho, entre 1500 e 1503.

(Abdias Moura, em o SEGREDO DA ILHA)

Em qual alternativa a expressão não exerce, no texto, a função de adjunto adverbial?

- a) "... em 1504 ..."
- b) "Naqueles tempos ..."
- c) "... pela primeira vez ..."
- d) "... pelo Rei de Portugal ..."
- e) "... num dia 24 de junho ..."

102) (ITA-2005) A manchete abaixo apresenta ambigüidade sintática, que é desfeita pelo conteúdo do texto que lhe segue.

Reino Unido pode taxar fast food contra obesidade

O Reino Unido estuda cobrar taxa de empresas de fast food para financiar instalações esportivas e o combate à obesidade. Segundo um relatório, a obesidade no país cresceu quase 400% em 25 anos, e, se continuar aumentando, pode superar o cigarro como maior causa de mortes prematuras. Governo e empresas locais têm sido criticados por não combaterem o problema. (Folha de S. Paulo, 7/06/2004)

- a) Quais as interpretações sugeridas pela manchete?
- b) Qual dessas interpretações prevalece na notícia?

103) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível. Indique qual a circunstância expressa por - Com a migração dos investimentos.

104) (PUC-SP-2005) Estradas de Rodagem

Comparados os países com veículos, veremos que os Estados Unidos são uma locomotiva elétrica; a Argentina um automóvel; o México uma carroça; e o Brasil um carro de boi.

O primeiro destes países voa; o segundo corre a 50 km por hora; o terceiro apesar das revoluções tira 10 léguas por dia; nós...

Nós vivemos atolados seis meses do ano, enquanto dura a estação das águas, e nos outros 6 meses caminhamos à razão de 2 léguas por dia. A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem.

As fibras do México saem por carroças e se um general revolucionário não as pilha em caminho, chegam a salvo com relativa presteza. O nosso café, porém, o nosso milho, o nosso feijão e a farinha entram no carro de boi, o carreiro despede-se da família, o fazendeiro coça a cabeça e, até um dia!. Ninguém sabe se chegará, ou como chegará. Às vezes pensa o patrão que o veículo já está de volta, quando vê chegar o carreiro.

??Então? Foi bem de viagem?

O carreiro dá uma risadinha.

??Não vê que o carro atolou ali no Iriguaçu e...

??E o quê?

??... e está atolado! Vim buscar mais dez juntas de bois para tirar ele.

E lá seguem bois, homens, o diabo para desatolar o carro. Enquanto isso, chove, a farinha embolora, a rapadura derrete, o feijão caruncha, o milho grela; só o café resiste e ainda aumenta o peso.

(LOBATO, M. *Obras Completas*, 14ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1972, v. 8, p.74)

"A colossal produção agrícola e industrial dos americanos voa para os mercados com a velocidade média de 100 km por hora. Os trigos e carnes argentinas afluem para os portos em autos e locomotivas que uns 50 km por hora, na certa, desenvolvem."

As circunstâncias sublinhadas indicam, respectivamente, a idéia de

- a) lugar, meio e finalidade.
- b) finalidade, meio e afirmação.
- c) finalidade, tempo e dúvida.
- d) lugar, meio e afirmação.
- e) lugar, instrumento e lugar.

105) (PUC-SP-2005) Nos trechos ...numa homenagem também aos salgueirenses que, **no Carnaval de 1967**, entraram pelo cano / ...deslumbram, saboreiam, de **Madureira à Gávea**, na unidade do prazer desencadeado, assinale a alternativa que indica função sintática de

adjunto adverbial dos termos que, entre vírgulas, exprimem circunstâncias de

- a) tempo/ lugar.
- b) tempo/modo.
- c) lugar/assunto.
- d) companhia/ tempo.
- e) intensidade/lugar.

106) (PUC-SP-2005) Nos trechos ...numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano / ...deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado..., assinale a alternativa que indica função sintática de adjunto adverbial dos termos que, entre vírgulas, exprimem circunstâncias de

- a) tempo/ lugar.
- b) tempo/modo
- c) lugar/assunto.
- d) companhia/ tempo.
- e) intensidade/lugar.

107) (ITA-2002) O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

- a) Por que não está adequada a vírgula empregada após a palavra “amanhã”?
- b) A inclusão de uma vírgula após o termo “feminina” alteraria o entendimento da frase. Nesse caso, o que seria modificado em relação ao significado de “revista eletrônica feminina”?

108) (Unifesp-2002) Texto I:
Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.
(Cruz e Souza, *Perante a morte.*)

Texto II:
Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
(Gonçalves Dias, *I Juca Pirama.*)

Texto III:
Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.
(Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos.*)

Texto IV:
Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...
(Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno.*)

Texto V:
Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...
(Castro Alves, *O navio negreiro.*)

No texto V, o sintagma *no teu pranto* desempenha a função sintática de adjunto adverbial. Esta mesma função vem desempenhada por

- a) perante a Morte (em I) e nos abismos (em I).
- b) de lágrimas (em I) e do forte (em II).
- c) momento da dor (em IV) e uma felicidade (em IV).
- d) em presença da morte (em II) e correndo dividida (em III).
- e) Mal cruel (em I) e Na presença de estranhos (em II).

109) (IBMEC-2007) [...] Pus-me a ler o jornal, os anúncios de “precisa-se”. Dentre eles, um pareceu aceitável. Tratava-se de um rapaz de conduta afiançada para acompanhar um cesto de pão. Era nas Laranjeiras. Estava resolvido a aceitar; trabalharia um ano ou mais; guardaria dinheiro suficiente que me desse tempo para pleitear mais tarde um lugar melhor. Não havia nada que me impedisse: eu era desconhecido, sem família, sem origens... Que mal havia?

Mais tarde, se chegasse a alguma coisa, não me envergonharia, por certo?! Fui, contente até. Falei ao gordo proprietário do estabelecimento. Não me recordo mais das suas feições, mas tenho na memória as grandes mãos com um enorme “solitário” e o seu alentado corpo de arrobos.

- Foi o senhor que anunciou um rapaz para...
- Foi; é o senhor? respondeu-me logo sem me dar tempo de acabar.
- Sou, pois não.

O gordo proprietário esteve um instante a considerar, agitou os pequenos olhos perdidos no grande rosto, examinou-me convenientemente e disse por fim, voltando-me as costas com mau humor:

- Não me serve.
- Por quê? atrevi-me eu.
- Porque não me serve.

E veio vagarosamente até uma das portas da rua, enquanto eu saía literalmente esmagado. Naquela recusa do padeiro em me admitir, eu descobria uma espécie de sítio posto à minha vida. Sendo obrigado a trabalhar, o trabalho era-me recusado em nome de sentimentos injustificáveis. Facilmente generalizei e convenci-me de

que esse seria o preceder geral. Imaginei as longas marchas que teria que fazer para arranjar qualquer coisa com que viver; as humilhações que teria que tragar; e, de novo, me veio aquele ódio do bonde, quando de volta da casa do Deputado Castro. Revoltava-me que me obrigassem a despendar tanta força de vontade, tanta energia, com coisas em que os outros pouco gastavam. Era uma desigualdade absurda, estúpida, contra a qual se iam quebrar o meu pensamento angustiado e os meus sentimentos liberais que não podiam acusar particularmente o padeiro.

Que diabo! Eu oferecia-me, ele não queria! que havia nisso demais?

Era uma simples manifestação de um sentimento geral e era contra esse sentimento, aos poucos descoberto por mim, que eu me revoltava. Vim descendo a rua, e perdendo-me aos poucos no meu próprio raciocínio. Preliminarmente descobria-lhe absurdos, voltava ao interior, misturava os dois, embrulhava-me. No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.

(Lima Barreto. Recordações do escrivão Isaías Caminha. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1994, p. 69-70.)

Lendo o trecho “No largo do Machado, contemplei durante momentos aquela igreja de frontão grego e colunas dóricas e tive a sensação de estar em país estrangeiro.”, **pode-se afirmar** que a vírgula foi empregada pelo mesmo motivo em:

- a) Rodrigo, guarde as armas! — disse o velho ao neto.
- b) No meio do salão, a mesa de jantar.
- c) Um dia, ele me puxou a barra do paletó e me fez examinar seu pequenino dedo machucado.
- d) O camarada desafiou o cinturão de botões prateados, onde o velho carregava o dinheiro.
- e) É linda a igreja, mas sua beleza é triste.

110) (UFPA-1997) "Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação: fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a idéia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo." (Missa do Galo - Machado de Assis)

Em "... levava-me os olhos outra vez para Conceição." a função sintática de me é:

- a) objeto direto.
- b) adjunto adverbial.
- c) objeto indireto.
- d) adjunto adnominal.

e) agente da passiva.

111) (UECE-2007) A PEDREIRA

Daí à pedreira, restavam apenas uns cinqüenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra móida que sujava como a cal.

Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folha de palmeira. De um lado cunhavam pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam lajedos a ponta de picão; mais adiante faziam paralelepípedos a escopro e macete. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o corpo dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a idéia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo cavouqueiro havia chegado à fralda do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo. A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o escalavrado flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que, mesquinamente, lhe escorriam pela ciclópica nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

(AZEVEDO, Aluísio de. O Cortiço. 25a ed. São Paulo. Ática, 1992, 48-49)

Na frase “Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação ...” (linhas 16 a 18), as expressões sublinhadas indicam

- a) meio.
- b) modo.
- c) causa.
- d) consequência.

112) (Mack-2005) Considerando o texto abaixo, assinale a alternativa correta.

Eis os versos que outrora, ó Mãe Santíssima,

te prometi em voto
vendo-me cercado de feroz inimigo.
Enquanto entre os Tamoios conjurados,
pobre refém, tratava as suspiradas pazes,
tua graça me acolheu
em teu materno manto
e teu poder me protegeu intactos corpo e alma.
José de Anchieta

- a) O terceiro verso - vendo-me cercado de feroz inimigo - expressa uma hipótese.
- b) Em *cercado de feroz inimigo*, expressa a mesma idéia notada em “vestido de festa”.
- c) A expressão pobre refém caracteriza o eu lírico.
- d) *Enquanto* introduz a idéia de sucessividade entre a ação de “tratar” e a de “acolher”.
- e) O adjetivo *intactos* exerce a mesma função sintática do termo grifado em “As águas serenas eram o espelho da lua”.

113) (IBMEC - SP-2007) É o contrário do que pregava o refrão da música que Caco, o melancólico sapo do "Muppet Show", cantava no programa "Vila Sésamo", que dominava as manhãs de muito marmanjo de minha geração, nos anos 70. Nunca foi tão fácil ser verde, no sentido de ecologicamente correto. Ainda mais nos Estados Unidos, o país das culpas identificadas e expiadas em tempo recorde e ritmo industrial. A última delas é a culpa ambiental, que criou uma legião dos tais ecologicamente corretos. Você conhece o tipo: adora freqüentar eventos de gala a favor da reprodução assistida dos leões-marinhos do Oregon, aos quais vai usando smoking feito de fibra de cânhamo e a bordo de uma limusine híbrida - a nova onda em Hollywood -, que consome apenas três litros de gasolina por quilômetro, em vez do 1,5 litro habitual, ou algo ineficaz e beberrão assim. Retrato acabado da hipocrisia local, tem na garagem um Prius e um Humvee. A combinação é o equivalente ambiental da frase celebrizada por Theodore Roosevelt a partir de um ditado africano, "Fale macio e leve um porrete", usada pelo presidente para definir a Doutrina Monroe, que dava aos EUA a primazia de "zelar" pela América Latina, "direito adquirido" que Chávez ameaça e Bush tenta reaver. Mas divago. Falei em Hollywood e lembro que Al Gore é o profeta da turma. No último Oscar, ao lado de Leonardo Di Caprio, anunciou que aquela cerimônia tinha virado oficialmente "verde". Como escrevi no dia seguinte à madrugada da festa, isso queria dizer que as cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado, parte das celebridades chegou em veículos híbridos, as comidas do Baile do Governador eram orgânicas e as sobras seriam distribuídas para entidades beneficentes, segundo explicou a organização da festa.

Depois, foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico que teria emitido na ocasião (há um cálculo convencionado para chegar à soma). Pois existe um mercado mundial florescente de corretores de emissão de gás carbônico e até entidades, como a Organização das Nações Unidas, com programas voltados para iniciativas semelhantes.

Resumindo grosseiramente, você (pessoa física, instituição, país) polui à vontade e depois compra os tais créditos, que certificam que o total de poluição lançada por você na atmosfera será economizado ou compensado em algum lugar do planeta, geralmente um país pobre ou em desenvolvimento, que deixará de poluir o mesmo tanto ou plantará o equivalente em árvores e ganhará parte do seu dinheiro para isso.

É aqui que eu queria chegar. Esse tipo de "peque-e-pague" não é novidade nos Estados Unidos, nem no mundo; a venda dos indultos celestiais foi o gatilho que levou Lutero a fazer aquela confusão toda em 1517 (a comparação foi feita primeiro pelo colunista Charles Krauthammer na revista "Time" de algumas semanas, no ótimo artigo sobre esse tema intitulado "Hipocrisia liberal da limusine"). Além disso, o sistema todo cria distorções hilariantes, não fosse a gravidade do assunto. Segundo reportagem recente do "New York Times", há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras em que criam gado, como faziam seus antepassados por milhares de anos, para que possam ser plantadas as árvores que vão pagar pela poluição do jato do executivo de Wall Street. Para voltar aos anos 70, sugiro um tema para a iniciativa: "Plante, que o Al Gore garante". (Sérgio Dávila, Revista da Folha, 01/04/2007)

Assinale a única alternativa em que os termos em destaque correspondem à função sintática apontada.

- a) "...tem na garagem um Prius e um Humvee" – objeto direto
- b) "As cédulas de votação foram feitas parcialmente com papel reciclado" – agente da passiva
- c) "...foi revelado que o organizador tinha comprado também créditos do equivalente do total de gás carbônico" – sujeito
- d) "A venda dos indultos celestiais foi o gatilho..." – adjunto adnominal
- e) "...há fazendeiros africanos sendo expulsos das terras" – predicativo do sujeito

114) (Mack-1996) Em todos, nos corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas. Euclides da Cunha

Aponte a alternativa correta sobre a frase acima

- a) O sujeito provações sofridas confirma a idéia de sofrimento contida nos adjuntos adverbiais.

- b) O objeto direto provações sofridas ratifica a idéia de sofrimento dos adjuntos adverbais.
- c) A indeterminação do sujeito em *liam-se*, aponta para um observador que não assume a própria palavra
- d) O sujeito nos corpos emagrecidos completa-se, no horror da descrição, por meio de outro sujeito, nas vestes em pedaços.
- e) A ordem direta da frase expressa um raciocínio retilíneo, sem meandros de expressão.

115) (FGV-2003) Leia o fragmento abaixo, do conto A cartomante de Machado de Assis. Depois, responda às perguntas.

“Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.”

No final do texto, pode-se ler o seguinte período: *Camilo desceu pela (Rua) da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.* Compare esse período com o seguinte, que não está no texto:

Camilo desceu pela (Rua) da Guarda Velha, olhando de passagem para casa.

Explique a diferença de sentido entre essas duas orações. Explique por que essa diferença acontece.

116) (Unifor-2003) A mesma função sintática da expressão sublinhada na frase *Nas relações de emprego esse preconceito transformou-se em lei* é a da expressão sublinhada em:

- a) *...tornou a situação ainda mais dramática.*
- b) *...não precisava ser muito velho para ser velho.*
- c) *...o velho foi sendo recolhido a um mundo limitado.*
- d) *...não houve mudanças significativas na qualidade de vida.*
- e) *...desenvolveu uma série de preconceitos contra a velhice.*

117) (Mack-2001) A moça não era formosa, talvez nem tivesse graça; os cabelos caíam despenteados, e as lágrimas faziam-lhe encarquilhar os olhos.

Assinale a alternativa correta em relação ao fragmento acima.

- a) formosa e graça são, sintaticamente, predicativos do sujeito moça.
- b) Na estrutura sintática predomina a subordinação.

- c) A anteposição do adjetivo despenteados ao verbo alteraria o sentido da oração.
- d) O pronome oblíquo refere-se a lágrimas.
- e) O ponto e vírgula estabelece a relação de concessão entre as orações.

118) (FEI-1994) Assinalar a alternativa cuja oração contém o predicado do mesmo tipo da seguinte oração: "A marquesa, no centro do cadafalso, chorou muito ansiada":

- a) Freqüentes são também os desvios da estrada.
- b) A imagem da pátria continuava viva em sua lembrança.
- c) Os inoportunos roubam-nos o tempo.
- d) Busco anelante o palácio encantado da Ventura.
- e) De repente, os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar.

119) (Vunesp-2005) INSTRUÇÃO: A questão a seguir toma por base um soneto do simbolista brasileiro Augusto dos Anjos (1884-1914), uma passagem de um texto escrito em Bristol, em 1879, por Eça de Queirós (1845-1900) e um trecho do *Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade (1893-1945).

Soneto

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Micro-organismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.

Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...

Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgíacos festins!...

Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!
(Augusto dos Anjos. Eu. 1935.)

Idealismo e Realismo

Eu sou pois associado a estes dois movimentos, e se ainda ignoro o que seja a *idéia nova*, sei pouco mais ou menos o que chamam aí a *escola realista*. Creio que em Portugal e no Brasil se chama realismo, termo já velho em 1840, ao movimento artístico que em França e em Inglaterra é conhecido por "naturalismo" ou "arte experimental". Aceitemos, porém, *realismo*, como a alcunha familiar e amiga pela qual o Brasil e Portugal conhecem uma certa fase na evolução da arte.

(...)

Não - perdoem-me - não há escola realista. Escola é a imitação sistemática dos processos dum mestre. Pressupõe uma origem individual, uma retórica ou uma maneira consagrada. Ora o naturalismo não nasceu da estética peculiar dum artista; é um movimento geral da arte, num certo momento da sua evolução. A sua maneira não está consagrada, porque cada temperamento individual tem a sua maneira própria: Daudet é tão diferente de Flaubert, como Zola é diferente de Dickens. Dizer “escola realista” é tão grotesco como dizer “escola republicana”. O naturalismo é a forma científica que toma a arte, como a república é a forma política que toma a democracia, como o positivismo é a forma experimental que toma a filosofia. Tudo isto se prende e se reduz a esta fórmula geral: que fora da observação dos factos e da experiência dos fenômenos, o espírito não pode obter nenhuma soma de verdade.

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões *a priori*; hoje, analisa-se *a posteriori*, por processos tão exactos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca dum pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito dum donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola - é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas... (Eça de Queirós. Cartas Inéditas de Fradique Mendes. In: *Obras de Eça de Queirós.*)

Prefácio Interessantíssimo

24 Belo da arte: arbitrário, convencional, transitório - questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural - tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora consciente (Rafael das Madonas, Rodin do Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas), ora inconscientemente (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Onde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

*

25 Nossos sentidos são frágeis. A percepção das coisas exteriores é fraca, prejudicada por mil véus, provenientes das nossas taras físicas e morais: doenças, preconceitos, indisposições, antipatias, ignorâncias, hereditariedade, circunstâncias de tempo, de lugar, etc... Só idealmente podemos conceber os objetos como os atos na sua inteireza bela ou feia. A arte que, mesmo tirando os seus

temas do mundo objetivo, desenvolve-se em comparações afastadas, exageradas, sem exatidão aparente, ou indica os objetos, como um universal, sem delimitação qualificativa nenhuma, tem o poder de nos conduzir a essa idealização livre, musical. Esta idealização livre, subjetiva, permite criar todo um ambiente de realidades ideais onde sentimentos, seres e coisas, belezas e defeitos se apresentam na sua plenitude heróica, que ultrapassa a defeituosa percepção dos sentidos. Não sei que futurismo pode existir em quem quase perfilha a concepção estética de Fichte. Fugamos da natureza! Só assim a arte não se ressentirá da ridícula fraqueza da fotografia... colorida. (Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. In: *Poesias completas.* 1987.)

Os processos de coordenação e de subordinação, quando surgem de modo recorrente ao longo de um mesmo período, podem produzir seqüências bastante simétricas, que facilitam não apenas a compreensão, mas também o reconhecimento da própria estrutura sintática adotada. Releia o último período do segundo parágrafo do fragmento de Eça de Queirós e, a seguir, a) indique o substantivo que, repetido simetricamente ao longo do período, apresenta sempre a mesma função sintática nas orações em que se insere; b) fazendo as eliminações de conectivos que julgar necessárias e alterando a pontuação, transforme esse período composto por coordenação e subordinação em três períodos.

120) (FGV-2004) Na frase abaixo, observe a função sintática do termo sublinhado. Depois, assinale a alternativa em que a função sintática da oração ou do termo sublinhado seja a mesma. “...definia a dobradilha ‘educação-corrupção’ como a única causadora do desemprego e da paralisia econômica nessas plagas .”

- a) Era justificada a preocupação da moça. Como teria José subido sem risco até a altura do balcão?
- b) O rapaz deverá agir exatamente como aquele que ocupa o mesmo cargo na legislatura atual.
- c) Daquela vez, o Congresso tinha elegido o candidato de São Paulo como o mais adequado para dirigir os destinos da Nação.
- d) Como estão faltando sementes no viveiro, devemos trazer as de São Caetano.
- e) Não sabe como agir em relação à empreiteira, já que houve aumento exagerado no preço dos insumos.

121) (UFV-2005)



Dadas as informações da tira, assinale a afirmativa INCORRETA:

- a) A expressão “fiquei sabendo que” refere-se a uma terceira pessoa, sugerindo um tom de fofoca.
- b) A expressão “mundo nas mãos” imprime um sentido hiperbólico às ações do Manolito.
- c) Em “Nós, as crianças, vamos”, o termo “as crianças” não se liga ao antecedente, com o objetivo de esclarecer.
- d) A expressão “Ô cara” indica que Mafalda está se dirigindo ao Manolito.
- e) Em “Agora nenhuma”, o termo “agora” pode ser substituído por “neste momento”.

122) (Faap-1997) Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: não tinha o ar angélico do Ribas, não cantava tão bem como ele. Que faria se morresse, entre os anjos, sem saber cantar?

Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático. Boca sem lábios, de velha carpideira, desenhada em angústia - a súplica feita boca, a prece perene rasgada em beijos sobre dentes; o queixo fugia-lhe pelo rosto, infinitamente, como uma gota de cera pelo fuste de um círio...

Mas, quando, na capela, mãos postas ao peito, de joelhos, voltava os olhos para o medalhão azul do teto, que sentimento! que doloroso encanto! que piedade! um olhar penetrante, adorador, de enlevo, que subia, que furava o céu como a extrema agulha de um templo gótico!

E depois cantava as orações com a doçura feminina de uma virgem aos pés de Maria, alto, trêmulo, aéreo, como aquele prodígio celeste de garganteio da freira Virgínia em um romance do conselheiro Bastos.

Oh! não ser eu angélico como o Ribas! Lembro-me bem de o ver ao banho: tinha as omoplatas magras para fora, como duas asas!

O ATENEU. Raul Pompéia

"Durante este período de depressão contemplativa uma coisa apenas magoava-me: NÃO TINHA O AR ANGÉLICO DE RIBAS, não cantava tão bem como ele.". A oração em maiúsculo, em relação ao substantivo coisa, funciona como:

- a) sujeito
- b) objeto direto
- c) objeto indireto
- d) complemento nominal

e) aposto

123) (Mack-1996) "Sete anos de pastor Jacó servia Labão, pai de Raquel, serrana bela."

Assinale a alternativa em que aparece uma função sintática que se repete no texto.

- a) objeto direto.
- b) complemento nominal.
- c) sujeito.
- d) aposto.
- e) predicativo do sujeito.

124) (UFC-2007) a) Leia os textos 1 e 2, extraídos de A casa, que servirão de base para esta questão.

Texto 1

Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abria dando-lhe passagem. Assisti assim também, pela primeira vez, à estranha permuta que sempre ocorreria quando Ela cumpria sua missão: deixava na criança uma estranha imobilidade e carregava sua miúda e irrequieta sombra.

CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 17.

Texto 2

Era uma noite de luar, ela com extrema cautela saiu do quarto e retornou com o tamborete da cozinha. Surpreendi-me ao sentir que, ao voltar a bela Maria para seu quarto, Ela viera na sua companhia. Ambas trancaram-se, aferrolhando a grande porta (...). Do quarto Ela saiu com aquela vida, deixando ficar seu rastro no torturado rosto de Maria.

CAMPOS, Natércia. A casa. Fortaleza: Edições UFC, 2004, p. 54-55.

Escreva V ou F, conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma a seguir.

- a.1 () No texto 1, os pronomes lhe (linha 02) e Ela (linha 03) referem-se à mesma personagem.
- a.2 () O termo aquela vida (texto 2, linha 04) remete à vida da bela Maria (texto 2, linha 02).
- a.3 () No texto 2, Ela (linha 03) tem como referente a bela Maria (linha 02).
- a.4 () Têm sujeitos elípticos as formas verbais Assisti (texto 1, linha 02) e ocorreria (texto 1, linha 03).
- a.5 () Classificam-se como pronomes relativos: que (texto 1, linha 02) e que (texto 2, linha 02).
- a.6 () Há prefixo e sufixo na formação das palavras Invisível (texto 1, linha 01) e imobilidade (texto 1, linha 04).
- a.7 () A acentuação gráfica das palavras Invisível (texto 1, linha 01) e miúda (texto 1, linha 04) justifica-se pela mesma regra.

b) Leia o que abaixo se afirma acerca do aposto. Pode-se ampliar, explicar, desenvolver ou resumir a idéia contida num termo que exerça qualquer função sintática por meio de um termo acessório a ele equivalente: o aposto. O aposto pode ser classificado, de acordo com seu valor na oração, em: explicativo, enumerativo, resumidor ou recapitulativo, comparativo e especificativo. DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. Gramática contemporânea da língua portuguesa. São Paulo: Scipione, 1997, p. 281.

Nos períodos a seguir, os trechos em negrito exercem a função de aposto. Classifique-os de acordo com seu valor na oração.

- b.1. Invisível como o vento e os encantos, a Morte apossara-se do frágil sopro do menino pagão na noite em que a porta se abriu dando-lhe passagem.
- b.2. Quando a Velha-do-Chapéu-Grande, assim o empalhador de cangalhas para montarias chamava a fome, empoleirou-se de vez, assistindo ao padecer dos viventes, há muito haviam se apartado as águas (...).

c) Construa uma frase em que Bisneto figure como aposto especificativo.

125) (UNICAMP-2006) Leia o trecho a seguir e responda:

- Vovô, eu quero ver um cometa!
Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.
- Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que, muito tempo atrás, passou no céu da Itália.
Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.
E vovô Leone continuava:
- Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...
Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês. (Ilke Brunhilde Laurito, A menina que fez a América. São Paulo: FTD, 1999, p. 16.)

Releia o seguinte recorte: “Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês”.

a) Explique as relações que as expressões ‘cauda daquele tempo’, ‘olhos do futuro’ e ‘cabeça nas nuvens’ estabelecem entre si.

b) No mesmo trecho, explique a relação do aposto com o movimento dos olhos do personagem.

126) (Faap-1996) "podes partir de novo, Ó NÔMADE FORMOSA". A expressão em maiúsculo exerce a função sintática de:

- a) vocativo
b) aposto
c) sujeito
d) predicativo
e) objeto direto

127) (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se nos textos a seguir.

Iracema, de José de Alencar.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida.

(...)

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

Rosinha, minha canoa, de José Mauro de Vasconcelos.

Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.

- Que é que foi Andedura?
Andedura sungou a canoa na areia.
- Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, porque ele tem uma mala cheia de ropa e outra cheia de munto remédio.
- E que é que ele quer comigo?
- Sei não. (...) Tu vai?

O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.

- Como é que é o homem?

Grandão, meio *laranja* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta “mororã” porque tem pele branquinha, branquinha. Peitão

meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quando chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ... Feito o retrato o índio descansou ...

Em *Iracema*, Alencar traz como personagem central uma índia.

- Como se define a personagem Iracema, mulher e índia, em relação ao movimento literário a que pertenceu Alencar?
- Os vocativos presentes nas falas de Iracema e do moço desconhecido permitem analisar como cada um deles concebia o outro. Transcreva esses vocativos do texto e explique a imagem que Iracema tinha do desconhecido e a imagem que ele tinha de Iracema.

128) (ESPM-2007) O vocábulo “Amor” exerce função sintática de:

- Aposto, constituindo-se também numa Apóstrofe.
- Vocativo, constituindo-se também numa Apóstrofe.
- Predicativo, constituindo-se também num Eufemismo.
- Vocativo, constituindo-se também num Anacoluto.
- Aposto, constituindo-se também numa Perífrase.

129) (UFRJ-2003) Passou pela sala, sem parar avisou ao marido: vamos sair! e bateu a porta do apartamento. Antônio mal teve tempo de levantar os olhos do livro - e com surpresa espiava a sala já vazia. Catarina! Chamou, mas já se ouvia o ruído do elevador descendo. Aonde foram? perguntou-se inquieto, tossindo e assoando o nariz. Porque sábado era seu, mas ele queria que sua mulher e seu filho estivessem em casa enquanto ele tomava o seu sábado. Catarina! chamou aborrecido embora soubesse que ela não poderia mais ouvi-lo. Levantou-se, foi à janela e um segundo depois enxergou sua mulher e seu filho na calçada. (LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. In: -. *Laços de Família*, 1960)

Do Texto, descreva dois mecanismos lingüísticos que sirvam para caracterizar o comportamento do marido.

130) (Unifesp-2002) Texto I:

Perante a Morte empalidece e treme,
Treme perante a Morte, empalidece.
Coroa-te de lágrimas, esquece
O Mal cruel que nos abismos geme.
(Cruz e Souza, *Perante a morte*.)

Texto II:

Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!

(Gonçalves Dias, *I Juca Pirama*.)

Texto III:

Corrente, que do peito destilada,
Sois por dous belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.

(Gregório de Matos, *Aos mesmos sentimentos*.)

Texto IV:

Chora, irmão pequeno, chora,
Porque chegou o momento da dor.
A própria dor é uma felicidade...

(Mário de Andrade, *Rito do irmão pequeno*.)

Texto V:

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira
é esta,

Que impudente na gávea tripudia?!...

Silêncio! ...Musa! Chora, chora tanto

Que o pavilhão se lave no teu pranto...

(Castro Alves, *O navio negreiro*.)

O texto em que apenas o uso do vocativo oferece a pista para se esclarecer se o verbo está em terceira pessoa do indicativo ou em segunda pessoa do imperativo é:

- I.
- II.
- III.
- IV.
- V.

131) (UFAC-1998) "No restaurante, notavam-se, entre os clientes, olhares de desaprovação, por estarem as galochas debaixo da mesa."

Na frase acima, a forma verbal NOTAVAM-SE corresponde a:

- foram notados
- haviam-se notado
- são notados
- eram notados
- seriam notados

132) (Faap-1996) 'E das bocas unidas fez-se a espuma'. A partícula 'se' é o:

- sujeito
- índice da indeterminação do sujeito
- objeto direto
- objeto indireto
- pronome apassivador

133) (Mack-2005) ⁰¹Aurélia pousara a mão no ombro do marido (...), colocou-se ⁰²diante de seu cavalheiro e entregou-lhe a cintura mimosa.

⁰³ Era a primeira vez, e já tinham mais de seis meses de casados; era
⁰⁴ a primeira vez que o braço de Seixas enlaçava a cintura de Aurélia. Explica-
⁰⁵ se pois o estremecimento que ambos sofreram ao mútuo contacto (...).
⁰⁶ As senhoras não gostam da valsa, senão pelo prazer de
⁰⁷ sentirem-se arrebatadas no turbilhão.(...) Mas é justamente aí que o
⁰⁸ está perigo. Esse enlevo inocente da dança entrega a mulher
⁰⁹ palpitante, inebriada, às tentações do cavalheiro, delicado embora,
¹⁰ mas homem, que ela sem querer está provocando com o casto requebro
¹¹ de seu talhe e traspassando com as tépidas emanações de seu corpo.
José de Alencar

Passando a frase “ela sem querer está provocando o cavalheiro” para a voz passiva, a forma verbal obtida é
a) “estaria sendo provocado”.
b) “foi provocado”.
c) “havia sido provocado”.
d) “tinha provocado”.
e) “está sendo provocado”.

134) (Mack-2005) 1. Me sinto com a cara no chão, mas a verdade precisa ser dita ao
2. menos uma vez: aos 52 anos eu ignorava a admirável forma lírica da
3. canção paralelística (...).
4. O “Cantar de amor” foi fruto de meses de leitura dos cancioneiros.
5. Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas, que fiquei
6. com a cabeça cheia de “velidas” e “mha senhor” e “nula ren”;
7. sonhava com as ondas do mar de Vigo e com romarias a San Servando.
8. O único jeito de me livrar da obsessão era fazer uma cantiga.

Manuel Bandeira

Respeitando os preceitos gramaticais, a forma passiva analítica de *Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas* (linha 05) é:
a) Aquelas deliciosas cantigas foram lidas seguidamente.
b) Aquelas deliciosas cantigas eram lidas seguidamente.
c) Havia lido seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
d) Tinham sido lidas seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
e) Aquelas deliciosas cantigas seguidamente estavam sendo lidas.

135) (PUC-SP-2005) A partir dos seguintes trechos: ... e nunca mais se soube o que era blasfêmia.../dentro dos sons movem-se cores..., assinale a alternativa **CORRETA**.
a) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.
b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

136) (UFSE-1997) A pesquisa em ciências humanas apresenta condições muito peculiares. Dentre os múltiplos fenômenos por que se interessa, raros são aqueles que podem ser submetidos à verificação direta, à experimentação, ao tratamento em laboratório. A construção e a validação dos modelos assume, desse modo, considerável importância e ocupa significativa proporção no processo de investigação, caracterizando-o nitidamente. Como todo discurso científico se fundamenta nos discursos anteriores, de que depende seu pleno desenvolvimento, impõe-se ao pesquisador informar-se continuamente - tarefa, na realidade, interminável - a respeito de uma produção científica que não cessa de crescer. A bibliografia alentada e sempre renovada desempenha nas "humanidades" um papel que seria impensável nas chamadas ciências naturais. Largo tempo exige a preparação do pesquisador e trabalhosa é a iniciação à pesquisa.

Transpondo para a voz passiva a frase "Largo tempo exige a preparação do pesquisador", obtém-se a forma verbal.
a) é exigida.
b) é exigido.
c) exigem-se.
d) exigir-se-á.
e) tinha sido exigido.

137) (Fuvest-2001) a) “Se eu não tivesse atento e olhado o rótulo, o paciente teria morrido”, declarou o médico. Reescreva a frase acima, corrigindo a impropriedade gramatical que nela ocorre.

b) A ecologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia, é defendida por ambientalistas como maneira de se viabilizarem formas alternativas de desenvolvimento.
Reescreva a frase acima, transpondo-a para a voz ativa.

138) (UDESC-1998) Assinale a alternativa **INCORRETA**:

a) O vocábulo **invejoso** é formado por derivação parassintética.
b) Em **vijaram-ram** corresponde a uma desinência verbal.

c) Em **auto-estima** o hífen é obrigatório, como em **contra-cheque** e **extra-oficial**.

d) A frase **A publicidade suscita invejas** ficaria, na voz passiva, **Invejas são suscitadas pela publicidade**.

e) As palavras **sobretudo**, **ressaltar** e **inimigo** são formadas por derivação prefixal; os prefixos latinos significam, respectivamente, posição superior, repetição e negação.

139) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada. Transpondo da voz ativa para a passiva a frase "Os alunos haveriam de ouvir os conselhos do mestre", obtém-se a forma verbal

- a) teriam sido ouvidos.
- b) haveriam de ser ouvidos.
- c) haveria de ser ouvido.
- d) seriam ouvidos.
- e) ouvir-se-iam.

140) (UEL-1994) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada. Transpondo da voz passiva para a voz ativa a frase "Os avisos terão sido dados pelo coordenador", obtém-se a forma verbal

- a) deu.
- b) dará.
- c) terá dado.
- d) terão dado.
- e) foram dados.

141) (UFSCar-2005) Assinale a frase que apresenta a mesma construção sintática de: assinaram-se tratados com a aprovação dos governos do Brasil e de Portugal.

- a) Na Declaração do Milênio, divulgaram-se metas de preservação dos recursos hídricos.
- b) O lance foi acidental: chocaram-se dois jogadores numa disputa normal de bola.
- c) Os agentes russos conseguiram infiltrar-se no coração político da Alemanha Ocidental.
- d) Alguns chefes da Gestapo arrependem-se de seus crimes, depois da derrota nazista.
- e) Na feira do Masp, aos domingos, vendia-se muito até 1998.

142) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Transpondo para a voz ativa a frase "As datas das provas estavam sendo fixadas pela comissão de exames", obtém-se a forma verbal

- a) estava fixando.
- b) fixavam-se.
- c) eram fixadas.
- d) fixava.
- e) estavam fixando.

143) (UEL-1996) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Transpondo para a voz passiva a frase "Não os enganaríamos por muito tempo", obtém-se a forma verbal

- a) teriam sido enganados.
- b) enganar-se-iam.
- c) teríamos enganado.
- d) seriam enganados.
- e) serão enganados.

144) (UEL-1995) Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas da frase apresentada.

Transpondo para a voz passiva a frase "Os examinadores teriam questionado os vestibulandos", obtém-se a forma verbal

- a) seriam questionados.
- b) tinham sido questionados.
- c) questionariam.
- d) teriam sido questionados.
- e) haveriam de ser questionados.

145) (PUC-SP-2005) Carnaval

Maravilha do ruído, encantamento do barulho. Zé Pereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteiam. Viola chora e espinoteia. Melopéia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, liras, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delírio da improvisação, do ímpeto musical. Tudo é encanto. Os sons se sacodem, berram, lutam, arrebatam no ar sonoro dos ventos, vaias, klaxons, aços estrepitosos. Dentro dos sons movem-se cores, vivas, ardentes, pulando, dançando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía no mundo dourado. Dentro dos sons e das cores, movem-se os cheiros, cheiro de negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, lúbricos, meigos, alucinantes. Tatos, sons, cores, cheiros se fundem em gostos de gengibre, de mendubim, de castanhas, de bananas, de laranja, de bocas e de mucosa. Libertação dos sentidos envolventes das massas frenéticas, que maxixam, gritam, tresandam, deslumbram, saboreiam, de Madureira à Gávea, na unidade do prazer desencadeado.

(Graça Aranha, A viagem maravilhosa. Apud William Cereja e Thereza Magalhães. Português: linguagens. São Paulo: Atual, p.178)

A partir dos seguintes trechos: ... e nunca mais se soube o que era blasfêmia.../dentro dos sons movem-se cores..., assinale a alternativa CORRETA.

- a) o pronome átomo se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva analítica.

- b) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz passiva pronominal.
- c) o pronome átono se exerce a função de partícula apassivadora na voz ativa.
- d) o pronome átono se é parte integrante do verbo.
- e) o pronome átono se exerce a função de pronome reflexivo.

146) (FGV-2005) Com a migração dos investimentos surgem novos desafios, onde o tempo de retorno do capital investido tem que ser o menor possível.

A passagem - retorno do capital investido - pode ser redigida de duas outras maneiras, na voz passiva, dando seqüência à construção - retorno do capital que...

Apresente as duas redações possíveis.

147) (VUNESP-2007) Com os medicamentos disponíveis é possível curar praticamente todos os casos de tuberculose. Entretanto, a longa duração do tratamento, a necessidade do emprego de vários medicamentos em associação e o seu uso contínuo fazem com que a terapêutica seja pouco prática.

As pesquisas atuais vão em dois sentidos: um, a duração, e outro, o emprego intermitente de drogas. Os resultados obtidos até agora são animadores. (...)

A elevação da resistência geral do paciente constituiu até há poucos anos a base do tratamento da tuberculose.

Aconselhava-se o repouso absoluto no leito durante as 24 horas, aliado à superalimentação.

Embora o repouso continue a ser fundamental, a maneira de encará-lo mudou bastante.

Indica-se um repouso relativo, permitindo que o paciente deixe o leito para sua toilette. Além disso, é essencial o repouso psíquico, procurando iniciar a psicoterapia e a reabilitação do paciente desde o início do tratamento.

A duração deste repouso dependerá do tipo de lesão e da constituição psicossomática do paciente, havendo tendência cada vez maior à sua redução.

No que se refere à alimentação, aconselha-se uma dieta balanceada, de acordo com as necessidades energéticas do paciente. Em caso de anorexia, raramente há necessidade de medicação especial, pois com o uso da isoniazida verifica-se rápido retorno do apetite.

A antiga superalimentação é condenada.

(Atualização terapêutica.)

No fragmento, há um distanciamento do enunciador, que se traduz pelo emprego constante da voz passiva sintética, na qual aparece a palavra *se*. Com base nessa constatação, reescreva o último período do texto, passando-o para esse tipo de voz passiva. Explique por que razão o recurso de distanciamento é usado nesse texto.

148) (Fuvest-2003) Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:

As rosas desabrocham

Com a luz do sol,

E a beleza das mulheres

Com o creme Rugol.

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Reescreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo “Décadas atrás” por “Ainda hoje” e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de novinhas em folha e de resplandecentes, no comentário feito pelo autor do texto?

149) (FGV-2005) Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis. São mais de 1000 sonhos realizados. Mais de oito imóveis são entregues todo dia. Quer ser o próximo? Então vem para a X Consórcios. Entre você também para o consórcio que o Brasil inteiro confia. (Texto de anúncio publicitário, editado.)

Reescreva a frase - Estamos comemorando a entrega de mais de mil imóveis - na voz passiva, com agente expresso.

150) (FGV-2001) Explique a ambigüidade da frase sublinhada abaixo.

“Nessa região, a densidade demográfica é muito baixa: há apenas uma pessoa por quilômetro quadrado. É gente que nunca se vê.”

151) (Mack-2007) Há exatamente dois anos, parei de fumar. Desde então, só fumei uns três charutos incompletos. Em casamentos. E dos bons.

Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. A vontade passou. Você está com outra cara. A pele melhorou. O otimismo reacende. Você até acha que o Brasil tem jeito, que o pessoal reclama de barriga cheia. Falando em barriga...

Você não se importa em engordar um pouquinho?

Marcelo Rubens Paiva

Depois de um ano, você é considerado um ex por muitos pneumologistas. Transpondo o trecho acima para a voz ativa, o segmento destacado corresponde a:

a) pode considerá-lo.

b) lhe considerarão.

c) consideram-no.

d) vão estar considerando-o.

e) devem considerar-lhe.

152) (GV-2003) Leia atentamente o texto e responda à questão que a ele se refere.

Pode-se abordar o estudo das organizações asseverando a unicidade de toda estrutura social e evitando qualquer generalização, até que se tenha à mão prova empírica de similaridade bem aproximada. Foi esse o ponto de vista aconselhado à equipe de pesquisa da Universidade de Michigan pelos líderes de quase todas as organizações estudadas. - Nossa organização é única; de fato, não podemos ser comparados a qualquer outro grupo, declarou um líder ferroviário. Os ferroviários viam seus problemas organizacionais como diferentes de todas as demais classes; o mesmo acontecia com os altos funcionários do governo. Os dirigentes das companhias de seguros reagiam da mesma forma, o que também era feito pelos diretores de empresas manufatureiras, grandes e pequenas.

Entretanto, no momento em que começavam a falar de seus problemas, as reivindicações que faziam de sua unicidade tornavam-se invalidadas. Através de uma análise de seus problemas teria sido difícil estabelecer diferença entre o diretor de uma estrada de ferro e um alto funcionário público, entre o vice-presidente de uma companhia seguradora e seu igual de uma fábrica de automóveis. Conquanto haja aspectos únicos em qualquer situação social, também existem padrões comuns e, quanto mais nos aprofundamos, maiores se tornam as similaridades genóticas.

Por outro lado, o teorista social global pode ficar tão envolvido em certas dimensões abstratas de todas as situações sociais que ele será incapaz de explicar as principais origens de variação em qualquer dada situação. O bom senso indica para esse problema a criação de uma tipologia. Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações. Assim, existem organizações voluntárias e involuntárias, estruturas democráticas e autocráticas, hierarquias centralizadas e descentralizadas, associações de expressão e aquelas que agem como instrumentos. As organizações são classificadas de maneira ainda mais comum, de acordo com suas finalidades oficialmente declaradas, tais como educar, obter lucros, promover saúde, religião, bem-estar, proteger os interesses dos trabalhadores e recreação. Adaptado de KATZ, Daniel e KAHN, Robert L., p. 134-135. Psicologia Social das Organizações. São Paulo: Atlas, 1970. Obs.: Asseverando significa afirmando com certeza, assegurando.

Observe o seguinte período: “Nesse caso, são atribuídos às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser feitas generalizações”. Nele, ocorre voz passiva analítica; a voz ativa correspondente está indicada em:

- Nesse caso, são atribuídos (por alguém) certos tipos a respeito dos quais podem fazer-se certas generalizações.
- Nesse caso, (alguém) pode atribuir às organizações certos tipos a respeito dos quais podem ser

feitas generalizações.

- De fato, (alguém) não pode nos comparar a qualquer outro grupo.
- Nesse caso, (alguém) atribui às organizações certos tipos a respeito dos quais (alguém) pode fazer generalizações.
- Nesse caso, atribuem-se às organizações certos tipos a respeito dos quais se podem fazer generalizações.

153) (FGV-2004) Leia atentamente o texto e responda à questão.

- Cita-se com frequência o lado empirista anglo-saxão em face da propensão latina à abstração, ao pensamento conceitual e aos princípios. Henri Poincaré já tinha observado que se ensinava a mecânica (dita “racional” em física) de forma diferente, de acordo com o lado da Mancha de onde se olhava.
- Na França, nós a ensinávamos como a matemática, partindo dos teoremas, dos princípios, da base teórica de onde se derivava e, a seguir, dedutivamente, as conseqüências práticas, assim como os diversos exemplos. Na Inglaterra, ao contrário, partia-se dos fatos experimentais, de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos.
- Bertrand Russel, por sua vez, observava com humor que, na literatura sobre a psicologia animal experimental, os animais estudados pelos americanos agitam-se com frenesi e entusiasmo e, finalmente, atingem, por acaso, o resultado visado. Os animais observados pelos alemães param para pensar e, finalmente, descobrem a solução por um processo voluntário e consciente (...). Uma anedota de origem desconhecida ilustra, igualmente, esta oposição. Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre. Ele coça a cabeça, pensativo, e depois responde: “Provavelmente, pois eu como com bastante frequência.” A mesma pergunta formulada a um italiano, de acordo com a história, provoca a resposta imediata: “Espinafre? Eu adoro!”. Depois, este entusiasta, sendo perguntado quando ele comeu espinafre pela última vez, coça então a cabeça, reunindo suas lembranças para admitir: “Oh! Deve fazer bem uns dez anos!”.
- Cada um pode, facilmente, achar numerosas ilustrações das diferenças entre as formas de pensamento ou de raciocínio dos ingleses e dos latinos. Descobrir as raízes é menos evidente. A comparação das práticas jurídicas oferece um exemplo interessante destas diferenças.
- O direito consuetudinário, tal como está consolidado e perpetuado na common law inglesa, está fundado na tradição. Em cada litígio, para arbitrar, o júri popular procura na memória coletiva da comunidade um “caso” precedente no qual se possa buscar inspiração para julgar equitativamente, por analogia, de acordo com o costume, o caso em questão. É, pois, a partir de um ou de diversos casos similares que se infere a conduta a sustentar, sempre levando em conta as particularidades do caso específico em julgamento.

6. Ao contrário, o direito romano é um direito escrito e abstrato. Um jurista familiarizado com este direito e investido da autoridade do Estado é chamado a julgar as demandas que lhe são feitas e a decidir entre as partes presentes. Ele procura num texto a fórmula jurídica que se aplica a esta situação particular e apresenta sua decisão apoiando-se sobre a jurisprudência.

AMADO, G., FAUCHEUX, c., e LAURENT, A. Mudança Organizacional e Realidades Culturais: contrastes franco-americanos. Em CHANLAT, Jean-François (coord.), O Indivíduo na Organização- Dimensões Esquecidas, vol. II. São Paulo: Atlas, 1994, p. 154-155.

No texto ocorre a concordância entre o verbo e seu sujeito passivo, EXCETO em:

- Pergunta-se a um inglês se ele gosta de espinafre (terceiro parágrafo). ...
- Cita-se com frequência o lado... (primeiro parágrafo).
- ...que se ensinava a mecânica... (primeiro parágrafo).
- ...de onde se inferia, a seguir, por indução, os princípios teóricos (segundo parágrafo).
- ...no qual se possa buscar inspiração...(quinto parágrafo).

154) (ITA-2003) Leia o texto seguinte.

“No dia 13 de agosto de 1979, dia cinzento e triste, que me causou arrepios, fui para o meu laboratório, onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos. Lá, trabalhando com tripanossomas, e vencendo uma terrível dor de dentes...” Não. De saída tal artigo seria rejeitado, ainda que os resultados fossem soberbos. O estilo... O cientista não deve falar. É o objeto que deve falar por meio dele. Daí o estilo impessoal, vazio de emoções e valores:

Observa-se

Constata-se

Obtém-se

Conclui-se.

Quem? Não faz diferença...

(RUBEM ALVES. Filosofia da ciência. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 149)

- Do primeiro parágrafo, que simula um artigo científico, extraia os aspectos da forma e do conteúdo que vão contra a idéia de que “o cientista não deve falar”.
- O autor exemplifica com uma seqüência de verbos a idéia de que o estilo deve ser impessoal. Que estratégia de construção é usada para transmitir o ideal de impessoalização?

155) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou

das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes - mas não penetrava muito longe na sensibilidade.

(...)

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.

Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.

Ariès, Philippe. Historia Social da Criança e da Família. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

pp. 194-6.

- Observe:

(1) “Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura (...)” – voz ativa

(2) Mas a partir do século XVIII, essa mistura não foi mais aceita pelas famílias burguesas ... – voz passiva analítica
Realize a transposição da frase abaixo para a voz passiva analítica, processando modificações, se necessárias:
“O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.”

b) – No texto 1 - Feliz Aniversário, a festa de aniversário da matriarca é motivo para o encontro da família. De acordo com o texto 2, “os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida.” Qual desses três fatores melhor se relaciona com a reunião familiar descrita no texto 1?

Justifique a sua resposta.

156) (PUC - RJ-2007) Na Idade Média, no início dos tempos modernos, e por muito tempo ainda nas classes populares, as crianças misturavam-se com os adultos assim que eram consideradas capazes de dispensar a ajuda das mães ou das amas, poucos anos depois de um desmame - ou seja, aproximadamente, aos sete anos de idade. A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias. O movimento da vida coletiva arrastava numa mesma torrente as idades e as condições sociais, sem deixar a ninguém o tempo da solidão e da intimidade. Nessas existências densas e coletivas, não havia lugar para um setor privado. A família cumpria uma função - assegurava a transmissão da vida, dos bens e dos nomes – mas não penetrava muito longe na sensibilidade.
(...)

A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo da preocupação dos adultos. Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida. As promiscuidades impostas pela antiga sociabilidade lhes repugnam. Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês: a alta nobreza e o povo, situados nas duas extremidades da escala social conservaram por mais tempo as boas maneiras tradicionais, e permaneceram indiferentes à pressão exterior. As classes populares mantiveram até quase nossos dias esse gosto pela multidão. Existe portanto uma relação entre o sentimento da família e o sentimento de classe. Em várias ocasiões, ao longo deste estudo, vimos que eles se cruzavam. Durante séculos os mesmos jogos foram comuns às diferentes condições sociais; a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles: alguns foram reservados aos bem-nascidos, enquanto outros foram abandonados ao mesmo tempo às crianças e ao povo. As

escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas.

Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino primário popular, para colocá-las nas pensões ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram. Os jogos e as escolas, inicialmente comuns ao conjunto da sociedade, ingressaram então num sistema de classes. Foi como se um corpo social polimorfo e rígido se desfizesse e fosse substituído por uma infinidade de pequenas sociedades - as famílias - e por alguns grupos maciços - as classes. As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida. O antigo corpo social único, ao contrário, englobava a maior variedade possível de idades e condições.

Ariès, Philippe. *Historia Social da Criança e da Família*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981. pp. 194-6.

a) Em “a partir do início dos tempos modernos, porém, operou-se uma seleção entre eles (...)”, a palavra se é um pronome apassivador, que constitui também um recurso lingüístico de indeterminação do agente da ação verbal. Transcreva do texto 2 outro exemplo em que a palavra se tenha sido empregada com essa mesma função.

b) Reescreva o trecho a seguir, empregando os sinais de pontuação adequados.

A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna durante muito tempo se limitou aos nobres aos burgueses aos artesãos e aos lavradores ricos ainda no início do século XIX uma grande parte da população a mais pobre e mais numerosa vivia como as famílias medievais com as crianças afastadas da casa dos pais.

157) (Unip-1997) NÃO HOUVE LEPROSA

Não houve lepra, mas há febres por todas essas terras humanas, sejam velhas ou novas. Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifóide, e foi enterrado nas imediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição, tirada do profeta Ezequiel, em grego: "Tu eras perfeito nos teus caminhos". Mandaram-me ambos os textos, grego e latino, o desenho da sepultura, a conta das despesas e o resto do dinheiro que ele levava; pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.

Como quisesse verificar o texto, consulte a minha Vulgata, e achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: "Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação". Parei e perguntei calado: "Quando seria o dia da criação de Ezequiel?" Ninguém me respondeu. Eis aí mais um mistério para ajuntar aos tantos deste mundo. Apesar de tudo, jantei bem e fui ao teatro.

(Machado de Assis - Dom Casmurro)

Colocando-se a oração "... onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição (...) em grego: ...", na voz passiva, obtém-se a forma verbal:

- a) era levantado;
- b) seria levantado;
- c) teria levantado
- d) terão levantado;
- e) foi levantado.

158) (UERJ-2002) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem. Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar.

É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são freqüentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão freqüentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação.

(IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.)

“o Brasil se revela uma vasta desarticulação”

A organização do trecho acima disfarça a condição sintaticamente passiva do termo sujeito. Para remover o disfarce e manter o sentido, deve-se reescrever a sentença da seguinte forma:

- a) O Brasil é percebido de maneira desarticulada.

- b) O Brasil indica sua desarticulação aos brasileiros.
- c) O Brasil é desarticulado em fragmentos dissociados.
- d) O Brasil é mostrado como uma vasta desarticulação.

159) (FATEC-2006) O mundo já dispõe de informação e tecnologia para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres, mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Foi a partir desse pressuposto que a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou no Brasil o Projeto do Milênio das Nações Unidas. A novidade propõe um conjunto de ações práticas para que o mundo alcance os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – uma série de metas socioeconômicas com os países da ONU se comprometerem a atingir até 2015, abrangendo áreas como renda, educação, saúde, meio ambiente.

Uma grande mudança nas políticas globais é necessária em 2005, para que os países mais pobres do mundo avancem para alcançar os Objetivos, alerta o projeto. Se forem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza e 250 milhões não passarão mais fome. O relatório do projeto recomenda que cada país mapeie as principais dimensões da extrema pobreza e faça um plano de ação, incluindo os investimentos públicos necessários. Recomenda também que os governos trabalhem ativamente com todos os segmentos, particularmente com a sociedade civil organizada e o setor privado. “Este triunfo do espírito humano nos dá a esperança e a confiança de que a extrema pobreza pode ser reduzida pela metade até o ano de 2015, e até mesmo eliminada totalmente nos próximos anos. A comunidade mundial dispõe de tecnologias políticas, recursos financeiros e, o mais importante, coragem e compaixão humana para fazer isso acontecer”, diz o coordenador no prefácio do relatório.

(texto adaptado da revista Fórum número 24, de 2005)

Considere as seguintes afirmações sobre trechos do texto: O mundo já dispõe de informação e tecnologia / para resolver a maioria dos problemas enfrentados pelos países pobres, / mas falta implementar esse conhecimento na escala necessária. Nesse período, a relação de sentido entre a 1ª e a 2ª oração é de finalidade: na 3ª oração, a substituição de MAS por CONTUDO matem o sentido do original.

A passagem – problemas enfrentados pelos países pobres – está redigida na voz passiva: sua adequada redação em voz ativa: os países mais pobres enfrentam problemas. Se [os Objetivo] forem alcançados, / mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. A oração que inicia esse período expressa condição em relação à seqüência de idéias expressas.

Caso [os Objetivos] fossem alcançados, mais de 500 milhões de pessoas sairão da pobreza. Essa versão do trecho está redigida de acordo com a norma culta.

Deve-se concluir que está correto o que se afirma em

- a) I e II somente.
- b) II e III somente.
- c) I, II e III somente.
- d) II, III e IV somente.
- e) I, II, III e IV.

160 (FGV-2003) O pronome **se** tem o mesmo significado e a mesma função nas frases abaixo? Explique.

- Os recém-casados **se** amavam intensamente: os olhares que trocaram após a cerimônia anunciaram vivamente a dedicação de cada um ao seu consorte.

- A matrona feriu-**se** ao tropeçar no tapete estendido na varanda.

- Romualdo arrependeu-**se** de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.

161 (FGV-2004) Observe a seguinte oração:

“...os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz.”

- a) Nessa oração, há uma locução verbal. Identifique-a.
- b) Em que voz ela está?
- c) Qual é o verbo principal dessa oração?

162 (UEL-1996) Obtém-se a forma verbal "prejudica-os", transpondo para a voz ativa a frase:

- a) Eles são prejudicados pelos próprios amigos.
- b) Ele vem sendo prejudicado pelos empresários.
- c) Ele é prejudicado pelos sucessivos equívocos.
- d) Eles foram prejudicados pelo chefe.
- e) Eles são prejudicados pela ambição.

163 (UERJ-1997) OS SERTÕES

Preso o jagunço válido e capaz de agüentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava ao trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado atreito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiqueirador; impeli-la por diante, atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; e sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência ou fuga um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até à primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegados, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes. Como se sabia, o supremo pavor dos sertanejos era morrer a ferro frio, não pelo temor da morte senão pelas suas conseqüências, porque

acreditavam que, por tal forma, não se lhes salvaria a alma.

(...) Pronto. Sobre a tragédia anônima, obscura, desenrolando-se no cenário pobre e tristonho das encostas eriçadas de cactos e pedras, cascalhavam rinchavelhadas lúgubres, e os matadores volviam para o acampamento. Nem lhes inquiriam pelos incidentes da empresa. O fato descambara lastimavelmente à vulgaridade completa. Os próprios jagunços, ao serem prisioneiros, conheciam a sorte que os aguardava. Sabia-se no arraial daquele processo sumarríssimo e isto, em grande parte, contribuiu para a resistência doída que patentearam. Render-se-iam, certo, atenuando os estragos e o aspecto odioso da campanha, a outros adversários. Diante dos que lá estavam, porém, lutariam até à morte.

(CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d)

VOCABULÁRIO:

malbaratar-se = desperdiçar

atreito = acostumado

rinchavelhadas = gargalhadas

Observe o emprego dos verbos conhecer e aguardar no trecho:

Os próprios jagunços conheciam a sorte que os aguardava. Reescreva duas vezes (ambas integralmente) o período acima, fazendo, em cada uma das modificações pedidas, apenas as adaptações necessárias.

- a) Transponha a oração principal para a voz passiva.
- b) Substitua o verbo aguardar pela expressão estar reservado.

164 (Unifor-2003) Passando para a voz ativa a frase *O velho foi sendo recolhido a sua inferioridade*, obtém-se a forma verbal

- a) foi recolhido.
- b) estava sendo recolhido.
- c) fora recolhido.
- d) foram recolhendo.
- e) iam recolhendo.

165 (Covest-1997) Reescreva a frase abaixo na VOZ PASSIVA, passando para o PLURAL os substantivos compostos (sublinhados):

O pesquisador capturou o peixe-boi e o gavião-do-mangue e transportou-os para a reserva biológica do IBAMA, a fim de reintegrá-los ao ambiente.

166 (Fuvest-2003) Responda ao que se pede:

- a) Noticiando o lançamento de um dicionário de filmes brasileiros, um jornal fez o seguinte comentário a propósito do filme

“Aluga-se moças”, de 1981: **O título traz um dos maiores erros ortográficos já vistos no cinema brasileiro. O título correto do longa seria “Alugam-se moças”.**

O comentário e a correção feitos pelo jornal são justificáveis do ponto de vista gramatical? Por quê?

b) Ao lado de um caixa eletrônico de um grande banco, pode ser lido o seguinte aviso:

Em caso de dúvida, somente aceite ajuda de funcionário do banco.

Reescreva a frase, posicionando adequadamente o termo sublinhado, de modo a eliminar a ambigüidade nela existente.

167) (IBMEC - SP-2007) Samba do avião
(Tom Jobim)

Minha alma canta
Vejo o Rio de Janeiro
Estou morrendo de saudades
Rio, seu mar, praias sem fim,
Rio, você foi feito pra mim
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Rio de sol, de céu, de mar
Dentro de um minuto
estaremos no Galeão
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro,
Cristo Redentor
Braços abertos sobre a Guanabara
Este samba é só porque
Rio, eu gosto de você
A morena vai sambar
Seu corpo todo balançar
Aperte o cinto vamos chegar
Água brilhando, olha a pista chegando
E vamos nós
aterrar

Das orações abaixo, pode ir para a voz passiva:

- a) “Vejo o Rio de Janeiro...”
- b) “Estou morrendo de saudades...”
- c) “...estaremos no Galeão”
- d) “Rio, eu gosto de você...”
- e) “ A morena vai sambar...”

168) (Fuvest-2004) Texto para a questão a seguir

Olhar para o céu noturno é quase um privilégio em nossa atribulada e iluminada vida moderna. (...) Companhias de

turismo deveriam criar “excursões noturnas”, em que grupos de pessoas são transportados até pontos estratégicos para serem instruídos por um astrônomo sobre as maravilhas do céu noturno. Seria o nascimento do “turismo astronômico”, que complementaria perfeitamente o novo turismo ecológico. E por que não? Turismo astronômico ou não, talvez a primeira impressão ao observarmos o céu noturno seja uma enorme sensação de paz, de permanência, de profunda ausência de movimento, fora um eventual avião ou mesmo um satélite distante (uma estrela que se move!). Vemos incontáveis estrelas, emitindo sua radiação eletromagnética, perfeitamente indiferentes às atribuições humanas. Essa visão pacata dos céus é completamente diferente da visão de um astrofísico moderno. As inocentes estrelas são verdadeiras fornalhas nucleares, produzindo uma quantidade enorme de energia a cada segundo. A morte de uma estrela modesta como o Sol, por exemplo, virá acompanhada de uma explosão que chegará até a nossa vizinhança, transformando tudo o que encontrar pela frente em poeira cósmica. (O leitor não precisa se preocupar muito. O Sol ainda produzirá energia “docilmente” por mais uns 5 bilhões de anos.)
(Marcelo Gleiser, Retalhos cósmicos)

Transpondo-se corretamente para a voz ativa a oração “para serem instruídos por um astrônomo (...)”, obtém-se:
a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
b) para um astrônomo os instruírem (...).
c) para que um astrônomo lhes instruissem (...).
d) para um astrônomo instruí-los (...).
e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

GABARITO

1) Alternativa: A

2) Alternativa: D

3) Alternativa: A

4) Alternativa: D

5) Alternativa: E

6) Alternativa: B

7) Alternativa: D

8) Alternativa: B

9) Resposta: 06

01-F

02-V

04-V

08-F

16-F

32-F

64-F

10) Alternativa: A

11) a) **não se** favoreçam humildes, **não se** amparem fracos, **não se** sirvam donzelas, **não se** cumpram palavras, **não se** guardem juramentos e **não se** satisfaçam boas obras.

b) Soberbos.

O verbo - *destruam* - está concordando com *soberbos*, e o verbo concorda com o sujeito.

12) Alternativa: A

13) a) aos assessores de Itamar

b) porque achar está no plural, dando a impressão de que abusa e acham têm o mesmo sujeito

c) a concordância de abusa se faz com o relativo quem, que exige a terceira pessoa singular

14) Alternativa: B

15) Alternativa: A

16) Alternativa: A

17) Alternativa: B

18) Alternativa: A

19) O sujeito da frase 1 é "Eu" e a declaração é feita sobre o objeto direto; na segunda frase, o sujeito é "nós" e a

declaração é feita sobre o objeto indireto, "dessa água". Essas duas orações contrariam a definição "clássica" de sujeito, mostrando suas falhas. Poderíamos definir sujeito, seguindo as orientações de Ulisses Infante em sua *Gramática Aplicada aos Textos*, como o termo que desempenha uma função sintática, estabelecendo uma relação de concordância verbal entre ele e o verbo que ele conjuga. Poderíamos ainda dizer que o sujeito é uma função substantiva da oração, por ser desempenhada por substantivos.

INFANTE, Ulisses. **Gramática Aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 1995.

20) Alternativa: D

21) a) Sim. Nas duas construções a palavra **alma** significa 'essência', 'condição primordial para a existência', 'força motriz'.

b) O negócio é a alma da propaganda.

22) Incorreta. O pronome *se*, acompanhando o verbo *tratar*, um Verbo Transitivo Indireto, comporta-se como Índice de Indeterminação do Sujeito. Assim, não faz sentido a presença de *este livro*, que na frase desempenha o papel de sujeito. Uma possível adaptação à norma culta seria: *Este livro é a melhor forma de você se divertir sem gastar muito*.

23) Alternativa: B

24) Alternativa: D

25) Alternativa: B

26) Alternativa: A

27) Alternativa: A

28) Alternativa: D

29) Alternativa: A

30) Alternativa: C

31) Sem resposta correta.

Embora a GV tenha dado a alternativa E como correta, é plenamente possível aceitar a vírgula após a conjunção *e*, visto que após ela há a intercalação de uma oração adverbial.

32) Rita (está elíptico, subentendido).

- 33) Na primeira, *Fabrcio* funciona como núcleo do sujeito do verbo *voltou*, e *pedreiro* como aposto de *Fabrcio*. Já na segunda ocorre o inverso, *pedreiro* é o núcleo do sujeito e *Fabrcio*, o aposto.
- 34) O sujeito está oculto ou elíptico (eles), referindo-se a lexicólogos e editores. O objeto direto é “a entrada de uns quantos milhares de palavras novas”.
- 35) Alternativa: E
- 36) Alternativa: C
- 37) Alternativa: B
- 38) Alternativa: C
Embora o pronome relativo *que* esteja substituindo o caso *triste*, na oração do verbo *desenterra* o pronome é o sujeito.
- 39)
- 40) Belas aves abundavam nesta pequena ilha.
- 41) Alternativa: E
- 42) Alternativa: A
- 43) Alternativa: A
- 44) Alternativa: C
- 45) Alternativa: B
- 46) Resposta: 18
- 47) Alternativa: E
- 48) Várias orações no texto apresentam inversão na ordem sujeito-verbo: “O que é o homem?”, “O que é a existência?”, “...murcharam, como nossas faces, as nossas esperanças...”, “...lampejavam-lhe olhos pardos...”. Na oração dada, passando-se o verbo no imperativo para a terceira pessoa do plural, tem-se: Se houver mais uma taça na sua mesa, encham-na até às bordas e beberei com vocês (ou com os senhores).
- 49) Alternativa: A
- 50) Alternativa: D
- 51) Alternativa: B
- 52) Alternativa: D
- 53) Alternativa: B
- 54) Alternativa: A
- 55) Alternativa: C
- 56) Alternativa: B
- 57) Alternativa: B
- 58) Alternativa: C
- 59) Alternativa: D
- 60) Alternativa: E
- 61) Alternativa: D
- 62) Alternativa: C
- 63) Alternativa: C
- 64) Alternativa: E
- 65) Alternativa: D
- 66) Alternativa: C
- 67) Alternativa: C
- 68) Alternativa: C
- 69) Alternativa: B
- 70) Alternativa: E
- 71) Alternativa: C
- 72) Resposta: 24
01-F
02-F
04-F
08-V
16-V
32-F
64-F
- 73) Alternativa: C
- 74) Alternativa: D
- 75) Alternativa: D
- 76) Alternativa: D

77) Alternativa: A

78) a) objeto direto

b)

Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo:

Vem, ó Marília, vem lograr comigo a beleza destes
campos, o abrigo destas copadas árvores.

79) Alternativa: D

80) Alternativa: A

81) Alternativa: C

82) Alternativa: A

83) a) No terceiro período - “que a transformou, a essa técnica, em si mesmo” - o pronome *a* está substituindo o termo ‘a técnica artística’, anteriormente mencionado.

Assim, a presença do termo ‘a essa técnica’ juntamente com o pronome *a* é redundante sintaticamente.

b) Para evitar que ela fosse lida como o sujeito da oração.

84) a) “certas situações”.

b) O pronome “as” e o seu antecedente, “certas situações”, têm a mesma função sintática: objeto direto do verbo resignar.

85) Alternativa: D

86) Alternativa: D

87) Alternativa: A

88) Alternativa: B

89) Alternativa: C

90) Alternativa: A

91) O verbo “comer”, no sentido de engolir para se alimentar, ingerir alimentos, pressupõe um sujeito agente e um complemento que especifica o tipo de alimento ingerido.

Esse sentido e essa regência do verbo ocorrem na frase: “comeu pipocas”.

Na frase “comeu muito”, o sentido básico é o mesmo (engolir alimentos) com uma diferença: com o apagamento do objeto, o verbo se torna intransitivo e o significado se

concentra na ação verbal, não importando o objeto específico.

92) Em a), ladrão funciona como o Objeto Direto de pegar. É, portanto, aquele que deve ser pego. Já em b), ladrão funciona como Vocativo. É, portanto, aquele a quem se dirige o falante. Pode, neste caso, também ser interpretado como uma justificativa para a oração anterior.

93) Alternativa: E

94) Alternativa: D

95) Alternativa: A

96) Alternativa: A

97) Alternativa: A

98) Alternativa: C

99) Alternativa: D

100) Alternativa: E

101) Alternativa: D

102) a) A manchete “Reino Unido pode taxar *fast-food* contra obesidade” pode ser interpretada das seguintes maneiras:

- o governo do Reino Unido, para combater a obesidade dos cidadãos, pode taxar *fast-food*;
- o governo pode taxar *fast-food* que combate a obesidade.

b) Levando em conta o contexto e o conhecimento que se tem do mundo, só se pode interpretar que o governo do Reino Unido taxará *fast-food* com a finalidade de combater a obesidade da população.

103) O termo “com a migração dos investimentos” expressa circunstância de causa (provoca como efeito o surgimento de novos desafios).

104) Alternativa: D

105) Alternativa: A

106) Alternativa: A

107) a) A palavra **amanhã** funciona como Adjunto Adverbial. Como é uma palavra pequena e vem intercalada na oração, há duas possibilidades de pontuação:

- isolando a palavra **amanhã**, com uma vírgula antes e outra depois;
 - eliminando-se a vírgula após **amanhã**, para que se evite a separação de termos essenciais da oração (verbo *assistir* e seu complemento *revista eletrônica*).

b) **Sem** a vírgula, imagina-se a existência de **vários** tipos de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* torna-se uma oração subordinada adjetiva **restritiva**; **com** a vírgula, imagina-se só haver **um** tipo de “revista eletrônica feminina”, pois a oração *que é a referência do gênero na TV* passa a ser oração subordinada adjetiva **explicativa**.

108) Alternativa: A

109) Alternativa: C

110) Alternativa: D

111) Alternativa: C

112) Alternativa: C

113) Alternativa: C

114) Alternativa: A

115) No primeiro, a casa está especificada pelo adjunto adnominal *da cartomante*. Já na segunda, com a ausência do artigo ou de algum outro adjunto adnominal, a casa não mais é especificada, passando-se a subentender a casa como sendo a do próprio Camilo.

116) Alternativa: A

117) Alternativa: C

118) Alternativa: D

119) a) forma (funciona com Predicativo do Sujeito)
 b) O naturalismo é a forma científica que toma a arte. A república é a forma política que toma a democracia. O positivismo é a forma experimental que toma a filosofia.

120) Alternativa: C

121) Alternativa: C

122) Alternativa: E

123) Alternativa: D

124) Item A. : V – V – F – F – F – V – F;

Item B: comparativo, explicativo;

Item C, uma frase como “Era na Trindades que a personagem **Bisneto** mais gostava de viver ou O menino Bisneto viera gêmeo com uma menina.”

125) a) As expressões “cauda daquele tempo” e “olhos do futuro” remetem à profecia do avô de que, um dia, a narradora veria “a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010”. A expressão “cabeça nas nuvens”, enfatiza as características referentes ao espaço celeste, característicos dos devaneios provocados na narradora pela conversa.

b) O aposto “um camponês” sugere que cada avô interferia de um modo diferente na visão de mundo da menina: Leone, o “astrônomo”, levava-a para o espaço etéreo do céu, das nuvens, das estrelas, dos sonhos - por isso ela olha para o céu; Vincenzo, “o camponês”, fazia-a voltar os olhos para o chão, para a terra, retornando ao plano da realidade.

126) Alternativa: A

127) a) Iracema é descrita como uma mulher guerreira, forte, honrada, gentil... Em suma, é o índio idealizado pelo Romantismo.

b) Iracema chama Martim de “Guerreiro branco”. O uso deste vocativo revela que Iracema via Martim também como um guerreiro. Já Martim chama Iracema de “filha das florestas”, o que evidencia a visão de que a índia era para ele parte inerente da natureza.

128) Alternativa: B

129) A recorrência do uso de possessivos: o Sábado era seu (“seu Sábado”), sua mulher, seu filho. A evocação da mulher, sob a forma do vocativo: “Catarina!” (...)
 “Catarina!”.

130) Alternativa: D

131) Alternativa: D

132) Alternativa: A

133) Alternativa: E

134) Alternativa: A

135) Alternativa: B

136) Alternativa: B

137) a) Se eu não **estivesse** atento e **não tivesse** olhado o rótulo, o paciente teria morrido.

b) Ambientalistas defendem a ecologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia, como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento.

Obs: Há outras ordens possíveis, tal como:
Como maneira de viabilizar formas alternativas de desenvolvimento, ambientalistas defendem a ecologia, combinação de princípios da economia, sociologia e ecologia.

138) Alternativa: A

139) Alternativa: B

140) Alternativa: C

141) Alternativa: A

142) Alternativa: A

143) Alternativa: D

144) Alternativa: D

145) Alternativa: B

146) A passagem pode ser reescrita, na voz passiva, das seguintes maneiras:

- retorno do capital que foi investido (voz passiva analítica);
- retorno do capital que se investiu (voz passiva sintética).

147) O último período do texto – "A antiga superalimentação é condenada" – reescrito na voz passiva sintética fica "Condena-se a antiga superalimentação". O uso da voz passiva sintética permite o distanciamento do enunciador, uma vez que, nessa estrutura, o enunciador ou agente da ação (agente da passiva) não vem expresso. Tal recurso é adequado à natureza do texto, de caráter informativo e científico.

148) a) Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada no rádio por vozes bem afinadas.

b) 'novinhas em folha' está associado a 'as rosas desabrocham' e 'resplandecentes' a 'com a luz do sol'.

149) Reescrevendo a frase na voz passiva (analítica) com agente expresso, tem-se:
A entrega de mais de 1000 imóveis está sendo comemorada pela X Consórcios.

150) A expressão *É gente que nunca se vê*, pode ser interpretada de forma reflexiva recíproca, ou seja, uma pessoa não vê a outra, ou de forma apassivada, ou seja, as pessoas não são vistas.

151) Alternativa: C

152) Alternativa: D

153) Alternativa: D

154) a)

De forma:

Uso da primeira pessoa: *me, fui, pendurei, meus*

De conteúdo:

Digressão: *onde, por sinal, pendurei uma tela de Bruegel, um dos meus favoritos.*

Subjetividade e emotividade: *dia cinzento e triste, um dos meus favoritos*

Apresentação dos sentimentos e estados do cientista: *me causou arrepios, uma terrível dor de dentes*

b) O uso da voz passiva sintética, em que o agente é indeterminado.

155) a) Ao contrário, a maior variedade possível de idades e condições era englobada pelo antigo corpo social único.
b) O costume é o fator que se relaciona com o texto 1. No conto, as personagens reúnem-se apenas para atender a um costume, a uma regra social: a comemoração do aniversário da matriarca da família. Não havia sentimento que as mobilizasse para esse encontro, e seus valores e estilos de vida eram completamente diferentes.

156) a) "Compreende-se que essa ascendência moral da família tenha sido originariamente um fenômeno burguês(...)"

b) A evolução da família medieval para a família do século XVII e para a família moderna, durante muito tempo, se limitou aos nobres, aos burgueses, aos artesãos e aos lavradores ricos. Ainda no início do século XIX, uma grande parte da população, a mais pobre e mais numerosa, vivia como as famílias medievais, com as crianças afastadas da casa dos pais.

157) Alternativa: E

158) Alternativa: D

159) Alternativa: C

160) Em "*Os recém-casados se amavam intensamente*", o se é pronome reflexivo-recíproco e exerce a função sintática de objeto direto .

Em "*A matrona feriu-se ao no tapete estendido na varanda*", o se é pronome reflexivo (mas não recíproco) e também exerce a função sintática de objeto direto.

Em "*Romualdo arrependeu-se de ter tocado no tema, especialmente diante de Marisa.*", o se é parte integrante do verbo (também conhecido como pronome fossilizado) e não exerce nenhuma função sintática.

Conclusão: o pronome não tem o mesmo significado nem a mesma função sintática nas três frases.

- 161) a) A locução verbal é haviam sido empurrados.
b) A oração está na voz passiva analítica.
c) O verbo principal é empurrar.

162) Alternativa: A

- 163) a) A sorte que os aguardava era conhecida pelos próprios jagunços
b) Os próprios jagunços conheciam a sorte que lhes estava reservada.

164) Alternativa: D

165) Os peixes-boi e os gaviões-do-mangue foram capturados pelo pesquisador e transportados para a reserva biológica do IBAMA, a fim de serem reintegrados ao ambiente.

Obs: o dicionário Aurélio registra também a forma peixes-bois.

- 166) a) O Comentário não é justificável, mas a correção sim.
O problema apresentado no título do filme é de concordância verbal, não se trata portanto de um erro ortográfico. No entanto a correção é adequada, uma vez que o verbo *alugar* deve concordar com o seu sujeito passivo *moças*.
b) Em caso de dúvida, aceite ajuda somente de funcionário do banco.

167) Alternativa: A

168) Alternativa: D